



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

SALVADOR MAU HUNO JOSÉ

**Acompanhamento espiritual juvenil no
carisma de Dom Bosco
Uma reflexão no âmbito da Teologia Espiritual**

Dissertação Final
sob orientação de:

Prof^a. Doutora Teresa de Jesus Rodrigues Marques de Sousa
Messias

Lisboa
2021

AGRADECIMENTOS

No termo deste meu trabalho é justo que agradeça a todos: instituições, universidade, colegas e amigos, que contribuíram para a sua concretização.

As minhas primeiras palavras de agradecimento vão para a Doutora Teresa Messias, pela disponibilidade, contributos e sugestões recebidos, fruto do seu conhecimento e experiências, bem como pelo apoio científico, pedagógico e humano, desde o primeiro dia da elaboração deste trabalho. Foi uma aventura em que embarquei, quer nos momentos de mais empenho e trabalho, quer principalmente nos momentos de desânimo onde senti a força suficiente para continuar. Sem a sua persistência e delicada paciência teria sido impossível apresentar este trabalho. Apraz-me ainda salientar a abertura que sempre demonstrou às reflexões pontuais que a sequência do trabalho foi ditando, bem como a permanente disponibilidade em me orientar nas interrogações que me foram surgindo na caminhada que foi a elaboração do mesmo.

Não seria justo comigo mesmo não recordar e agradecer o apoio e as facilidades concedidos pela Universidade Católica Portuguesa, através da Faculdade de Teologia durante os inesquecíveis anos em que tive oportunidade de estudar. Agradecimento à Diretora da Faculdade de Teologia e a toda a equipa formadora bem como a todos os meus professores que caminharam comigo nesta bela etapa de estudos. Foi cansativo, mas senti uma preocupação geral por parte de cada um de nós.

A nível individual, queria manifestar a minha gratidão ao Sr. André de Jesus Gomes (coordenador dos estudantes de teologia e membro da Sociedade de S. Francisco de Sales), pela sua simpatia, apoio, dedicação, pelo seu amor e testemunho de vida consagrada. Que Deus recompensa tudo no céu. Ao Sr. Manuel Filipe Lourenço (membro da Sociedade de S. Francisco de Sales ou Salesiano) pela paciência e colaboração no trato do serviço administrativo tanto da UCP como no ISTE. Ao Pe. Simão Cruz (Diretor dos Salesianos de Évora), ao Prof. Vítor Fialho (Prof. Português e História dos Salesianos de Évora) e ao Sr. José Armando Gomes (membro da Sociedade de S. Francisco de Sales ou Salesiano) pela disponibilidade e colaboração na correção da estrutura e do Português.

Cumpr-me também agradecer aos jovens aspirantes e pré-noviços do Estoril e aos Salesianos jovens estudantes de teologia que me inspiraram a escolha deste tema do acompanhamento espiritual, pela amizade, pelas ideias e pelo trabalho que partilhámos,

pelos momentos que me preencheram o coração e pelo muito que me deram durante estes dois anos que convivemos juntos nos Salesianos do Estoril e de Évora.

Sem o apoio conjugado de pessoas e instituições não teria conseguido, sequer, estímulo para levar por diante este trabalho, tendo em conta as tarefas diárias e a missão pastoral no Colégio Salesianos de Évora.

Não fiz esta caminhada sozinho: ela tem muito de cada um de vós. Cada palavra, cada parágrafo e cada linha refletem muito da vossa ajuda. Para todos, aqui fica a minha gratidão.

Por último, mas como disse Jesus «os últimos serão os primeiros», aqui vai um sincero, especial e enorme “obrigado” aos salesianos do Estoril na pessoa do Pe. Artur Pereira (Diretor da comunidade), ao ISTE (Instituto Superior de Teologia de Évora), aos meus pais e irmãos, a Província Portuguesa da Sociedade Salesiana e Visitadoria de S. Calisto Caravário de Timor e da minha Comunidade Salesiana de Évora por toda a paciência, carinho, estímulo e apoio, sem os quais nada teria sido possível. A todos e a cada um, em particular, que Deus nosso Pai vos recompense pela compreensão que tiveram comigo.

ÍNDICE

Folha de rosto	1
agradecimentos	2
Índice	4
Resumo	6
Abstract	7
Abreviaturas.....	8
Introdução.....	9
Capítulo I – BIOGRAFIA SUMÁRIA DE S. JOÃO BOSCO.....	11
1. Contexto histórico do século XIX na Europa e na Itália	11
1.1.Contexto histórico do século XIX na Europa e na Itália	13
1.2.A intervenção política de Napoleão na vida eclesial	16
2. Traços biográficos de S. João Bosco	19
2.1.A terra natal e a família de Dom Bosco	20
2.2. Experiência de infância e a morte do pai	21
2.3. João Bosco no Seminário de Chieri	24
2.4. O Oratório – Lugar de oração	26
2.5. Fundação da Sociedade de S. Francisco de Sales	29
3. Experiência espiritual de S. João Bosco – nascimento de um carisma	31
3.1. Encontro de João Bosco com o P. João Calosso e o P. José Cafasso	32
3.2. Nascimento de um carisma	35
Capítulo II – O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL DOS JOVENS COMO CARISMA	41
1. Carisma que seduz e leva a uma experiência espiritual dos jovens	45
1.1. Só se cresce no amor e fazer-se amar	46
1.2. Todo o carisma de Dom Bosco assentava no amor do Bom Pastor	49
1.3. A alegria e o otimismo estão também no centro do carisma de Dom Bosco	51
2. Carisma que leva ao amadurecimento da fé dos jovens	54
2.1. O trinómio: Razão, Religião e Amabilidade	58
2.1.1. O primeiro trinómio: A razão	61
2.1.2. O segundo trinómio: A religião	63
2.1.3. O terceiro trinómio: A <i>Amorevolezza</i>	65

2.2. A importância dos sacramentos para Dom Bosco	67
2.3. A devoção ao Papa.....	70
3. Carisma que ultrapassa o individualismo e conduz ao grupo, à comunhão	72
3.1. No carisma de Dom Bosco, a família, a casa é basilar	74
3.2. Os jogos e o pátio	76
3.3. As «Companhias» e as sociedades	78
3.3.1. A Sociedade da Alegria	79
3.3.2. Luís Comollo – companheiro de João Bosco	80
3.3.3. Companhia da Imaculada Conceição	82
Capítulo III - ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL DOS JOVENS CONTEMPORÂNEOS: OS DESAFIOS E A FORMAÇÃO DO ACOMPANHANTE	86
1. O desafio da pós-modernidade no acompanhamento espiritual juvenil	86
1.1. O desafio do afastamento – alheamento	92
1.2. O desafio da irrelevância da fé na vida e na cultura	95
1.3. O desafio da vida	98
2. A necessidade da formação do acompanhador espiritual	100
2.1. Criação de um ambiente educativo e organizado	100
2.2. A necessidade da formação do acompanhante espiritual juvenil	103
3. Acompanhamento espiritual na experiência cristã	105
Conclusão	112
Bibliografia	116

RESUMO

Abordei, essencialmente e como principal meta deste trabalho, o acompanhamento espiritual juvenil no carisma de Dom Bosco, como algo necessário a ser pensado e refletido, pois faz parte de um universo muito vasto, que é constituído pela família, pela escola e pela Igreja.

Mais do que pretender criticar ou desvalorizar a sociedade onde estamos inseridos, ao longo deste trabalho tento enquadrar melhor o meu campo de atuação, e refletir sobre a importância do acompanhamento espiritual dos jovens no seu crescimento e na sua educação, e estabelecer algumas metas de ação para o mesmo. Faço também uma abordagem a este tema, bem como o seu contributo específico para a formação do ser humano, especialmente dos jovens, e das suas vantagens no sistema educativo, o que pode vir a contribuir para concretizar um bom acompanhamento espiritual dos jovens.

Este meu trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro, apresento a Biografia Sumária de S. João Bosco. Procuo apresentar a figura de S. João Bosco (1815 – 1888) e, com isso, expor o contexto em que ele viveu, os seus traços biográficos, a sua experiência espiritual e o nascimento de um carisma. No segundo capítulo, abordo essencialmente O Acompanhamento Espiritual dos jovens como Carisma, a partir da experiência espiritual de S. João Bosco, de onde decorrem linhas claras para um acompanhamento espiritual dos jovens, tema tão urgente e crucial no mundo atual. Neste capítulo, procuro também mostrar como o carisma de S. João Bosco continua ainda hoje a ser inteiramente eficaz para um acompanhamento espiritual dos jovens. Faço algumas considerações em torno desse carisma: carisma que seduz e leva os jovens a uma experiência espiritual; carisma que ultrapassa o individualismo e conduz ao grupo e à comunhão; carisma que leva ao amadurecimento da fé dos jovens. No terceiro capítulo, e como consequência do segundo, apresentarei o tema do Acompanhamento Espiritual dos jovens contemporâneos: os desafios e a formação do acompanhante espiritual juvenil. Como se poderá ver, o intuito deste trabalho centra-se nos desafios do acompanhamento espiritual dos jovens contemporâneos. O que significa hoje, em última análise, empenharmo-nos na formação para o acompanhamento espiritual? Abre-se aqui um campo muito vasto de reflexão. Por isso, neste capítulo procuro examinar dois aspetos: primeiro, o desafio da pós-modernidade; segundo, a necessidade da formação do acompanhante espiritual juvenil.

Esta dissertação não serve apenas para a conclusão do meu curso de Teologia, mas serve, essencialmente, para fazer uma autoavaliação crítica e ponderada da minha vocação, e para refletir com mais profundidade sobre a minha missão de acompanhamento espiritual juvenil, como religioso e como sacerdote salesiano, tendo na minha mente como finalidade principal aquela que nos deixou D. Bosco: a salvação das almas dos jovens, especialmente os mais pobres e necessitados.

PALAVRAS-CHAVE: Acompanhamento. Espiritual. Jovens. Experiência Espiritual e Nascimento de um Carisma.

ABSTRACT

I have approached, essentially and as the main goal of this work, the youthful spiritual accompaniment in don Bosco's charism as something necessary to be thought and reflected, for it is part of this universe so vast that it is made up of family, school and Church.

Instead of criticize or devalue the society where we are inserted, throughout this work, I try to frame my field of activity, the importance of spiritual accompaniment towards young people, in the growth and education of young people as well as the establishment of some goals of action for it. I also take an approach on this subject and its specific contribution to the formation of the human being - especially young people and their advantages in the education system, which, in my view, can contribute to achieving a good spiritual accompaniment of youngsters.

This work is divided into three chapters. In the first chapter, I present the Summary Biography of St. John Bosco. Within this chapter, I try to present the figure of St. John Bosco (1815–1888) as well as the context in which he lived, the biographical features of his life, his spiritual experience and the birth of a charism. In the second chapter, I essentially approach the Spiritual Accompaniment of Young People as Charism, based on the spiritual experience of St. John Bosco, from which the clear lines for spiritual accompaniment of young people take place (a crucial topic in today's world. In this second chapter, I also try to display how the charism of St John Bosco still continues today to be entirely effective for the spiritual accompaniment of young people. Therefore, I establish some considerations about this charism: a charism that seduces and leads to a spiritual experience of young people; a charism that goes beyond individualism and leads to group, to communion; a charism that leads to the maturing of the faith of young people. In the third chapter, and as a consequence of the second one, I will present the theme of the Spiritual Accompaniment of Contemporary Young People: the Challenges and the Formation of the Youth Spiritual Companion. As one can observe the purpose of this work is to focus on the challenges of spiritual accompaniment of contemporary young people. What does it mean today, ultimately, to engage in formation for spiritual accompaniment? A very wide field of reflection opens here. Hence, in this section I try to examine two aspects: first, the challenge of postmodernity; second, the need for the formation of the youthful spiritual companion.

This dissertation is not only for the conclusion of my theology course, but, essentially, it serves to develop a more critical and thoughtful self-assessment of my vocation, and to reflect more deeply on my mission of youth spiritual accompaniment, as a religious and as a Salesian priest, having in my hands the main purpose of that which left us Don Bosco: the salvation of the souls of young people, especially the poorest and neediest.

KEYWORDS: accompaniment. Spiritual. Young. Spiritual Experience and birth of a Charism.

ABREVIATURA / SIGLAS

AAS – Acta Apostolicae Sedis

A.O. – Apostolado da Oração

Art. – Artigo

ASS - Acta Sanctae Sedis

Cf. – Confere/conferir

D. - Dom

Ediz. – Edizione

EDB – Editoria de Dom Bosco

GS - Constituição Pastoral Gaudium et Spes do Concílio Ecuménico Vaticano II

ISS - Instituto Histórico Salesiano

LAS – Libreria Ateneo Salesiano

LG – Lumen Gentium

N.º - Número

N.ºs – Números

O.F.M. – Ordem dos Frades Menores (Ordo Fratrum Minorum)

SC – Sacrosanctum Concilium

Séc. – Século

SEI – Società Editrice Internazionale

SJ – Societas Jesu

Tip. – Tipografia

Vol. – volume

INTRODUÇÃO

A sociedade atual está em constantes mudanças. Hoje em dia requerem-se muitas competências para que os adultos estejam mais atentos aos jovens e adolescentes, também eles em constantes mutações.

Mais do que pretender criticar ou desvalorizar a sociedade em que estamos inseridos, ao longo do estudo que aqui apresento tentei elaborar melhor o meu campo de trabalho, isto é, refletir sobre a importância do acompanhamento espiritual juvenil.

Fundamentalmente e como principal meta deste trabalho, abordei o acompanhamento espiritual juvenil no carisma de Dom Bosco, como algo que é necessário ser pensado e refletido, pois está inserido num universo muito vasto, formado pela sociedade, pela família e pela escola.

O método que usei para elaborar este trabalho baseou-se na pesquisa bibliográfica de fontes publicadas, a fim de recolher informações e conhecimentos acerca do tema do Acompanhamento Espiritual Juvenil no Carisma de Dom Bosco, pondo em diálogo diferentes dados e autores. E também, integrei nesta pesquisa dados históricos e sociológicos relativos à época histórica em que nasceu D. Bosco e os dados da revelação cristã.

Este trabalho consta de três capítulos.

No primeiro, apresento a biografia sumária de S. João Bosco. Nele, procuro compreender a figura de S. João Bosco (1815 – 1888). Para tal, vou apresentar o contexto em que ele viveu, os seus traços biográficos e a sua experiência espiritual. Dessa forma, procuro investigar o nascimento de um carisma.

No segundo capítulo, abordo essencialmente o acompanhamento espiritual dos jovens como carisma. Mergulhando na experiência espiritual de S. João Bosco, encontro linhas claras para o acompanhamento espiritual dos jovens, tema tão urgente e crucial no mundo atual. Neste capítulo procurarei mostrar como o carisma de S. João Bosco continua ainda hoje a ser perfeitamente eficaz para o acompanhamento espiritual dos jovens. E faço algumas constatações acerca do carisma: é um carisma que seduz e leva a uma experiência espiritual dos jovens; é um carisma que ultrapassa o individualismo e conduz ao grupo, à comunhão; é um carisma que leva ao amadurecimento da fé dos jovens.

No terceiro capítulo, e como uma consequência do segundo, tratarei do acompanhamento espiritual dos jovens contemporâneos, tendo em vista identificar os desafios postos ao acompanhante espiritual e os elementos que a sua formação pressupõe.

O que significa hoje, em última análise, empenharmo-nos na formação para o acompanhamento espiritual? Abre-se aqui um campo muito vasto de reflexão. Por isso, procuro examinar três aspetos: o desafio da pós-modernidade, a necessidade da formação do acompanhante espiritual juvenil e o acompanhamento espiritual na experiência cristã.

Para mim, escrever uma tese não é uma tarefa fácil, uma vez que exige competência, criatividade e, claro, motivação para a iniciar e levar a bom termo.

A elaboração desta minha dissertação foi marcada por diversas agitações e por algumas circunstâncias pessoais que influenciaram o ritmo do trabalho e os seus resultados, nomeadamente a necessidade de a articular com o trabalho pastoral e as exigências da missão, além dos limites e das dificuldades encontradas, pelo facto de não conseguir outras fontes bibliográficas, que não fossem em italiano, inglês e espanhol. A elaboração desta dissertação não foi executada no tempo previamente definido, facto a que não está alheia alguma ocasional falta de motivação ou até desânimo, pelas razões acima referidas. Mas, com o estímulo e a orientação da minha orientadora e o apoio dos meus irmãos da comunidade salesiana, encontrei um bom caminho que me motivou para continuar a trabalhar.

Esta dissertação não serve apenas para a conclusão do meu curso de Mestrado Integrado em Teologia. Serve também, e principalmente, para fazer uma autoavaliação mais crítica e ponderada da minha vocação, e para refletir com mais profundidade sobre a minha missão de acompanhamento espiritual juvenil, como religioso e como sacerdote salesiano, tendo na minha mente como principal desafio aquele que foi deixado por D. Bosco: a salvação das almas dos jovens.

CAPÍTULO I

BIOGRAFIA SUMÁRIA DE S. JOÃO BOSCO

Neste primeiro capítulo, procuramos compreender a figura de S. João Bosco (1815 – 1888) e, com isso, vou apresentar o contexto em que ele viveu, traços biográficos da sua vida e a sua experiência espiritual. Procurei investigar o nascimento de um carisma.

1. Contexto histórico do século XIX na Europa e na Itália

O mundo multilateral e a economia global que se foram configurando entre as últimas décadas do século XVIII e os inícios do século XIX obrigaram a Europa a reorganizar e a renovar-se.

No início do século XIX observaram-se desenvolvimentos nas ciências naturais e mecânicas, na estrutura da sociedade e no estudo da história. Na Europa, a expressão revolução como por exemplo, a “Revolução Francesa”¹ e a “Revolução Industrial”², era usual para significar rápidas e intensas transformações sociais.

A revolução francesa, foi mesmo uma revolução sangrenta (bélica) e foi um período de intensa agitação política e social na França, que teve um impacto duradouro na história do país e, mais amplamente, em todo o continente europeu. Surgiu para derrubar a estrutura social do *Antigo Regime*³, para transformar uma sociedade marcada pelos privilégios políticos dos grupos sociais, numa sociedade de pessoas iguais perante a lei e onde o modelo político de monarquia absoluta, foi substituído pelo governo representativo⁴. E esta revolução, preparada e apoiada pela cultura iluminista, impôs, num mundo cada vez mais amplo e variado, a separação entre religião e política.

Ao mesmo tempo, a Revolução Industrial, surgiu para reconfigurar o relacionamento da humanidade com a natureza, isto é, apoiada em máquinas que recorriam à energia armazenada na terra (no carvão e no petróleo) para produzir tudo,

¹ Entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799. Cf. L. GRAÇA, *Elementos de história moderna e contemporânea*, 2ª edição, Editora da UCP, Lisboa, 1999, 19.

² Na década de 20 do século XIX. Cf. L. GRAÇA, *Elementos de história moderna e contemporânea*, 59.

³ *Ancien Régime* – expressão atribuída a Mirabeau, que a teria usado numa carta enviada a Luís XVI, logo no início dos acontecimentos revolucionários. Queria ele fazer referência às instituições e costumes que, da monarquia absoluta ao que subsistia de feudalismo, caracterizavam a sociedade francesa anterior à movimentação revolucionária. Como lhe foi necessário estabelecer o contraste com as novas realidades que se iam verificando em França, socorreu-se, então, da expressão Antigo Regime. É por analogia que o termo se tem aplicado à ordem de coisas anteriores a uma revolução. Cf. L. GRAÇA, *Elementos de história moderna e contemporânea*, 19.

⁴ L. GRAÇA, *Elementos de história moderna e contemporânea*, 19.

desde tecido baratos a comida enlatada e até fabricar outras máquinas⁵. Esta revolução deu a milhões de pessoas na Europa e na América acesso a vestuário bem confeccionado, artigos domésticos e diversões que antes não podiam sequer sonhar desfrutar. E isto a par de práticas agrícolas aperfeiçoadas, leis mais firmes e um governo menos opressivo. Mas, a extraordinária transformação provocada pela esta revolução faz com que a segunda metade do século XIX seja uma época nova de profunda mudança⁶, isto é, o mundo passa a ser o das realidades interdependentes que as relações económicas unem, mas de forma comandada pela Europa.

“É a Europa que marca o ritmo da circulação de pessoas e bens, das aquisições tecnológicas, e os países europeus são ou tendem a ser economias industriais onde, a par dos progressos agrícolas resultantes da mecanização e dos adubos químicos, a lenta substituição do ferro pelo aço faz metal o emblema do progresso e é nela que passam a verificar-se as grandes inovações.”⁷

No entanto, a história da Europa começou desde o início do século XIX quando ocorreram grandes modificações políticas e económicas na Europa: a evolução económica e social que vimos, (...) como sistema doutrinal plenamente estruturado no início do século XIX⁸.

Neste sentido,

“As mudanças políticas e sociais, acontecidas sobretudo nos países da Europa mais avançados em termos de industrialização, geraram margens de conflitualidade inesperadas, ou seja, graves conflitos entre assalariados e empresários, ao longo do século XIX. O conceito de exploração suscitou também o aparecimento de economistas, ideólogos para quem a mudança política radical era a única forma de igualizar as desvantagens e desequilíbrio de um sistema sem remédio.”⁹

⁵ Cf. A. MAR, *História do Mundo*, vol. V, Texto Editores, Alfragide, 2014, 11.

⁶ Cf. L. GRAÇA, *Elementos de história moderna e contemporânea*, 125.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Cf. *Ibidem*, 75-76.

⁹ *Ibidem*, 118.

Mas, o desenvolvimento industrial que foi acontecendo nessa época, fez-se à custa das duras condições de vida da classe operário. As instituições liberais começam assim a ser contestadas, sobretudo as de âmbito económico.

1.1. A Itália sob o poder do Napoleão Bonaparte.

Na Itália, o início do século XIX foi o período de transformação política. Com efeito, foi reconhecido como um momento em que, na Itália e na Europa, se desenvolveu uma consciência política nacional, especialmente entre a burguesia, favorecida pela disseminação das ideias liberais do Iluminismo, paradigma que já vinha crescendo no século passado, e foi reforçado por episódios da Revolução Francesa¹⁰.

A primeira esperança para o povo italiano foi ditada pela queda de Napoleão na península itálica, através da campanha na Itália em 1796, que, tendo deposto os governantes anteriores enganou as expectativas dos patriotas italianos. Na realidade, o surgimento de uma consciência nacional comum a unir os corações do povo foi um processo longo e não unitário, mas, apoiado pelo desejo generalizado de melhorar as condições sociais e económicas, aproveitando as inovações no plano técnico e industrial, já desenvolvidas no século passado, e a vontade de superar a fragmentação interna da nação, acompanhada da esperança de estabelecer um novo ideal de país, que foi a base do nascimento de um novo Estado-Nação.

Durante o período Napoleónico (1799-1815), a Itália apresenta-se dividida política e administrativamente em três partes:

“Ao norte, havia o Reino da Itália, que compreendia inicialmente a Lombardia, e Emilia, os Estados Pontifícios e as Marcas. Depois da batalha de Austerlitz (1805)¹¹, acrescentaram-se Veneza e o Vêneto. O soberano era o mesmo Napoleão, que governava por meio de um vice-rei, o general Eugênio de Beauharnais, filho do primeiro casamento de Josefina¹². Ao sul, havia o Reino de

¹⁰ Cf. <https://www.infoescola.com/historia/revolucao-francesa/> (11/04/2019, às 11h27).

¹¹ *Batalha de Austerlitz*, também conhecida como a Batalha dos Três Imperadores, foi uma batalha que resultou numa das maiores vitórias de Napoleão Bonaparte, onde o Império Francês derrotou a Terceira Coligação.

¹² Josefina é a mulher de Napoleão.

Nápoles, com José Bonaparte como regente. O marechal Joaquim Murat substituiu-o quando José foi nomeado rei da Espanha em 1808¹³.

Enfim, a situação territorial na península itálica, no período napoleônico, era complexa:

“A parte da Itália diretamente anexada à França, incluindo o Piemonte, Ligúria (Gênova), a Toscana e Roma com o Patrimônio de São Pedro, isto é, os territórios papais ao redor de Roma (Lácio), que não faziam parte do Reino de Itália, eram governados como províncias do Império francês.”¹⁴

Com isso, a Revolução Francesa, cujas ideias básicas foram transmitidas por Napoleão ao resto da Europa ocidental, juntamente com a experiência da Itália sob o governo de Napoleão no campo político, social, militar, econômico e ideológico, influenciaram o pensamento italiano e a evolução futura do “Ressurgimento”¹⁵.

Neste sentido, há que reconhecer que o papel de Napoleão na Itália teve consequências danosas. “A imposição a muitos italianos que se arrolassem no seu exército, levou à perda de dezenas de milhares de vidas. E a carga de pesados impostos foi um peso intolerável para a população e provocou aflições e intranquilidade.”¹⁶ Deve-se, porém, conceder-lhe, sem dúvida, o mérito de ter introduzido medidas positivas. Com efeito, no seu reinado, “a obtenção dos cargos dependeu mais do talento pessoal do que das influências, os administradores nomeados eram competentes, eficientes e não corruptos, a bandidagem foi punida.”¹⁷ A igualdade legal estabelecida pela Revolução faz com que todos os indivíduos sejam potenciais candidatos a todos os graus da sociedade. Daí o aparecimento de um novo sistema de promoção.

“O sistema antigo era o da promoção hereditária; o novo sistema vai, fundamentalmente, basear-se em três novos processos: a promoção por mérito, processo levado ao máximo com Napoleão, o *curriculum* pessoal que coloca o

¹³ A ilha da Sicília fizera parte desse Reino, mas estava sob a ocupação britânica. Os reis da Casa de Saboia, Carlos Emanuel IV e Vítor Emanuel I, permaneceram na ilha da Sardenha durante o período Napoleônico. Cf. A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, Editora Dom Bosco, Brasília, 2012, 125.

¹⁴ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 125-126.

¹⁵ É um movimento liberal com vistas à libertação da Áustria e a unificação da Itália como estado-nação recebe o nome de *ressurgimento*, isto é, o *ressurgir* da nação.

¹⁶ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 126.

¹⁷ *Ibidem*.

indivíduo na escala social em função dos serviços regulares que ele presta e o exame, situação que culmina uma preparação antecedente e que dá acesso aos lugares que eram privilégio dos nobres.”¹⁸

Por isso, estes aspetos envolveram um alargamento das responsabilidades do Estado, em que a escola passa a ser uma exigência social, tal como a difusão pública do mérito.

Neste sentido, estas reformas começaram a transformar também a sociedade italiana. Em geral, “a vitalidade do governo foi uma experiência nova em contraste com o papel absolutista que prevalecera antes de Napoleão e que continuaria depois, durante o período da Restauração”¹⁹. Embora em 1812 o conjunto da península itálica dependesse da França, as reformas napoleónicas não foram concluídas do mesmo modo em todas as partes. “O sul continuou à margem das reformas, na forma de imobilidade; em contrapartida, o norte, ou seja, o Reino da Itália, que ia de Milão a Veneza e Bolonha foi cenário de reformas importantes e duradouras”²⁰. Embora, nesta região, o povo, sobretudo os intelectuais, preferisse o governo de Napoleão, apesar do seu autoritarismo, à Áustria ou ao Papa, e as forças políticas pudessem desenvolver o que Napoleão iniciara. E nesse mesmo ano com uma nova visão política:

“Napoleão transformou o vale do rio Pó numa zona económica extraordinária e prosperou comercialmente. Milão, a capital napoleónica, foi o centro financeiro do vale e, ao mesmo tempo, converteu-se em capital cultural e intelectual não só da região, mas de toda a península. A partir de Milão, Napoleão fez uma revolução económica e social que teve sucesso permanente na vida italiana.”²¹

Essas realizações foram devidas, em primeiro lugar, ao novo modo de administrar. Procedeu-se, em todas as partes, à reforma administrativa, com critérios lógicos, deixando de lado as motivações históricas. Introduziram-se novos sistemas de contabilidade e exerceu-se um controle rigoroso dos funcionários. E houve também “melhorias no desenvolvimento urbano. Criaram-se escolas e construíram-se novas estradas. Eliminaram-se territórios pantanosos, convertidos em áreas de cultivo; a agricultura e a

¹⁸ L. GRAÇA, *Elementos de história moderna e contemporânea*, 54.

¹⁹ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 126.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*, 127.

indústria viram-se estimuladas.”²² E decreto após decreto, sempre com o apoio das armas francesas, Napoleão transformou a vida italiana. As leis feudais, sobretudo as da propriedade, foram suprimidas; aboliram-se as leis restritivas contra os judeus e o uso da tortura; separaram-se as jurisdições civis e criminais. O sistema judicial foi reorganizado, de modo que fossem introduzidos os julgamentos públicos enquanto os advogados defendiam as suas causas no tribunal, e não só enviando documentos escritos.

O *Código Civil* (1804 – 1810) foi um marco histórico. As leis civis e criminais na Itália e em toda a Europa eram até então um cúmulo desordenado de costumes vindos de antigas tradições e códigos, “resquício dos tempos bárbaros.”²³ Este código era severo, especificado e claro, promoveu a ordem, a unidade e a igualdade legal, sem levar em conta posição ou linhagem. Entre outras novidades, o Código permitiu o casamento civil e o divórcio.

A consequência mais importante do domínio francês foi ter semeado na mente do povo a ideia de que uma revolução liberal poderia ter sucesso e que a Itália converter-se-ia numa nação unida. Isso foi importante, porque o principal obstáculo para o movimento patriótico era a impossibilidade de imaginar a Itália, mesmo entre os “intelectuais, como um estado e uma nação, e cada região tinha, desde tempos imemoráveis, a própria idiosincrasia (língua, tradições, características etc.), como também cada uma delas mantinha uma política, social e cultura distinta.”²⁴ Por isso, a ideia da reorganização política e administrativa da península feita por Napoleão resultou e reduziu a fragmentação regional e alimentou a ideia da unidade.

1.2. A intervenção política de Napoleão na vida eclesial

Os acontecimentos que se precipitaram durante a Revolução Francesa e o período napoleônico mostram claramente que subjazia neles o desejo de romper total e radicalmente com a tradição, tanto política quanto religiosa. É pois, em França que melhor pode ser estudado este facto e o impacto político da revolução perante a Igreja. Ao menos, no início, pode-se notar o desejo de romper com as raízes cristãs e também com o próprio cristianismo. “O Estado e a sociedade fazem da história eclesiástica da França um

²² *Ibidem.*

²³ *Ibidem.*

²⁴ *Ibidem.*

paradigma da insegurança e da sobrevivência do cristianismo nesta época.”²⁵. Neste sentido, vimos em 1792 o calendário cristão ser abolido na França e, em 1793, estabeleceu-se um culto para ser adorada a “deusa Razão”²⁶. O projeto não obteve êxito, mas foi uma tentativa séria de enfraquecer a Igreja a fim de convertê-la num instrumento do Estado e sem força na sociedade. Mas, ao eliminar a Igreja na França, os revolucionários pensavam que a fariam entrar em colapso e, com ela, o cristianismo. Porque, “em 1799, com a morte do Papa Pio VI no exílio, celebraram-se funções públicas pela morte da Igreja. Esta, na verdade, despojada do poder temporal, sobreviveu graças à força do seu poder espiritual”²⁷.

Apesar dos laços iniciais com os revolucionários franceses, Napoleão seguiu um caminho diferente na sua política eclesiástica. Na Itália, seguiu a linha da concordata francesa, com toda a sua rigidez galicana. Mediante uma série de decretos emanados em Milão, no tempo da sua coroação, ele reorganizou a estrutura eclesiástica no norte da Itália, sem qualquer referência a Roma. Os limites das paróquias foram redefinidos e muitas paróquias foram suprimidas como desnecessárias. As ordens religiosas ou aceitavam as reformas ou eram completamente suprimidas. Sob o Código Civil, introduziram-se medidas sobre o casamento civil e divórcio, que supuseram a libertação da vida familiar do controle da Igreja²⁸.

Algumas vezes, Pio VII protestou, mas Napoleão nem sempre lhe respondeu de modo adequado. Numa carta ao tio, cardeal José Fesh, que o representava em Roma, expressou-lhe com nitidez a sua atitude despótica e galicana: “Espero que o Papa se adapte às minhas exigências. Se tudo correr bem, não farei mudanças externas; caso contrário, eu o rebaixarei à condição de Bispo de Roma.”²⁹ Mas a resistência do Pio VII foi, de facto, um dos fatores que levaram à queda de Napoleão. Contudo, “como resultado da concordata, a Igreja de França recebera um novo modo de vida!”³⁰ Embora, terrivelmente enfraquecida durante a revolução, sujeita a muitas inibições durante o império, teve oportunidade de reconquistar o seu lugar na vida do povo francês.

²⁵ A. VIDLER, *A Igreja numa era de revolução, Ulisseia Limitada*, Lisboa, 1961, 13.

²⁶ Culto da Razão e Culto do Ser Supremo foram sistemas de crenças baseados em ideias racionalistas, estabelecidos na França, e que pretendiam substituir o cristianismo durante a Revolução Francesa. Cf. <http://tribodejacob.blogspot.com/2010/11/10-de-novembro-de-1793-deusa-razao-e.html> (18/08/2020, às 11h37).

²⁷ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 128.

²⁸ Cf. *Ibidem*.

²⁹ G. MARTIN, *The Red shirt and the house of Savoy: the story of Italy Risorgimento* (1748-1871), Dodd, Mead & Co., New York, 1969, 154.

³⁰ A. VIDLER, *A Igreja numa era de revolução*, 21.

Depois da prisão de Napoleão na ilha de Elba em 1814, os governantes das principais potências europeias e seus ministros reuniram-se em Viena, Áustria com a finalidade de restaurar, na medida do possível, a antiga ordem política da Europa.

Por isso, “o Congresso de Viena devolveu aos governantes legítimos os seus domínios e restaurou a velha ordem política, que não tardaria a entrar em colapso devido à pressão das ideias liberais e à revolução.”³¹

É dentro deste período que João Bosco nasceu. Ele vive entre 16 de agosto de 1815 e 31 de janeiro de 1888. O seu nascimento coincide com a data que marca a passagem definitiva da Europa do *Antigo Regime* para a idade contemporânea. E acabara de encerrar-se o Congresso de Viena. Nessa reunião histórica, após a queda do imperador Napoleão, “os monarcas das principais nações da Europa e os seus ministros elaboram um novo acordo político para a Europa”³². Caminhava-se, então, para o período da Restauração em que os poderes legítimos depositos por Napoleão foram restabelecidos nos seus domínios, voltando ao antigo regime. A Restauração, sem dúvida, teve vida efêmera; não pôde deter as forças de mudança e os acontecimentos que a precederam estavam destinados a mudar para sempre a face da Europa ocidental.

Mas, “a reviravolta teve um freio nas resoluções do congresso de Viena (1814-1815), que deu uma provisória organização na geografia política da Europa, e na Santa Aliança (26 de setembro de 1815).”³³ E com o tempo, tornarão os fenómenos tão profundos, que tudo ficará mudado no final do século: o rosto da Europa, e de certo modo do mundo inteiro, mudou. Entre os principais fenómenos podem-se destacar: as rápidas transformações culturais e sociais; a revolução industrial; as profundas aspirações à unidade nacional, que de início inesperado, foram depois realizadas com particular determinação na Alemanha e Itália; a expansão colonial da Europa (começou no século XVI) e o concomitante imperialismo econômico, político e cultural³⁴.

O resultado é, antes de tudo, “em modo progressivo e diversificado, a passagem do modelo secular de sociedade das ordens (aristocracia, clero, terceiro estado), para a sociedade burguesa, fundada na divisão de classes.”³⁵ Esta sociedade vai ser marcada por crescentes tensões, acirradas pelo nascimento de um proletariado industrial consciente da

³¹ L. GRAÇA, *Elementos de história moderna e contemporânea*, 131.

³² P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2017, 9. Cf. P. BRAIDO, *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*, LAS, Roma, 1988. 9.

³³ *Ibidem*.

³⁴ Cf. P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 9. Cf. J. GODECHOT, *L'epoca delle rivoluzioni*, Utet, Turim, 1981, 929.

³⁵ L. GRAÇA, *Elementos de história moderna e contemporânea*, 19.

própria miséria, das injustiças existentes, e, ao mesmo tempo, da própria força, principalmente graças à consciência socialista emergente. E de grande significado histórico é a revolução industrial, a mais dramática depois da revolução *neolítica*³⁶, com imprevisíveis repercussões em todos os níveis da vida humana: técnico-científico, económico, social, cultural, político. A revolução industrial de cunho capitalista teve a sua pátria na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII.

Só nos meados do século XIX se afirmará a revolução industrial em graus diversos na Bélgica, na França, na Alemanha, na Suíça, nos Estados Unidos. Na Itália, “vai iniciar mesmo nos últimos 20 anos do século XIX: quanto às décadas precedentes, pode-se, no máximo, falar de fenómeno de pré-industrialização a nível local, como Turim, por exemplo.”³⁷

2. *Traços biográficos de S. João Bosco*

São João Bosco (1815-1888) foi um sacerdote italiano fundador da Sociedade de S. Francisco de Sales, congregação Católica vocacionada para a educação dos jovens órfãos e necessitados. Os seus religiosos são conhecidos por Salesianos de Dom Bosco.

Nasceu e cresceu no Piemonte e recebeu toda a sua educação e formação no período da Restauração, antes da Revolução Liberal de 1848.

“Ele [Dom³⁸ Bosco] teve de aceitar a realidade da Revolução Liberal (constituição, parlamento, gabinete de ministros etc.), mas nunca se solidarizou com os movimentos liberais e com o Ressurgimento; principalmente, porque os liberais começaram a atacar a Igreja e o papado. Manteve-se até ao fim como um piemontês da antiga ordem, uma questão de lealdade ao seu rei, cuja autoridade,

³⁶ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 9. Cf. C. CIPOLLA, *La rivoluzione industriale*, in L. FIRPO, *Storia delle idee politiche, economiche e sociali*, Vol. V, Utet, Turim, 1972, 11.

³⁷ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 10. Cf. P. BRAIDO, *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*, 9.

³⁸ Título honorífico que em Portugal se dava aos membros da família real e da antiga nobreza e a certas categorias religiosas. Na Itália, Dom (abreviatura de *Dominum* = Senhor, em italiano, Dom); é um título com que se distingue unicamente o sacerdote e que se coloca indistintamente antes do nome ou do apelido. Portanto, dizer “Dom Bosco” é o mesmo que dizer “Padre Bosco”. A expressão italiana tornou-se familiar em todo o mundo. Usaremos também a abreviatura “D”.

assim pensava, estava sendo corroída pelas perversas instituições da Revolução Liberal”³⁹.

Apresenta-se a seguir o sumário biográfico da vida de Dom Bosco e do ambiente em que nasceu, viveu e cresceu, antes de ir para Turim.

2.1. A terra natal e a família de Dom Bosco

A grande região do Piemonte estende-se pelo semicírculo dos Alpes do norte e noroeste, numa área de 29.356km², ocupando a parte mais elevada do vale do Rio Pó. Piemonte, em italiano, sugere uma posição *ao pé do monte*. A maior parte da região é montanhosa, incluindo a zona elevada do Monte Bianco, com 4.810 metros de altura.

Turim, capital do Piemonte, está no centro da “ferradura”⁴⁰ nos limites entre a planície e as colinas centrais, e pouco mais para o sudoeste do Piemonte. Em 1790, ao eclodir a Revolução Francesa, “Turim contava com pouco mais de 92 mil habitantes, número que baixou para aproximadamente 81 mil em 1800, durante as guerras napoleónicas. Com o advento da Restauração, a população voltou a recuperar-se, até chegar a 130 mil habitantes.”⁴¹ A 12 km a sudeste de Turim está Chieri, bela cidade que remonta também à época romana, com uma população de cerca de 9 mil habitantes no tempo da Restauração.

De acordo com o primeiro testemunho que temos, nos primeiros anos do século XVII, “os membros da família Bosco viviam como camponeses em parceria⁴² perto de Chieri.”⁴³ E nos inícios do século XVIII, um ramo deles emigrou para Castelnuovo, povoado e paróquia com uns 3 mil habitantes, povoação situada a pouco mais de 10 km a leste de Chieri. A família Bosco pertencia ao povoado de Murialdo⁴⁴ mas não residia lá. Vivia e trabalhava perto de uma das aldeias de Murialdo, chamada de Becchi, pequeno

³⁹ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 137.

⁴⁰ Ferradura quer dizer que está no do semicírculo formado pelos Alpes situado do norte e noroeste.

⁴¹ H. HEARDER, *Italy in the age of the Risorgimento 1790-1870*, Longman, London – New York, 1983, 43. Cf. “Torino”, na *Enciclopedia italiana di scienze, lettere ed arti*, Vol. XXXIV, Treccani, Roma, 1949, 31.

⁴² Em outras palavras: arrendatários ou meeiros. Isto é, trabalhasse as terras, compartilhando a colheito, ou seja, a quem trabalhasse pela metade do produto.

⁴³ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 139.

⁴⁴ Dom Bosco escreve sempre Murialdo, italianizando a pronúncia do dialeto. Castelnuovo d’Asti (hoje Castelnuovo Don Bosco): comuna da província de Asti, 25 km de Turim. Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, Ensaio introdutório e notas históricas de Aldo Giraud, Edições Salesianas, Porto, 2012, 4.

agrupamento de casas de camponeses situadas 1,5 km a sul de Murialdo. A aldeia dos Becchi estava aglomerada na base de uma colina oval que se elevava a uns 70 metros em direção ao sul, conhecida hoje como *Colle Dom Bosco*. “Os antepassados de Dom Bosco, segundo consta na primeira notícia que se tem sobre eles e que remonta ao século XVII, viviam e trabalhavam em grande parte como meeiros.”⁴⁵ O camponês arrendatário era meeiro porque trabalhava as terras, compartilhando a colheita. Segundo a lei não escrita do Piemonte, a quem trabalhasse a terra pela metade da sua produção dava-se o nome de *mezzadro* (meeiro), pois produzia a meias com o proprietário. Portanto, os Bosco trabalharam como camponeses, arrendatários ou meeiros.

2.2. *Experiência de infância e a morte do pai*⁴⁶

João Bosco nasceu das segundas núpcias de Francisco Bosco com Margarida Occhiena, no dia 16 de agosto de 1815⁴⁷, e foi batizado com o nome de João Melchiorre Bosco⁴⁸. O pai era rendeiro da família Biglione e vivia numa quinta nos Becchi no lugar de Murialdo, território de Castelnuevo d’Asti. Naquele tempo morria-se cedo, especialmente os pobres, devido à falta de sustento económico para poderem comprar medicamentos. “Na primavera de 1817, falava-se do tifo epidémico e depois da pneumonia, uma doença antiga que fazia muitas vítimas, sendo uma delas Francisco Bosco a 11 de maio de 1817 com 33 anos”⁴⁹, que deixou aos cuidados da mulher Margarida os seus três filhos: António, nascido em 1808, do matrimónio com Margarida Cagliero, José, nascido em 1813, e o pequeno João.

A família, tendo-se mudado para um casebre rústico adaptado para habitação, viveu duros tempos de conjunturas desfavoráveis para o mundo agrícola.

A mãe de João Bosco, Margarida Occhiena, tinha 29 anos quando o marido morreu. Demasiado jovem para o peso que tinha de carregar, não gastou muitos dias a lamentar a sua morte. Arregaçou as mangas e começou a trabalhar. “Em casa, havia pratos para lavar, a cozinha para limpar, os quartos para arrumar, a água que ir buscar. Tudo isto

⁴⁵ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 140.

⁴⁶ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 4.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ João era um nome comum entre os antepassados do ramo paterno de Dom Bosco. Melquior também o era no ramo materno.

⁴⁹ D. AGASSO, R. AGASSO e D. AGASSO JR., *Dom Bosco. Uma vida sem tempo*, Edições Salesianas, Porto, 2014, 33.

nos momentos livres, porque nas horas boas havia os campos e o estábulo para atender.”⁵⁰ Trazia as mãos calejadas do trabalho, mas sabia acariciar suavemente os filhos. Porque, na verdade, era uma trabalhadora, mas antes de tudo era mãe para os seus filhos. Houve alguns familiares que lhe propuseram alguma proposta altamente vantajosa para casar outra vez, os seus filhos seriam confiados a um bom tutor que cuidaria bem deles mas ela respondeu:

“Deus deu-me um marido e tirou-mo; este, ao morrer, entregou-me três filhos, e eu seria mãe cruel se os abandonasse no momento em que mais precisam de mim. (...) O tutor, respondeu ela, é um amigo, e eu sou a mãe dos meus filhos; nunca os abandonarei, mesmo que me dessem todo o ouro do mundo.”⁵¹

Margarida encontrou em si mesma “um instintivo equilíbrio que fez com que aliasse alternativamente a firmeza calma e alegria serena. Na base e no vértice da sua pedagogia instintiva colocou o sentido religioso da vida.”⁵² O seu maior cuidado foi instruir os seus filhos com profunda intuição humana e cristã, ensiná-los a obedecer e ocupá-los em coisas compatíveis com a sua idade. Mais tarde, Dom Bosco no seu estilo educativo ficará a dever muito a sua mãe.

João Bosco tinha quatro anos quando sua mãe lhe ensinou, pela primeira vez, a dobar. Um trabalho fácil, mas enfim, um trabalho. E assim começou a dar o seu pequeno contributo para a família, que vivia do trabalho de todos.

No entanto, dadas as dificuldades familiares e as tensões com o meio-irmão, por causa do gosto de João pelo estudo, foi mandado para a Quinta Moglia a trabalhar como criado, de fevereiro de 1828 a novembro de 1829. Voltando à família, e graças ao apoio do *Pe. João Calosso*⁵³, foi possível continuar a estudar no ensino primário em Castelnuovo e no ensino humanístico nas escolas públicas de Chieri.

João Bosco, desde pequeno, sentiu ter recebido do Senhor uma especial vocação, e que por Ele era amparado e quase guiado pela mão, na realização da sua missão, também pela intervenção materna da Virgem Maria, que desde o sonho profético dos nove anos

⁵⁰ T. BOSCO, *São João Bosco. Uma biografia nova*, Edições Salesianas, Porto, 1987, 24.

⁵¹ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 8.

⁵² T. BOSCO, *São João Bosco. Uma biografia nova*, 25.

⁵³ Giovanni Melchiorre Felice Calosso (1760-1830), nascido em Chieri, licenciado em Teologia pela Universidade de Turim. Pároco de Murialdo na primavera de 1829. Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 21.

lhe indica o campo de trabalho e a missão a realizar, a ponto de ter chamado a este sonho dos nove anos “um sonho vocacional”⁵⁴. O sonho de João Bosco foi,

“Parecia-me estar ao pé de casa num pátio bastante espaçoso, onde se encontrava uma multidão de rapazes, que se divertiam. Alguns riam, outros jogavam, outros blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfémias, lancei-me imediatamente no meio deles dando murros e dizendo palavras para os fazer calar. Naquele momento apareceu um homem venerando, em idade viril, nobremente vestido. Um manto branco cobria-o por completo; mas a sua face era tão luminosa, que eu não conseguia fixá-lo com os olhos. Chamou-me pelo nome e mandou-me pôr à frente daqueles rapazes acrescentando estas palavras: "Não com pancadas, mas com a mansidão e com a caridade é que deverás conquistar estes teus amigos. Por isso começa imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e sobre a beleza da virtude".

Confuso e assustado, disse que eu era um pobre e ignorante rapaz, incapaz de falar de religião àqueles juvenzinhos. Naquele momento, aqueles rapazes cessando rixas, alarido e blasfémias, reuniram-se todos à volta d'Aquele que falava.

Quase sem saber o que dizia, "Quem sois vós, – perguntei –, que me ordenais coisas impossíveis?" "Exatamente por te parecerem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e com a aquisição da ciência". "Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?" "Dar-te-ei a mestra sob cuja guia podes tornar-te sábio, e sem a qual toda a sabedoria se torna estultícia".

– Mas quem sois vós, que falais deste modo?

– Eu sou o filho d'Aquela que a tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

– A minha mãe diz-me que não ande com pessoas que não conheço, sem licença sua; por isso disse-me o vosso nome.

– O meu nome pergunta-o à minha mãe.

Naquele momento vi a seu lado uma senhora de majestoso aspeto, vestindo um manto todo resplandecente, como se cada ponto seu fosse uma estrela fulgidíssima. Vendo-me cada vez mais confuso nas minhas perguntas e respostas, fez-me sinal para me aproximar dela e, tomando-me com bondade pela mão, disse-me: "olha". Olhando dei-me conta que os rapazes tinham fugido todos e, em vez deles, vi uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e vários outros animais. "Eis o teu campo, eis onde debes trabalhar. Torna-te humilde, forte e

⁵⁴ A. J. LENTI, *Dom Bosco I: História e Carisma*, 167.

robusto; e aquilo que neste momento vês suceder com estes animais, deverás fazê-lo com os meus filhos".

Voltei então o olhar e eis que, em vez de animais ferozes, apareceram outros tantos mansos cordeiros que, todos a saltitar, corriam ao redor como para fazer festa àquele homem e àquela senhora.

Naquele momento, sempre em sonho, comecei a chorar, e supliquei àquela personagem que falasse de modo que eu compreendesse, dado que eu não sabia o significado daquilo. Então ela colocou a mão na minha cabeça, dizendo-me: "A seu tempo, tudo compreenderás". Dito isto, um ruído acordou-me e tudo desapareceu"⁵⁵.

João Bosco afirmou que o sonho ficou profundamente impresso na sua mente ao longo da vida. De facto, será um sonho recorrente, como afirma expressamente ao falar da sua decisão vocacional, quando cursava o ginásio em Chieri: "o sonho de Murialdo (...) renovara-se até de maneira muito mais clara, e assim, se lhe quisesse dar fé, devia optar pelo estado eclesiástico, ao qual justamente me sentia inclinado."⁵⁶

Com este sonho, a sua juventude tornou-se a antecipação de uma extraordinária vocação educativa e pastoral. Apóstolo entre os companheiros, funda nos anos de escola em Chieri, a *Sociedade da Alegria*⁵⁷. Desde criança, sente o chamamento a configurar a sua vida a uma progressiva encarnação do ministério sacerdotal, segundo um estilo próprio: ser sinal do bom Pastor para os jovens e para a gente do povo.

2.3. João Bosco no Seminário de Chieri

João já estava pronto. Os familiares estavam todos contentes. Margarida, sua mãe, como todas as mães, estava pensativa e continuava a olhar o filho que ia partir para seguir o seu sonho de ser sacerdote. Margarida disse a João, antes da sua partida:

"Meu querido João, recebeste a veste sacerdotal, sinto toda a consolação que uma mãe pode sentir pela felicidade de um filho. Mas recorda-te de que não é o hábito

⁵⁵ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. I, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1898, 123-125. Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 9-11.

⁵⁶ *Ibidem*, 12.

⁵⁷ A Sociedade da Alegria foi uma espécie de clube fundado por Dom Bosco quando estudante em Chieri, com um regulamento muito simples: nenhuma ação má, nenhuma conversa indigna de cristão; cumprir os próprios deveres escolares e religiosos; alegria.

que honra o teu estado, é a prática da virtude. Se porventura viesses a duvidar da tua vocação, ah por caridade! Não desonres este hábito. Despe-o logo. Mais quero ter um pobre camponês do que um filho padre desleixado nos seus deveres.”⁵⁸

Foi um memorável discurso que João Bosco nunca esqueceu e tomou consigo como um tesouro para toda a sua vida. E no dia 30 de outubro de 1835⁵⁹, uma sexta-feira, João faz uma escolha decisiva: entra no seminário diocesano de Chieri.

Os anos do seminário foram para ele anos de luta espiritual, também porque o ambiente disciplinado e o ensinamento teológico moral rigorista contrastavam com o seu temperamento mais inclinado à liberdade expansiva e à criatividade no campo prático. No seminário, “João Bosco assimilou os valores que o austero regulamento e a tradição formativa propunham aos jovens clérigos: estudo intenso, espírito de sincera piedade, recolhimento, obediência, disciplina interior e exterior.”⁶⁰ Pôde contar, além do mais, com o conhecimento do P. José Cafasso, também ele natural de Castelnuovo e colaborador do teólogo Luís Guala, em Turim, no Centro Eclesiástico de S. Francisco de Sales, destinado ao aperfeiçoamento do clero jovem na prática pastoral. Até ao fim da sua vida, o P. Cafasso será para Dom Bosco mestre de teologia moral e de pastoral prática, bem como confessor, diretor espiritual e conselheiro.

Depois de sete anos de estudo, a dedicação, o cumprimento dos deveres, a piedade, o pátio⁶¹ e o descanso no Seminário de Chieri conquistaram-lhe a amizade dos companheiros e a estima dos superiores. No fim, tudo isto foi para ele uma bela estadia. “Foi ordenado sacerdote em Turim, pelo arcebispo Dom Luís Fransoni, no dia 5 de junho de 1841”⁶². Dom Bosco passou o verão e o outono entre os Becchi e Castelnuovo, a ajudar o pároco.

Em novembro de 1841, por convite do Pe. Cafasso, o “P. João Bosco voltou a Turim, ao Centro Eclesiástico, para cumprir o triénio de aperfeiçoamento teórico e prático

⁵⁸ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 76.

⁵⁹ No *Calendarium Sanctae Metropolitanæ Taurinensis Ecclesiae ad annum 1835*, no dia 30 de outubro, lê-se: “Hodie vespere Seminaria aperiuntur Taurini et Chierii. Clerici omnes hic addicti ad sua studia resumenda convenient” (Tradução: Hoje, à tarde, abrem os Seminários de Turim e de Chieri. Todos os clérigos neles inscritos se apresentam para retomar os seus estudos). Cf. A. GIRAUDO, *Clero, seminário e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*, LAS, Torino, 1993, 198-213.

⁶⁰ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 76-77.

⁶¹ Lugar onde se brincam e jogam a bola e outros jogos.

⁶² *Ibidem*, 103.

da teologia”⁶³. Lá recebeu uma qualificação pastoral teórica e prática e consolidou a sua vida interior.

Os traços salientes da espiritualidade sacerdotal defendida pelo Pe. Cafasso e que Pe. João Bosco deve preparar, são:

“Centralidade do serviço divino, animado pelo profundo amor ao Senhor, pelo desejo de conformar-se com a vontade de Deus, pela total disponibilidade ao seu serviço com prontidão, exatidão e esmero; espírito de oração, de doçura e de caridade, de pobreza, desprendimento e mortificação, de humildade e trabalho intenso; dom absoluto de si no cuidado pastoral do próximo, zelo incansável para acolher, abordar, procurar, animar, exortar, instruir, encorajar pessoas de todas as idades e categorias, sobretudo os humildes, os pequenos, os pobres e os pecadores; atenção missionária; dedicação sem medo à pregação, à catequese, ao sacramento da penitência; terna devoção a Nossa Senhora, sentido de pertença eclesial e devoção ao Papa e aos pastores da Igreja.”⁶⁴

Para além da formação moral, o novo padre dedicou-se à instrução catequética dos rapazes e acompanhou o Pe. Cafasso na “assistência espiritual aos jovens reclusos das cadeias da cidade, para falar, confortar, ajudar, e acompanhar os condenados à morte nas suas últimas horas, até morrerem na forca.”⁶⁵ Por isso, a escola de P. João Bosco são as ruas de Turim. Por volta de 1840, a cidade conta 130 mil habitantes e continua a crescer, chegando imigrantes das zonas pobres do Piemonte, quase todos os jovens. Procuram trabalho num lugar onde se sentem estrangeiros para fugir à pobreza das suas terras, correndo o risco de cair na delinquência, no furto e na violência. Ninguém confia neles e eles desconfiam de todos.

2.4. O Oratório – Lugar de oração

O Oratório inspira-se na intimidade misteriosa do sonho tido aos nove anos. João Bosco vive uma longa fase da preparação nos anos da infância, da adolescência e da

⁶³ *Ibidem*, 109.

⁶⁴ *Ibidem*, 109-110.

⁶⁵ D. AGASSO, R. AGASSO, e D. AGASSO Jr., *Dom Bosco. Uma vida sem tempo*, 12.

juventude. Inicia o seu caminho no ambiente fecundo do “Convitto Eclesiastico”⁶⁶, de etapa em etapa na geografia de Turim juvenil e popular, crescendo e adquirindo todos os seus traços caracterizantes, até à morada estável em Valdocco, no sítio onde em sonho tinha visto escrito: “Haec est domus mea, inde gloria mea”⁶⁷.

Naqueles anos, por causa do incremento demográfico e da crise agrícola, verificou-se uma crescente migração de jovens do campo para a capital. Abandonados a si mesmos, formando grupos, levados pela necessidade e pela fome, facilmente se tornavam presas de vícios. Dom Bosco encontra também local para aquele conjunto de rapazes recolhidos da rua, lugar a que ele dá o nome de *Oratório*, literalmente: lugar de oração.

O Oratório funcionava todos os dias festivos. “Havia facilidade em abeirar-se dos santos sacramentos da confissão e da comunhão; mas um sábado e um domingo por mês estavam estabelecidos que se cumprisse este religioso dever”⁶⁸. E em geral, “o Oratório era composto de canteiros, pedreiros, estucadores, calceteiros, quadradores e de outros que vinham de terra distantes”⁶⁹.

A espontânea expansão sobrenatural da alma Dom Bosco, logo que se viu sacerdote, foi o oratório festivo. Havia as catequeses dominicais para jovens, nas diferentes paróquias; existiam os oratórios de S. Filipe Néri e de S. Carlos Borromeu. Mas com Dom Bosco a palavra “Oratório toma um significado novo, designando uma comunidade juvenil que vive intensamente a devoção e a alegria”⁷⁰.

Quando, pelas condições dos tempos, tantos jovens não conheciam as suas paróquias, Dom Bosco organizou, oratórios interparoquiais, onde recolhia ovelhas vadias; além da catequese, coordenou uma série de práticas que enchessem todo o Dia do Senhor.

O seu zelo tinha um único fim em vista: uni-los a Deus pela obediência aos mandamentos divinos e às leis da Igreja. Procurava, antes de tudo conseguir que observassem o preceito de ouvir missa nos dias festivos; ia-lhes ensinando o catecismo e fazendo pregações ao nível da capacidade dos seus pequenos ouvintes.

⁶⁶ Convitto Eclesiastico em italiano e Colégio Eclesiástico em Português. O colégio foi criação do Pe. Luís Guala e Pe. Pio Lanteri. É um espaço adequado para a formação dos novos sacerdotes, ou seja, os padres mais jovens.

⁶⁷ “Esta é a minha casa, daqui a minha glória”. Esta frase está escrita na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim.

⁶⁸ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 119.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ D. AGASSO, R. AGASSO, e D. AGASSO Jr., *Dom Bosco. Uma vida sem tempo*, 14.

Simultaneamente, inventava toda uma quantidade de brincadeiras e diversões que servissem de chamariz, para assegurar e aumentar a frequência dos jovens; mas o íman mais poderoso era ele, com a sua inexaurível bondade. Deste modo, o dia festivo podia dizer-se, com toda a propriedade, dia santificado. Bem se aplicava a estes dias festivos o nome de oratórios, escolhido, entre diversos outros, por Dom Bosco, porque corresponde inteiramente ao seu ideal. E a este oratório, Dom Bosco foi buscar o nome da sua associação itinerante: “Oratório de S. Francisco de Sales. E chamar-se-ão para sempre salesianos aqueles que com ele e depois dele vierem a trabalhar com os jovens”⁷¹. Afirma, o Papa João Paulo II numa carta que escreveu aos Salesianos através do P. Egídio Viganò, no centenário da morte de Dom Bosco:

“Dotado de uma feliz intuição da realidade e atento conhecedor da história da Igreja, ele aproveita o conhecimento de tais situações e das experiências de outros apóstolos, como S. Filipe Neri e S. Carlos Borromeu, e dá-lhes o nome do «oratório». É-lhe particularmente querido este nome: oratório caracterizará toda a sua obra e ele o modelará segundo uma original perspectiva sua, adaptada ao ambiente, aos seus jovens e às suas necessidades. Como principal protetor e modelo dos seus colaboradores escolhe São Francisco de Sales, o santo do zelo multiforme e da humaníssima bondade que se manifestava sobretudo na amabilidade de trato.”⁷²

Porque se chama Oratório? Claro que um lugar toma o nome daquilo que principalmente nele se faz. Se, pois, um lugar de tanta ação se chama lugar de oração, isto quer dizer que nas obras de Dom Bosco, antes se deve pensar na oração depois na ação. Ele chamou-lhe "Oratório" para indicar, claramente, que a oração é a única força com que deve contar. Ele já naqueles primeiros anos dá relevo ao lema “Da Mihi animas caeterra tolle.”⁷³

O Oratório foi itinerante entre 1845 e 1846, ainda que girando sempre na zona dos prados de Valdocco, Dora Ripária e Porta Palazzo, onde era mais fácil encontrar os rapazes. Em Valdocco, Dom Bosco estabeleceu-se definitivamente na primavera de 1846, primeiro com poucas divisões e um telheiro adaptado a capela, alugados numa zona mal-

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² JOÃO PAULO II, *Juvenum Patris - Carta do Sumo Pontífice no centenário da morte de São João Bosco*, 31 de janeiro de 1988, n.º 3, in AAS 80 (1988) 971-972. Consultado em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1988/documents/hf_jpii_let_19880131_juvenum-patris.html , a 12/06/2019.

⁷³ Dai-me almas e ficai com o resto.

afamada (a casa Pinardi). Depois, fez a compra de todo o edifício e do terreno adjacente. Considerou-o tão importante e significativo que o reproduziu num cartaz que ficou no seu quarto até aos últimos dias da sua vida.

2.5. *Fundação da Sociedade de S. Francisco de Sales*

Amadureceu nele o plano de substituir a Sociedade ou Congregação dos Oratórios, formada no geral por eclesiásticos e leigos de boa vontade, por um grupo recrutado entre os seus seminaristas maiores e colaboradores leigos. Estava-se em anos do debate político que levou, nos Estados Sardos, à supressão das ordens religiosos e de outras entidades eclesiásticas. Seguido o conselho de Urbano Rattazzi⁷⁴, D. Bosco pensou numa associação de pessoas que, sem renunciar aos direitos civis, se propusessem uma finalidade de bem público e, mais em concreto, a educação da juventude, a mais pobre e abandonada.

“Não funde uma ordem ou uma congregação, mas uma associação, em que cada membro conserve os direitos civis e se submeta às leis do Estado, pague os impostos e assim por diante; e nada acontecerá a uma tal associação de livres cidadãos, unidos pelo propósito de fazer bem.”⁷⁵

No entanto, conseguida uma via livre do Estado, tão importante, em fevereiro-abril de 1858 Dom Bosco vai a Roma, pela primeira vez na sua vida, para pedir a aprovação que mais tem a peito: a do Papa. Foi acolhido com simpatia por quem o conhecia como diretor das *Leituras Católicas* e de florescentes oratórios juvenis ou ainda com a fama de santo sacerdote e taumaturgo. Depois de algumas audiências pontifícias, entrou em sintonia com o Papa Pio IX e recebeu encorajamento para todos os seus projetos. Dom Bosco dava coesão aos fins comuns com vínculos religiosos. Para os seus Salesianos elaborou, portanto, a fórmula: “Cidadãos diante do Estado; religiosos diante da Igreja”⁷⁶.

⁷⁴ Urbano Rattazzi (1808–1873) nasceu em Alessandria em 1808 e morreu em Frosinone em 1873. Era advogado e foi deputado no parlamento subalpino; foi uma vez ministro de Instrução Pública e duas presidente do Conselho de Ministros do Reino de Itália.

⁷⁵ D. AGASSO, R. AGASSO, e D. AGASSO Jr., *Dom Bosco. Uma vida sem tempo*, 20.

⁷⁶ *Ibidem*.

Assim, no dia 18 de dezembro de 1859, com dezoito jovens, deu início oficial à “Pia Sociedade de São Francisco de Sales”⁷⁷. Em 1864 obteve de Roma o *Decretum laudis* para a Pia Sociedade de São Francisco de Sales e iniciou os passos para o correspondente exame das Regras ou Constituições. Em 1869 conseguiu a aprovação definitiva da Sociedade Salesiana e em 1874 a aprovação das Constituições e Regulamentos.

Segundo os mesmos critérios e com o mesmo espírito, D. Bosco procurou encontrar uma solução também para os problemas da juventude feminina. O Senhor suscitou ao seu lado uma Cofundadora: Maria Domingas Mazzarello⁷⁸, hoje santa, ajudada por um grupo de jovens companheiras, na paróquia de Mornese, já dedicadas à formação cristã das meninas. Por isso, no dia 5 de agosto de 1872, com Maria Mazzarello, fundou as Filhas de Maria Auxiliadora (FMA). E apesar da idade avançada e da pouca saúde, nos últimos anos de vida não cessou de viajar para apoiar as suas iniciativas: “em 1883 foi recebido por uma multidão de admiradores em Paris; no mesmo ano foi a Frohsdorf Áustria, Marselha, Barcelona e Roma”⁷⁹.

Faleceu em Turim, no oratório de Valdocco, a 31 de janeiro de 1888 com 73 anos. O chefe de governo, Francisco Crispi, autorizou que fosse sepultado no colégio salesiano de Turim-Valsalice.

As relíquias de Dom Bosco estão conservadas na Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, na Itália. O relicário está construído em alumínio, bronze e cristal. A base representa uma ponte sustentada por quatro pilares sobre os quais foram gravadas as datas relacionadas com o bicentenário do nascimento: 1815-2015. Os pilares laterais apresentam figuras de rostos de jovens dos cinco continentes. Nas pontas, há o escudo da Congregação Salesiana e o lema carismático de Dom Bosco: *Da mihi animas, caetera tolle*⁸⁰.

3. Experiência espiritual de S. João Bosco – nascimento de um carisma

O aprofundamento da experiência espiritual e educativa de Dom Bosco deu grande oportunidade para focalizar o tema do acompanhamento tão urgente atualmente.

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ JOÃO PAULO II, *Juvenum Patris*, n.º 4, in AAS 80 (1988) 971-972.

⁷⁹ D. AGASSO, R. AGASSO, e D. AGASSO Jr., *Dom Bosco. Uma vida sem tempo*, 26.

⁸⁰ Dai-me almas, ficai com o resto.

Também hoje muitos jovens precisam de ser acolhidos e compreendidos, como os daquele tempo, apesar da sua situação apresentar condições e aspetos muito diversificados. Também hoje subsistem as principais questões sobre as quais o sacerdote João Bosco meditava, desde o início do seu ministério, desejoso de compreender e determinado a agir. Dom Bosco disse,

“Se eu fosse padre, procederia de outra maneira; aproximar-me-ia das crianças, dir-lhes-ia boas palavras, dar-lhes-ia bons conselhos. Como seria feliz se pudesse conversar um pouco com o meu pároco! Este conforto recebi-o do Pe. Calosso; será que nunca mais o poderei experimentar?”⁸¹

No entanto, o ponto fundamental desta sua experiência espiritual, conta com a presença destes sábios diretores espiritual em todos os momentos decisivos da sua vida, há pontualmente quem o acompanhe. Isto é, um acompanhamento marcado por profunda amizade espiritual.

3.1. Encontro de João Bosco com o P. João Calosso e o P. José Cafasso

Cada aldeia de Castelnuovo e Murialdo era uma dessas aldeias que tinha a sua capela em funcionamento com um pequeno benefício de terra. A de Murialdo, dedicada a São Pedro, era simplesmente um templo, não igreja paroquial. Essas capelas ofereciam serviços religiosos ou ficavam vacantes durante algum tempo, dependendo de algum padre aceitar o cargo. No verão de 1829, o Pe. Calosso, com quase 70 anos, veio para Murialdo como capelão quando João Bosco ainda trabalhava no sítio da família Moglia⁸².

O Pe. Calosso, admirado pelo espírito e inteligência de João, convidou Margarida (mãe de Dom Bosco) e o seu filho para uma conversa: João começou a participar das aulas na residência paroquial quase imediatamente. De início, ele ia às aulas pela manhã, bem cedo, voltando para trabalhar no campo o resto do dia. Esse acerto satisfez António, seu irmão, só por pouco tempo. Como António não acalmava, João começou a estudar com o Pe. Calosso em tempo integral, sendo também seu ajudante. Quando, porém, parecia que o futuro do menino estava garantido, pois o bom padre decidira assumir a sua

⁸¹ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 30-31.

⁸² Cf. A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 194.

educação, aconteceu a tragédia: o Pe. Calosso morreu repentinamente de uma hemorragia cerebral em 21 de novembro de 1830⁸³.

A história das tensões em casa e do trabalho longe dela demonstraria que, para João, “os anos 1825-1829 foram cheios de dores de cabeça e incertezas”⁸⁴. É certo que aquelas experiências dolorosas não destruíram o seu espírito, mas ele não saiu totalmente ileso dessas tribulações. O ano de João com o bondoso Pe. Calosso foi feliz e memorável, até que a morte repentina rompeu o relacionamento. O bom padre chegara a ser a figura importante, tão satisfatória que João sofreu a sua perda a ponto de ficar doente. Dom Bosco escreveu nas suas memórias: “A minha vida estava a correr da melhor maneira. Julgava-me plenamente feliz, sem nada a desejar, quando um desastre truncou o curso de todas as minhas esperanças.”⁸⁵

Embora Dom Bosco fosse ainda adolescente, a consciência reflexa daquela relação de acompanhamento marcou indelevelmente a sua memória. “Fiquei a saber, assim, quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então eu não tivera”⁸⁶. E continua Dom Bosco, lembrando o seu encontro com Dom Calosso: “Desde aquela altura, comecei a saborear o que é a vida espiritual, já que antes agia de forma bastante mecânica e como uma máquina que faz uma coisa, sem saber a razão.”⁸⁷

O encontro do pequeno João com Dom Cafasso foi na festa da Maternidade de Maria. Dom Bosco escreveu:

“Andavam todos numa azáfama com as coisas da casa ou da Igreja, enquanto que os outros eram espetadores ou tomavam parte em jogos ou diversões variadas. Só vi uma pessoa longe de qualquer espetáculo: era um clérigo, de pequena de estatura, de olhos brilhantes, ar afável, rosto angélico. Estava encostado à porta da Igreja. Fiquei como arrebatado com o seu semblante e, embora eu tivesse apenas doze anos de idade, movido pelo desejo de lhe falar, aproximei-me e dirigi-lhe estas palavras: Senhor padre, deseja ver algum espetáculo da nossa festa? Levá-lo-ei com muito gosto onde desejar”⁸⁸.

⁸³ Cf. *Ibidem*, 195.

⁸⁴ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 25.

⁸⁵ *Ibidem*, 27

⁸⁶ *Ibidem*, 24.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ *Ibidem*, 29.

Continua Dom Bosco: “Fez-me um simpático aceno para que me aproximasse e começou a interrogar-me sobre a minha idade, os meus estudos, se já tinha feito a primeira comunhão, com que frequência ia confessar-me, onde ia à catequese e coisas semelhantes”⁸⁹. João Bosco ficou encantado com a figura desse padre na sua maneira de falar. E convidou-o para o acompanhar a ver algum espetáculo. Mas o Pe. Cafasso respondeu-lhe: “Meu caro amigo, os espetáculos dos padres são as cerimónias da Igreja; quanto mais devotamente elas são celebradas, tanto mais gratos se nos tornam os nossos espetáculos”⁹⁰. É quase supérfluo sublinhar que as lembranças de Dom Bosco são entregues a uma Congregação apenas nascida, para servir de norma para superar as dificuldades futuras e como penhor do seu carinho paterno. A visão austera que emerge da resposta final de Dom Cafasso é uma clara indicação de Dom Bosco para os seus salesianos.

O acompanhamento de Dom Cafasso, especialmente no contexto do Colégio Eclesiástico de Turim, é decisivo e muito concreto para o amadurecimento espiritual e apostólico de Dom Bosco. Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco escreveu: “Se fiz algum bem, devo-o a este digno eclesiástico, em cujas mãos coloquei as minhas decisões, estudos e atividades de crianças.”⁹¹

Esta foi mais uma experiência que também ficou marcada na sua vida e que o levou a ser padre com uma maneira diferente. Assim, Dom Bosco escreveu:

“Eu via vários bons padres que trabalhavam no sagrado ministério, mas com os quais não podia contrair qualquer familiaridade. Aconteceu-me com frequência encontrar nos caminhos o meu pároco com seu vice. Saudava-os de longe, mais de perto fazia também uma vénia. Mas eles, com modos sérios e corteses, correspondiam à saudação prosseguindo o seu caminho”⁹².

Estas experiências deram-lhe uma grande motivação para se fixar na decisão de seguir o seu sonho, o sacerdócio. O seu temperamento levava-o a mostrar carinho e essa foi a sua forma de imitar Cristo.

Outra experiência da sua vida foi a ausência de um pai e a presença de uma mãe. Até que ponto a perda do pai, na infância, afetou o desenvolvimento psicológico de João?

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ *Ibidem*, 113-114.

⁹² *Ibidem*, 30.

A ausência do pai na infância⁹³ e na adolescência é considerada um sério obstáculo no desenvolvimento psicológico da criança. Para João, a perda foi agravada por causa da situação em que se encontrou a família chefiada por Margarida. A mãe precisou “entregar-se a longas jornadas de trabalho no campo, distante de casa para pôr comida na mesa de uma família que incluía a sogra doente”⁹⁴. A perda do pai nunca pode ser compensada com a presença da mãe, não importa o quanto seja dedicada e capaz. Não resta dúvida de que Margarida conseguiu dar apoio sereno e orientação segura pela compreensão instintiva da situação, a robusta fé religiosa, os sólidos princípios e as opções corajosas. Margarida teve um papel-chave como mãe também noutra área importante. Na primeira infância, assim dizem os psicólogos, a criança precisa de uma pessoa adulta com quem relacionar-se. Normalmente, é a mãe. Dessa forma, as relações da criança com a sua mãe determinam o sentido de si mesmo e as suas relações com o mundo exterior⁹⁵.

Há sinais claros de que as relações de João com a sua mãe na infância foram construtivas: “O instinto materno de Margarida ajudou João a progredir até ao próprio desenvolvimento normal e a própria maturidade”⁹⁶. João desenvolveu um forte ego, autoconfiança e capacidade de relacionar-se com os outros. Jamais aparece deprimido ou retraído, mas dotado de uma personalidade forte, reflexiva, ativa e feliz.

A perda do pai na primeira infância de João deixou um vazio que precisava ser preenchido, ao menos parcialmente. “A presença construtiva da mãe uniu-se à presença da imagem paterna numa situação em que se estabelece uma relação emocional recíproca”⁹⁷. Mesmo assim, João teve a fortuna, à medida que crescia, de encontrar padres que podem ser qualificados como imagem paterna. O padre João Calosso foi, na verdade, uma das figuras de pai, e muito destacado, que entrou na vida de João.

3.2. Nascimento de um carisma

Os momentos que foram marcantes na infância de João Bosco – a morte do pai, os encontros com Dom Calosso e Dom Cafasso, a morte do Dom Calosso, a atitude do seu pároco – levaram-no a discernir e a fazer algo que respondesse à realidade das

⁹³ Cf. A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 199.

⁹⁴ *Ibidem*.

⁹⁵ L. DE OLIVEIRA LIMA, *Piaget para Principiantes*, 5ª ed., Summus editorial, S. Paulo, 1980, 68-70.

⁹⁶ Cf. A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 200.

⁹⁷ *Ibidem*, 201.

crianças e jovens daquele tempo. “Se fosse sacerdote, ouviram-no dizer, procuraria os meninos, chamava-os para roda de mim, queria amá-los, ser amado por eles, dizer-lhes boas palavras, dar-lhes bons conselhos e consagrar-me inteiramente à sua salvação eterna.”⁹⁸

Dom Bosco sente-se cada vez mais envolvido nas profundas e complexas mudanças políticas, sociais e culturais que marcaram toda a sua vida: motes revolucionários, guerra, êxodo das populações dos campos para as cidades, são tudo fatores que incidirão sobre as condições da vida das pessoas, especialmente as pertencentes aos meios mais pobres. Concentradas nas periferias das cidades, os pobres em geral e os jovens em particular tornaram-se objeto de abusos ou vítimas de desemprego; durante o seu crescimento humano, moral, religioso e profissional são seguidos de maneira insuficiente e muitas vezes de maneira nenhuma. Sensíveis a todas as mudanças, os jovens ficam, frequentemente, inseguros e desorientados. Diante desta massa desenraizada, a educação tradicional fica baralhada: com diferentes motivações, filantropos, educadores e eclesiásticos esforçam-se por ir ao encontro destas novas necessidades. Dom Bosco, “sem desprezar nada do que de bom as tendências modernas podiam porventura ter, colocava muito mais alto o seu ideal”⁹⁹. Então, ele “consagrou-se à educação da juventude com o entusiasmo de quem sabia que essa era a sua missão, missão recebida especialmente do Alto. Tinha boas razões para assim pensar”.¹⁰⁰

Assim, Dom Bosco começou por entrar no mundo juvenil, como educador. Tal instituição vinha a ser um centro paroquial ou interparoquial de doutrina e vida cristã para crianças, adolescentes e jovens, de bom comportamento, ocupando-os durante uma parte do domingo, de manhã ou de tarde (raras vezes todo o dia). Habitualmente, além da doutrina, havia espaço para convívio e diversões. Dom Bosco imprime-lhe, porém, “uma nova fisionomia e dinâmica, acrescentando ao nome consagrado, *oratório*, o adjetivo *festivo*”¹⁰¹.

Vários elementos distinguem o oratório de Dom Bosco dos oratórios tradicionais. Antes de tudo, as portas estão abertas não só durante uma parte do domingo, mas durante o dia inteiro, e não só para os meninos de boas famílias e de comportamento correto, mas para toda a classe de rapazes que livremente queiram entrar, dando até particular atenção

⁹⁸ E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, Edições Salesianas, Porto, 2014, 205.

⁹⁹ *Ibidem*, 212.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 205.

¹⁰¹ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 119.

aos mais rebeldes e aos mais desenraizados da família¹⁰². De todos os fatores que intervêm no funcionamento do oratório de Dom Bosco, o mais importante é a presença amável e contínua do educador, totalmente empenhado em conseguir que os educandos se sintam envolvidos numa atmosfera de família, realidade por muitos deles desconhecida.

É precisamente na criação do clima de à vontade e de família que reside o núcleo da pedagogia e metodologia educativa de Dom Bosco. As suas primeiras experiências com os rapazes, contactados nas ruas e prisões de Turim, bem depressa o levam a verificar que a triste situação em que vivem, abandonados a si mesmos e aos baldões da sorte, é devida, na maior parte dos casos, à ausência da família ou de alguém que, na sua falta, deles se ocupe. Compreende, pois, a necessidade de lhes proporcionar um ambiente que os aproxime o mais possível do ambiente familiar.

Dada a ausência dos laços de sangue, Dom Bosco relaciona-se com os seus rapazes de modo a levá-los a descobrir na sua pessoa um pai adotivo, como ele afirmou:

“Meus queridos filhos, bem sabeis quanto vos amo no Senhor e como me tenho consagrado a fazer-vos todo o bem que posso. Aquela pouca ciência, aquela experiência, tudo o que sou e possuo, orações, fadigas, a saúde, a minha própria vida, tudo quero empregar no vosso serviço. Sempre e em tudo podeis contar comigo, sobretudo nas coisas da alma. Pela minha parte, e como “Lema”, dou-me todo inteiramente a vós; será coisa insignificante, mas dando-vos tudo, quer dizer que nada reservo para mim.”¹⁰³

A nota da paternidade espiritual é por ele responsável e amorosamente assumida e insistentemente inculcada aos seus colaboradores, uma vez que deve preencher a falta ou insuficiência da família natural. Comportando-se e assumindo-se como pai dos que o não tinham ou o desconheciam, Dom Bosco procura levá-los, através de si, a fazer uma outra descoberta mais importante ainda: a descoberta de Deus Pai, revelado em Jesus Cristo. Sem esta ligação com o Transcendente (religião), sem esta nota da paternidade divina, unida à da paternidade humana, seria impossível compreender cabalmente a pedagogia de Dom Bosco.

Dom Bosco, alternando criteriosamente momentos dedicados à formação e vivência religiosa com outros momentos mais largos, dedicados ao divertimento, ao

¹⁰² Cf. *Ibidem*, 119-120.

¹⁰³ E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, 220.

desporto, aos encontros de grupo, a atividades culturais (como o teatro e a música), enfim, às mais variadas iniciativas capazes de interessar e promover a juventude, torna agradável o largo espaço de um dia, passado em ambiente religioso, para rapazes que na sua grande maioria viviam à margem da prática da vida cristã. Por isso, ele afirmou: “não há educação sem religião.”¹⁰⁴

Entre as iniciativas de formação de que Dom Bosco lançou mão, além do teatro e da música, importa salientar os cursos de alfabetização que Dom Bosco começou logo a organizar entre os frequentadores do primeiro Oratório em Turim, quase todos alheios ao ambiente escolar ou mal sabendo escrever o nome.

Ao princípio, as aulas eram noturnas, no seguimento da jornada dominical. Depois, pouco a pouco, estas aulas foram-se estendendo pela semana adiante, com um aumento progressivo de alunos¹⁰⁵. Semelhante iniciativa mostra-nos outra característica do Oratório de Dom Bosco:

“A sua projeção para além do domingo, a qual não se limita a este aspeto importante da instrução, mas abrange outras formas de acompanhamento dos oratorianos, incluindo as visitas aos lugares em que vivem e trabalham ou fazem a aprendizagem de algum ofício e contactos de vária ordem.”¹⁰⁶

Para D. Bosco, o Oratório de S. Francisco de Sales em Valdocco (ou o Oratório sem mais) tornou-se como que, “o habitat natural da sua ação apostólica e educativa e veio a impor-se aos seus filhos como a expressão mais genuína do génio pedagógico do pai e fundador”¹⁰⁷.

Esta obra típica de humanização e evangelização é ainda hoje – com outros nomes e sob outras formas de organização e funcionamento, dada a sua flexibilidade – aquela que melhor incarna o sistema ou método educativo de Dom Bosco, que ele próprio resume na trilogia: “fé, razão e bondade”¹⁰⁸.

Na vida espiritual perpassam por vezes momentos de graça, em que a alma tem intuições repentinas, rápidas e salutares. Dizemos repentinas, quanto ao ato da faculdade cognoscitiva em si próprio, “mas o Espírito sopra onde quer” (Jo 3,8); contudo,

¹⁰⁴ *Ibidem*, 115.

¹⁰⁵ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 114-121.

¹⁰⁶ A. AMADOR, *Centenário da Obra Salesiana em Portugal - 1894-1994*. Edição da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, Lisboa, 1995, 70.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ *Ibidem*, 70.

ordinariamente, em coisas deste género, este perceber imediato e seguro costuma pressupor preparações interiores, mais ou menos longas, mais ou menos advertidas, consistindo, sobretudo, na fiel correspondência aos dons sobrenaturais.

Tendo-se afeiçoado, por inclinações ocultas do coração, a um digno sacerdote (o padre Calosso), e colocando-se com confiança filial nas suas mãos, aproveitou daquela escola de curta duração um ensino duradouro: compreendeu que era bom para a alma fazer todos os dias uma breve meditação. Recolheu dois frutos desta clara visão: “saborear o que é a vida espiritual e não agir como antes, isto é, sobretudo materialmente e como máquina, que faz as coisas sem saber porquê.”¹⁰⁹

E, na verdade, por eles desenvolve uma impressionante atividade com palavras e escritos, mostra uma atenção solícita, dirigida às suas pessoas, para que no seu amor de pai os jovens possam ver o sinal de um amor mais alto. Pode-se também sublinhar a sua coragem, a sua iniciativa, a sua fantasia inspiradora de soluções.

Por isso, o segredo do êxito de Dom Bosco educador está na sua intensa espiritualidade, ou seja, naquela energia interior que, nele, une inseparavelmente o amor de Deus e o amor do próximo, de modo a conseguir estabelecer uma síntese entre evangelização e educação. Assim, nasceu um Carisma, o “Carisma Salesiano”, que,

“Tendo como missão principal os jovens, especialmente os mais pobres, sabe descobrir a ação do Espírito no seu coração e colaborar no seu desenvolvimento; uma espiritualidade do quotidiano, que propõe a vida ordinária como lugar do encontro com Deus; uma espiritualidade pascal de alegria na ação, que desenvolve uma atitude positiva de esperança nos recursos naturais e sobrenaturais das pessoas e apresenta a vida cristã como um caminho de bem-aventurança; uma espiritualidade da amizade e relação pessoal com o Senhor Jesus, conhecido e frequentado na oração, na Eucaristia e na Palavra; uma espiritualidade de comunhão eclesial, vivida nos grupos e sobretudo na comunidade educativa, que une jovens e educadores num ambiente de família ao redor de um projeto de educação integral; uma espiritualidade de serviço responsável, que suscita em jovens e adultos um renovado empenho apostólico pela transformação cristã do próprio ambiente até ao compromisso vocacional;

¹⁰⁹ E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, 19.

uma espiritualidade mariana, que se entrega com simplicidade e confiança à ajuda materna de Nossa Senhora”¹¹⁰.

Esta espiritualidade ajuda a discernir e a enfrentar os desafios da ação pastoral, e cria unidade entre todos os que partilham e colaboram na missão.

¹¹⁰ PROVÍNCIA PORTUGUESA DOS SALESIANOS, *Carisma*, consultado em <http://www.provincia.salesianos.pt/s-joao-bosco/carisma>, a 15 de maio de 2019, às 21h30. Cf. CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens na fé, tarefa e desafio para a comunidade Salesiana hoje*, Edizione extra commerciale, Roma, 1990, n.ºs 158-180.

CAPÍTULO II

O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL DOS JOVENS COMO CARISMA

Mergulhando na experiência espiritual de S. João Bosco, encontram-se linhas claras para um acompanhamento espiritual dos jovens, tema tão urgente e crucial no mundo atual. Neste segundo capítulo procurarei mostrar como o carisma de S. João Bosco continua ainda hoje a ser perfeitamente eficaz para um acompanhamento espiritual dos jovens.

Antes de mergulhar na experiência espiritual de S. João Bosco, para encontrar linhas claras para um acompanhamento espiritual, vamos mostrar qual foi o motivo que o levou a optar e trabalhar pelos jovens.

Os princípios espirituais que regulam a conduta dos sacerdotes no “Convitto” insistiam na grave responsabilidade do sacerdote no que toca ao cumprimento da sua missão de salvar almas. O zelo pelas almas era uma obrigação a que nenhum se podia furtar. Reflexo disso são frases como “Da mihi animas cetera tolle¹¹¹”, ou de todas as coisas divinas, a mais divina é cooperar com Deus na salvação das almas. Daí a importância de os jovens sacerdotes encontrarem o modo de apostolado que mais se adaptasse às suas inclinações e qualidades.

As experiências pessoais do jovem João Bosco e as vividas por ele como fruto do seu ministério de padre recém-ordenado em Turim deram a base para entender como apelo divino a dedicação da sua vida ao serviço dos jovens mais desfavorecidos.

Dom Bosco andava então preocupado em descobrir a sua identidade como sacerdote. A sua vocação era clara, mas não o modo de a exercer, e os anos passados no Convitto acabaram por ajudá-lo a aclarar plenamente este ponto. Dom Bosco falava com frequência dessa vocação, dessa necessidade interior. Por isso, em 1844, disse ao Pe. José Cafasso¹¹²: “a minha vocação é cuidar da juventude. Neste momento parece-me estar no

¹¹¹ Cf. E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVII (1884-1885), Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1936, 365-366.

¹¹² José Cafasso (1811-1860). Foi conterrâneo de Dom Bosco, será o seu confessor e diretor espiritual. Frequentou o Colégio Eclesiástico de Turim para o aperfeiçoamento pastoral. Ordenado sacerdote aos 22 anos. Foi homem de oração, de vida extremamente mortificada, todo dedicado ao ministério pastoral e ao ensino da teologia moral. Incansável na pregação, na confissão e na direção espiritual, teve particular sensibilidade para com os pobres e os presos, que visitava regularmente e ajudava economicamente. Teve uma grande influência no florescimento da santidade sacerdotal que caracterizou a Igreja piemontesa entre o século XIX e XX. Proclamado santo em 1947, é o padroeiro dos presos. O Papa Pio XII, na Exortação *Menti nostrae*, 68 (1950), apresentou-o como modelo dos sacerdotes que “cuidam da santificação dos

meio de uma multidão de jovens que me pedem ajuda”¹¹³. Mais tarde, em 1846, respondeu ao *ultimato* da marquesa Barolo¹¹⁴ com as palavras: “a minha vida está consagrada ao bem da juventude. Agradeço-lhe as ofertas que me faz, mas não posso afastar-me do caminho que a Providência traçou em mim”¹¹⁵.

Esta vocação transformou-se na opção definitiva pelos jovens, que se converteram na preocupação absorvente do seu ministério. Por isso, ele disse: “Queridos jovens: eu vos amo com todo o meu coração, e basta-me que sejais jovens para que vos ame muito”¹¹⁶. E continua: “Garanto-vos que encontrareis livros, escritos para vós por pessoas muito mais virtuosos e sábias do que eu, mas dificilmente podereis encontrar alguém que vos ame mais do que eu em Jesus Cristo e que mais deseje a vossa felicidade”¹¹⁷.

O seu grande entusiasmo pela salvação das almas levou-o a pensar em ir para as missões. Mas o Pe. Cafasso dissuadiu-o com dois argumentos decisivos: não tinha saúde¹¹⁸ nem condições para ser missionário e, sobretudo, a vontade de Deus era que

irmãos, como conselheiros, confessores ou diretores espirituais”. Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 28.

¹¹³ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 131.

¹¹⁴ Giulia Colbert ou marquesa Falletti di Barolo (26 de junho de 1786 a 19 de janeiro de 1864), leiga, viúva e fundadora da Congregação das Filhas de Jesus Bom Pastor e das Irmãs de Sant’Ana. Ela foi uma das figuras femininas turinenses mais carismáticas do século XIX. Uma grande benfeitora que se ocupou, sobretudo, das péssimas condições por que passavam as mulheres prisioneiras. Mas não só: fundou vários Institutos assistenciais, mantendo relacionamentos sociais com numerosos personagens ilustres: do Rei Carlos Alberto a Cavour, de Silvio Pellico a Dom Bosco. Nascida em Maulévrier, na Vandeia (França), casara com o marquês Tancredi Falletti di Barolo 1807, cuja causa de beatificação também está em curso. Ambos muito ricos, não tiveram filhos: decidiram adotar os pobres de Turim, cidade que na época atraía imigrado dos campos e que foi salva por figuras eminentes, desde Cottolengo a Cafasso, de Dom Bosco a Faá di Bruno, às quais se deve associar o casal Carlo Tancredi e Giulia Colbert di Barolo. No início do oratório Dom Bosco achará acolhimento nas obras da marquesa, antes junto ao refúgio e sucessivamente no Pequeno Hospital de Santa Filomena (de outubro de 1844 a de maio de 1845). O período passado como diretor espiritual nas obras educativas da marquesa foi breve. Mas deixou um sinal indelével em Dom Bosco. A marquesa, com a sua fé sincera e profunda, a sua forte personalidade, a sua concretude e franqueza, ajudou muito Dom Bosco a manter os pés no chão, a desenvolver um sistema educativo impregnado de caridade, tolerância e paciência, a testemunhar uma fé rica de confiança no Anjo da Guarda e em Maria, além da fidelidade ao Papa. A marquesa alimentou sempre grande estima por Dom Bosco e o apoiou na promoção das suas obras. Materna e feminina, intuía que a saúde de Dom Bosco, prostrado pela mole de trabalho educativo e pastoral, corria perigo, além disso, estava justamente preocupada em salvaguardar a especificidade das suas obras, relativamente àquelas de Dom Bosco, em favor dos jovens. Giulia e Carlo Tancredi: modelo perfeito de comunhão conjugal. Privados de todo orgulho aristocrático, misturaram-se e confundiram-se com os pobres, visando a transformação dos sistemas em favor da justiça ali onde justiça não havia. Pela sua dedicação à pessoa dos pobres e, em especial, às prisioneiras, no dia 21 de janeiro de 1991 foi iniciado o processo da sua beatificação.

Cf. A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 451-455 e Cf. G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. VII, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1909, 607-609.

¹¹⁵ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 158.

¹¹⁶ G. BOSCO, *Il Giovane Provveduto*, Tip. Paravia, Turim, 1847, p.7

¹¹⁷ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. III, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1903, 11.

¹¹⁸ Pode chamar a atenção esta afirmação do padre Cafasso, porque normalmente fala-se de um Dom Bosco cheio de saúde, que corria e jogava com os rapazes, sempre cheio de humor e com bom aspeto, otimista. A

continuasse o seu trabalho com os jovens. Segundo o padre Cafasso, a diocese de Turim não podia prescindir de um sacerdote como Dom Bosco, nem devia ser integrado em estruturas paroquiais: a sua missão com os jovens era urgente e atual.

Na raiz da sua opção pelos jovens está a sua vocação pessoal: o serviço aos jovens foi uma resposta generosa a um chamamento de Deus. Esta “predileção pelos jovens”¹¹⁹ levava Dom Bosco a empenhar-se totalmente na busca do seu bem, do seu crescimento, desenvolvimento e bem-estar humano e da sua salvação eterna. A grande convicção de Dom Bosco foi sempre o facto de se sentir enviado por Deus, de não ter partido duma sensibilidade própria, mas de ter percebido que Deus lhe confiava os jovens e ter-se sentido chamado a ser para eles pai, irmão e amigo¹²⁰, foi assim que surgiu toda a sua experiência educativa e o seu sistema preventivo.

A predileção de Dom Bosco pelos jovens – “basta que sejais jovens, para que eu vos ame intensamente”¹²¹, e também, “prometi a Deus que até o meu último suspiro seria pelos meus queridos jovens”¹²² – não foi fruto, como alguns pretenderam, de uma revelação repentina, localizada num momento e lugar precisos: o mítico encontro com Bartolomeu Garelli a 8 de Dezembro de 1841, na sacristia da Igreja de S. Francisco de Assis¹²³; foi antes o resultado duma evolução que foi amadurecendo ao longo dos anos e em circunstâncias diversas: desde as suas experiências infantis nos Becchi, o sonho dos

verdade é que Dom Bosco nunca gozou de boa saúde. Por parte da mãe tinha herdado uma infeção pulmonar; aos dez anos caiu duma árvore e algumas costelas ficaram deformadas; no seminário teve uma grave enfermidade, devida provavelmente à má alimentação e ao excesso de preocupação pelos estudos, que lhe deixou o organismo muito debilitado e resquícios patológicos para toda a vida, que nalguns momentos atingiram maior violência; em 1845, confessando no Cottolengo, apanhou uma epidemia cutânea que lhe produzia erupções na pele; em 1846 desmaiou no Oratório e teve que ficar de cama durante vários meses com uma grave enfermidade bronco-pulmonar; sofreu constantemente de fortes dores de cabeça, de olhos e de dentes; sofria frequentemente de sonolência, mas o que mais o atormentava eram as varizes, que lhe produziam chagas e erisipelas nas pernas; sofreu de hemorroides até ao ponto de lhe custar muito sentar-se; em 1871 teve uma longa enfermidade, de 26 de Novembro até 15 de Fevereiro de 1872, passando 52 dias de cama com fortes dores de costas e de pernas e nasceu-lhe uma furunculose cutânea que o atormentava com febre; envelheceu prematuramente e desde 1884 “era uma roupa gasta que era preciso guardar no roupeiro”, caminhava curvado e tinha de se apoiar numa bengala. Durante as viagens triunfais por França e por Espanha teve grandes dores de cabeça e distúrbios intestinais. A última doença foi muito penosa, com complicações paralíticas nas articulações que o fizeram exclamar “acho-me entre imundícies”. G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. II, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1901, 204-205.

¹¹⁹ CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 14, Edição Extracomercial, Lisboa, 2004, 25.

¹²⁰ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 9-11.

¹²¹ G. BOSCO, *Il Giovane Provveduto*, Torino, 1847, p.7; Cf. CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 14, 25.

¹²² E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVIII (1886-1888), Ediz. Extra-Commerciale, Tipografia della Società Editrice Internazionale, Torino, 1937, 258.

¹²³ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 114.

9 anos¹²⁴, as suas amizades em Chieri, o contacto com os rapazes das ruas de Turim¹²⁵, etc. Pouco a pouco foi prevalecendo nele a convicção de que a missão a que Deus o tinha destinado desde sempre era o trabalho pelos jovens necessitados de instrução e marginalizados. Dom Bosco, mal viu clara a sua vocação, decidiu-se inteiramente por aquilo que sabia ser a vontade de Deus, a sua dedicação incondicional aos jovens, e sacrificou tudo para cumprir até ao fim o que Deus lhe pedia. A opção de Dom Bosco pelos jovens – “por vós estudo, por vós trabalho, por vós vivo, por vós estou mesmo disposto a dar a vida”¹²⁶ – significava que “toda a sua pessoa, inteligência, coração, vontade, força física, todo o seu ser estava orientado para lhes fazer bem, promover o seu crescimento integral, desejar a sua salvação eterna”¹²⁷. Ser homem de coração, para Dom Bosco, significava, portanto, estar todo consagrado ao bem dos seus rapazes e dar-lhes todas as suas energias. Esse era o horizonte de vida de Dom Bosco, ser todo para os jovens, até ao último suspiro.

“E bem sabemos que pelos seus rapazes e jovens Dom Bosco desenvolveu uma vastíssima atividade com palavras, ações educativas, presença, escritos, associações ou companhias, com viagens, fundações, encontros com todo o tipo de autoridades, com o próprio Papa. Por eles, sobretudo, manifestou uma atenção muito cuidada, dirigida às suas pessoas, a fim de que no seu amor de pai os jovens pudessem acolher o sinal de um amor mais alto.”¹²⁸

O amor por estes jovens era feito de “gestos concretos e oportunos e interessava-se por toda a sua vida”¹²⁹. A maneira concreta de o conseguir foi-lha ensinando, pouco a pouco, a experiência e a leitura que dela ia fazendo à medida que as circunstâncias lho exigiam. Por isso, a opção fundamental e o amor pelos jovens são o compromisso vocacional de Dom Bosco.

¹²⁴ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. I, 123-125. Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 9-11.

¹²⁵ *Ibidem*, 118-121.

¹²⁶ Cf. CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 14, 25.

¹²⁷ P. RUFFINATO, *Educhiamo con il cuore di Don Bosco*, *Note di Pastorale Giovanile*, n.º 6, Roma, 2007, 9.

¹²⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *Juvenum Patris*, n.º 9, in AAS 80 (1988) 971-972.

¹²⁹ P. RUFFINATO, *Educhiamo con il cuore di Don Bosco*, *Note di Pastorale Giovanile*, n.º 6, 9.

1. Carisma que seduz e leva a uma experiência espiritual dos jovens.

O Acompanhamento Espiritual Juvenil tem em vista o amadurecimento integral da pessoa do jovem. Orienta-se, assim, para ajudar o jovem no trabalho da autorrealização e do crescimento espiritual. Para chegar a este crescimento necessita de dar atenção particular às estruturas da pessoa do jovem. Neste sentido,

“Pretende-se ajudá-la a desenvolver os seus próprios dotes e capacidades, a realizar o seu próprio projeto de vida, a ser ela própria, a ajudar o seu processo de crescimento humano e espiritual à sua própria condição e possibilidades.”¹³⁰

É muito importante no acompanhamento espiritual dos jovens o conhecimento da sua evolução psicológica e dos seus processos de crescimento, como também da atual condição juvenil. Juntamente com eles, “podemos ler de maneira mais profética a nossa época, reconhecendo os sinais dos tempos; por isso, os jovens são um dos “lugares teológicos” onde o Senhor nos dá a conhecer algumas das suas expectativas e desafios para construir o futuro.”¹³¹ Assim, pode ajudar muito o conhecimento dos estudos sociológicos que apresentam o perfil do jovem atual, as diferentes tipologias e os traços característicos da sua maneira de ser e de se comparar. É importante conhecer o jovem concreto que é acompanhado: saber o que pensa e o que deseja. Assim, acompanha-o também no desenvolvimento e na formação da consciência moral.

Neste sentido, quando nos aproximamos de Dom Bosco para o estudar na perspectiva do acompanhamento espiritual juvenil, descobrimos a dificuldade de nele distinguir as atitudes, os métodos e os conteúdos que o qualificam como educador e acompanhante dos que o caracterizam no exercício do acompanhamento espiritual. Por isso, apresento algumas reflexões sobre o laço estreito que existe entre a missão educativa de Dom Bosco e a orientação espiritual juvenil, e as consequências que esse laço comporta para a missão formativa juvenil.

¹³⁰ E. ALBURQUERQUE, *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, Ed. Salesianas, Porto, 2017, 10.

¹³¹ SÍNODO DOS BISPOS: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Documento Final, n.º 64, Edições Salesianas, 2018, 41, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

1.1. *Só se cresce no amor e fazer-se amar*

O traço que melhor caracteriza o acompanhamento espiritual juvenil é o clima de amor recíproco que une o acompanhado e o acompanhante. Porque não há verdadeiro acompanhamento espiritual se não houver verdadeiro amor, isto é, trata-se de um amor que chega a ser verdadeiramente espiritual.

O amor de Deus está no centro do pensamento, do acompanhamento, da vida e da ação de João Bosco. Porque toda a sua espiritualidade apoia-se no coração. Porque, “o acompanhamento espiritual deve oferecer aos jovens uma experiência de Deus afetiva e efetiva”¹³². Isto é, por um lado, é bom que os jovens cheguem a uma experiência de verdadeiro amor a Deus e esta experiência do amor a Deus move ao compromisso solidário. Por isso, no centro deste acompanhamento, a doçura prevalece sobre a coação, porque na base está a convicção fundamental de que tudo deve ser feito por amor e não por obrigação.

Trata-se de um amor único porque é central, único porque tem a precedência sobre todos os outros afetos do coração.

“Procura fazer-te amar”¹³³. É a marca de Dom Bosco no espírito e no método pastoral em favor dos jovens. Certamente esta frase tão significativa ocupa uma posição estratégica no espírito salesiano. Esta frase tão sugestiva foi escrita em 1863, numas notas que Dom Bosco entregou ao Pe. Miguel Rua¹³⁴ quando o mandou como primeiro diretor a Mirabello: “Como não posso estar sempre ao teu lado..., falo-te com a voz de um pai afetuosos que abre o seu coração a um dos seus queridos filhos e procura fazer-se amar”¹³⁵. O próprio Dom Bosco repeti-la-á ao mesmo Pe. Rua, escolhido como seu sucessor, no leito de morte; as Memórias Biográficas afirmam de facto que “uma das últimas palavras pronunciadas por Dom Bosco ao Pe. Rua foi esta: “faz-te amar”.¹³⁶ Podemos lembrar ainda que na famosa carta de Roma, escrita no mês de maio de 1884, Dom Bosco insiste

¹³² Cf. E. ALBUQUERQUE, *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, 41.

¹³³ Cf. G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. VII, 524.

¹³⁴ O Pe. Miguel Rua (1837-1910). Era o primeiro Salesiano. Primeiro sucessor de Dom Bosco. O Padre Rua, considerado então a regra viva, torna-se paterno e amável como Dom Bosco. Enfrenta e supera inúmeras dificuldades no governo da Congregação. Consolida as missões e o espírito salesiano. Morreu no dia 6 de abril de 1910, aos 73 anos. Com ele, a Sociedade passou de 773 a 4000 Salesianos, de 57 a 345 Casas, de 6 a 34 Províncias em 33 países. Paulo VI beatificou-o em 1972, dizendo: “Ele fez da fonte um rio”, cit. in https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19721029.html. (09/09/2020, 21h45).

¹³⁵ Cf. G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. VII, 524.

¹³⁶ Cf. E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVIII, 537.

exatamente no facto de que “não basta amar, mas que é necessário saber fazer-se amar”.¹³⁷ Trata-se, portanto, de um fazer-se amar que é expressão de uma espiritualidade e de uma metodologia apostólica particularmente originais. O princípio "fazer-se amar mais do que fazer-se temer", por Dom Bosco copiosamente repetido na sua pedagogia, não é senão o reflexo da sua atuação, ao “fazer-se amar mais do que fazer-se temer”¹³⁸.

A ação educativa de Dom Bosco era fundamentalmente um carisma e não algo que se aprendesse, como a didática. Este carisma consistia sem dúvida num grande amor. Era o homem do amor. Já no seu tempo lhe chamavam, “um gigante do amor”¹³⁹. Na sua atuação, o essencial não era nem a pedagogia preventiva, nem os princípios da religião e da razão. Estes são apenas conceitos fragmentários que tinha de adotar para que os demais educadores o entendessem e, assim, tivessem algum ponto de referência. Mas o elemento fundamental da sua pedagogia era a “amorevolezza”¹⁴⁰. Porque foi o amor que o fez grande, não o seu método educativo. Amou os seus rapazes e viveu constantemente preocupado com o bem deles. Deu-lhes o coração, mas excluiu carícias e abraços. O Pe. Álbera¹⁴¹, na sua direção da obra salesiana, deu o seu testemunho pessoal:

“Sentia-me como que prisioneiro de uma força amorosa que me dava vigor ao pensamento, às palavras e às ações. Mas sinto-me incapaz de, com maior precisão, descrever o meu estado de espírito, que era também o dos meus companheiros. Sentia que era amado como nunca”¹⁴².

Dom Bosco amava com factos e não com palavras. Nunca se repetirá suficientemente. O carisma do santo é um mistério de amor. Amava os rapazes da rua e amava-os de tal modo que eles compreendiam esse amor. Dom Bosco disse sempre aos seus educadores: “Quem sabe que é amado, ama também, e quem é amado consegue tudo, especialmente da juventude”¹⁴³. Assim pensava Dom Bosco. Para ele, o amor não era nem um conceito nem um sentimento, mas sim uma força espiritual. Pôs-se à disposição da juventude, compreendeu-a no íntimo, pois sabia de que barro era feita. Os rapazes eram os seus amigos. Ele próprio se autoapelidava preferencialmente, “não padre, mas

¹³⁷ E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVII (1884-1885), Ediz. Extra-Commerciale, Tipografia della Società Editrice Internazionale, Torino, 1936, 107-114.

¹³⁸ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 222.

¹³⁹ W. NIGG, *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, Edições Salesiana, Porto, 1983, 81.

¹⁴⁰ Atmosfera de amor, delicadeza, benevolência experimentável.

¹⁴¹ Segundo Sucessor de Dom Bosco. O Primeiro foi o Pe. Miguel Rua.

¹⁴² Cf. W. NIGG, *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, 81.

¹⁴³ *Ibidem*.

amigo”¹⁴⁴ e era entre os educadores mais conhecidos “não apenas o grande amador, mas também o grande amado”¹⁴⁵.

Dom Bosco era movido pelo amor das almas e pelo desejo de as ajudar. Sem perder tempo a discutir o tema da ação social, fazia em silêncio o que era necessário. Porque tinha a “consciência de que ser acompanhante é uma missão que requer um profundo enraizamento na vida espiritual que o há de ajudar a manter-se livre no relacionamento com os jovens que acompanha”¹⁴⁶. O amor divino foi nele um vento impetuoso que arrastou o amor humano. O amor venceu todas as dificuldades e ninguém conseguiu detê-lo. Pela sua grande capacidade de amar, Dom Bosco converteu-se como todos os santos num louco de amor, tão grande que pode ser considerado na história da Igreja, como um dos maiores santos do amor. A sua caridade transbordante leva-nos até a falar de um sacramento de amor ao próximo, expressão rara e insólita, mas pertinente. No santo de Turim, o amor pelos mais pobres assumiu de facto o carácter de um sacramento. Era evidente nele a força irresistível do amor; irradiava-a e dela vivia. Tudo o que Dom Bosco fazia, era marcado por este amor decidido¹⁴⁷.

Dom Bosco dizia sempre: “um só é o meu desejo: ver-vos felizes no tempo e na eternidade”¹⁴⁸. Ser feliz, como meta sonhada por todos os jovens, hoje, amanhã, no futuro. Mas não só. Na eternidade está aquele *mais* que só Jesus e a sua proposta de felicidade sabe oferecer: justamente a santidade. “Para ser feliz e para que a Boa Nova da salvação seja acolhida por todos os jovens, procurai fazer-vos amar; e para que o mundo creia e acreditando se salve, procurai fazer-vos amar”¹⁴⁹. Por isso, “o bom acompanhante é uma pessoa equilibrada, de escuta, de fé e de oração, a que se juntam as próprias fraquezas e fragilidades”¹⁵⁰. E continua dizendo que o acompanhante “sabe ser acolhedor para com os jovens que acompanha, sem moralismos nem falsas indulgências. Quando é necessário (...), uma palavra de correção fraterna”¹⁵¹. Assim, continua Dom Bosco, “juntamente

¹⁴⁴ *Ibidem*, 82.

¹⁴⁵ *Ibidem*.

¹⁴⁶ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, 102, Edições Salesianas, Porto, 2018, 63.

¹⁴⁷ Cf. W. NIGG, *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, 81-82.

¹⁴⁸ INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO (ISS), *Fontes Salesianas, Dom Bosco e a sua obra*. Coletânea antológica, EDB, Brasília, 2015, 518.

¹⁴⁹ Cf. E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVII (1884-1885), 107-114.

¹⁵⁰ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento Final, n.º 102, 62-63, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

¹⁵¹ *Ibidem*, 63.

com os jovens, seremos anunciadores mansos e corajosos do Evangelho, pela fé e com amor”¹⁵².

1.2. *Todo o carisma de Dom Bosco assentava no amor do Bom Pastor*

A força na ação realizadora associa-se, em Dom Bosco, e não é um paradoxo, à delicadeza nas relações pessoais, porque não quer ser senão um repetidor da caridade divina salvadora, uma testemunha do Pai das misericórdias, um enviado de Cristo Bom Pastor, um imitador de S. Francisco de Sales.

A vida espiritual de Dom Bosco manifestou-se de acordo com a sua dedicação à missão, ao campo de trabalho que, em muitas ocasiões, desde o sonho dos nove anos, a Virgem Maria lhe indicara e confirmara através dos sinais visíveis dos sonhos¹⁵³. Por isso, para Dom Bosco “amar é expressar o amor concretamente aos jovens de uma forma muito semelhante ao amor que Deus tem pela humanidade”¹⁵⁴. Dom Bosco, ciente da bondade de Deus, tornou-se numa pessoa entregue ao trabalho de manifestar o amor de Deus na vida dos jovens.

Dom Bosco comoveu-se diante do sofrimento humano na sua época. Por isso, “decidiu colocar todas as suas energias e serviços às categorias de jovens pobres e dedicou toda a sua obra em prol da juventude pobre e abandonada”¹⁵⁵. Para Dom Bosco, “não se pode fazer o bem aos outros assumindo atitudes reservadas e rígidas, esquecendo que os pobres têm necessidade antes de mais nada de serem pessoalmente amados”¹⁵⁶. Dom Bosco “era bom nos modos, nos gestos, nas palavras, no sorriso”¹⁵⁷. O bom coração manifestava-se não apenas na caridade, mas também nas maneiras. O *amator animarum* era um conquistador de almas, que usava como arma a bondade, sempre amável e atento ao outro. A sua bondade quotidiana, humilde, cordial, amável, ao mesmo tempo paterna, materna, fraterna: “não é a bondade que considera ser bem o inclinar-se, mas a que vive com e para aquele de quem se aproxima, da palavra, do sorriso, e da tolerância”¹⁵⁸. Dom Bosco, “é um santo de bom humor, e falar com ele enchia-nos de alegria. Era sobretudo

¹⁵² *Ibidem*.

¹⁵³ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 9-11.

¹⁵⁴ A. CASTRO, *A Espiritualidade de São João Bosco*, 1ª edição, Arte Brasil Editora, São Paulo, 2010, 668.

¹⁵⁵ J. AUBRY, *Escritos Espirituais de S. João Bosco*, Editorial Dom Bosco (EDB), S. Paulo, 1975, 34.

¹⁵⁶ *Ibidem*, 35.

¹⁵⁷ *Ibidem*.

¹⁵⁸ A. CAVIGLIA, *Don Bosco. Profilo storico*, SEI, Turim, 1934, 91.

bondade serena e alegria da bondade”¹⁵⁹. A alegria e a serenidade eram para ele um fator de primeira ordem e uma forma da sua pedagogia.

Por isso, Dom Bosco na sua pedagogia não usou formas abstratas ou teóricas ou ideológicas, mas aquela pedagogia da bondade que coloca a educação num incessante processo de adaptação, de conversão humana, espiritual, pastoral, sabendo acolher todas as mudanças, mas referindo-as às razões mais verdadeiras e profundas do crescimento humano e do amadurecimento cristão. “O seu amor aos jovens foi mais longe, e estava sempre convencido de que a educação é coisa de coração, ou melhor, que o coração deve ser educado, porque é no amor que os jovens apostam a sua vida”¹⁶⁰.

Dom Bosco repetia várias vezes nos seus encontros com os jovens, nas palavras da boa noite ou nalgum exercício espiritual.

“Meus caros jovens, eu vos amo de todo o coração, e basta que sejais jovens para que vos ame muito, e posso garantir-vos que podereis encontrar muitos livros escritos por pessoas bem mais doutas e virtuosos do que eu, mas dificilmente encontrareis quem mais do que eu vos ame em Jesus Cristo, e quem mais deseje a vossa verdadeira felicidade. Sede felizes, e o santo temor de Deus seja a vossa riqueza durante toda a vossa vida”¹⁶¹.

Dom Bosco, quando se dirige aos jovens facilmente se comove, e o seu coração encontra as expressões mais carinhosas para manifestar-lhes afeto sacerdotalmente paterno. Exprime também esta verdade, para ele evidente: “amar é querer a felicidade do outro”¹⁶². A vida intensa de amor a Deus de Dom Bosco cresceu e aprofundou-se como convicção perene do seu agir e da sua dedicação em proporcionar aos jovens o melhor possível para que, nas suas vidas, pudessem alcançar um nível de dignidade. Para ele, “a vida em condições mínimas, mas vista como dom e como presença amorosa de Deus, passou a ser a expressão maior do amor de Deus”¹⁶³. As experiências pessoais de Dom Bosco reveladoras de dimensões profundas do seu ser extravasam no desejo e nos esforços para mostrar e proporcionar aos jovens “um caminho de experiências vitais grandiosas em que tomariam posse das suas potencialidades e experimentar que são

¹⁵⁹ J. AUBRY, *Escritos Espirituais de S. João Bosco*, 35.

¹⁶⁰ Cf. W. NIGG, *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, 73.

¹⁶¹ Cf. J. AUBRY, *Escritos Espirituais de S. João Bosco*, 99.

¹⁶² *Ibidem*.

¹⁶³ A. CASTRO, *A Espiritualidade de São João Bosco*, 671.

amados como ovelhas saudáveis do Bom Pastor, jamais o abandonariam”¹⁶⁴. Esse foi o ponto crucial da vida espiritual de Dom Bosco que dinamizou todas as decisões e lutas em prol do bem dos jovens. Porque “o seu desejo maior era oferecer as condições ideais para que os jovens se sentissem amados, convivessem afetivamente em clima de família e tomassem consciência de que eram filhos de Deus. Por isso, quando se fala do carisma de Dom Bosco diz-se que o mesmo assentava no amor e no amor do Bom Pastor, como observa o seu grande amigo, o Pe. Miguel Rua, sublinhando que “é necessário apreender a amar por primeiro, sendo que toda a fonte do amor verdadeiro provém do coração bondoso do Bom Pastor, Jesus Cristo”¹⁶⁵. Essa fonte inspira o amor que passou pelo coração de Dom Bosco, o entusiasmou, lhe dinamizou os desejos e as grandezas do seu ser, suscitou nele o desejo de “levar o amor de Deus aos jovens, fazer o bem aos jovens”¹⁶⁶ e “trabalhar para a salvação das suas almas”¹⁶⁷. Dom Bosco amou os jovens com o coração inundado de amor do Bom Pastor. Assim se pode constatar e experimentar a grandeza desse amor aos jovens de todo mundo.

Por isso, por ocasião da celebração do bicentenário do nascimento de Dom Bosco, o Santo Padre, Papa Francisco na sua carta dirigida ao Superior Geral dos Salesianos, Pe. Ángel Artime, disse: “Dom Bosco viveu uma grande paixão pela salvação da juventude, manifestando-se testemunha credível de Jesus Cristo e anunciador genial do seu Evangelho, em comunhão profunda com a Igreja, especialmente com o Papa”¹⁶⁸.

Com efeito, o amor de Dom Bosco transparecia no seu olhar e nas suas palavras, numa maneira tão evidente que todos os jovens o sentiam, confiando nele plenamente. Na sua presença, experimentavam uma intensa alegria.

1.3. A alegria e o otimismo estão também no centro do carisma de Dom Bosco

A espiritualidade de Dom Bosco é dinâmica e também otimista, “de um otimismo humanista e evangélico ao mesmo tempo. Dom Bosco ama a vida, admira o homem, deposita confiança nos seus recursos, vale-se das suas potências mais profundas: a razão,

¹⁶⁴ *Ibidem*, 672.

¹⁶⁵ *Ibidem*, 682-683.

¹⁶⁶ CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 26.

¹⁶⁷ *Ibidem*, art. 18.

¹⁶⁸ FRANCISCO, *Como Dom Bosco, com os jovens e para os jovens*, Carta do Santo Padre Francisco ao Padre Ángel Fernández Artime, Reitor-mor dos salesianos, no bicentenário do nascimento de São João Bosco, 2015. Cf. [http://www.familia.salesianos.pt/docs/default-source/gerais/carta-papa-francisco-bicentenario-\(pt\).pdf](http://www.familia.salesianos.pt/docs/default-source/gerais/carta-papa-francisco-bicentenario-(pt).pdf). (28/04/2020, às 16h15).

a liberdade, e o amor”¹⁶⁹. Segundo Dom Bosco, aqueles que vivem na graça de Deus estão sempre alegres e, mesmo nas suas aflições, têm o coração em paz. Considerando assim a vida, no seu tempo de estudante, para atingir essa prática, criou a *Sociedade da Alegria*¹⁷⁰, porque “queria viver intensamente a vida na prática da religião no estado de satisfação e alegria”¹⁷¹. Pois, “a verdadeira alegria não pode ser senão a proveniente do conhecer, amar e servir a Deus como Ele quer”¹⁷².

O ambiente sustentava-se nas afirmações e nas propostas orientadoras da vida dos jovens. Dom Bosco queria que cada jovem valorizasse a própria vida como o dom mais sublime da parte de Deus. Porque “o ambiente alegre e entusiasmante expressava a vida desejada na graça de Deus”¹⁷³. Portanto, não haveria motivo algum para que a tonalidade geral da sua casa não fosse senão alegre. Esta alegria de se viver na graça e amizade de Deus transformava-se em proposta singular e especial da santidade, e “essa santidade consistia na simplicidade da vida alegre de cada jovem, no esforço contínuo para cumprir com os próprios deveres e sentir-se em casa, acolhidos e amados como filhos de Dom Bosco”¹⁷⁴. A força do afeto e da dedicação de Dom Bosco sustentava a permanência e a vivência desses traços fundamentais de um projeto educativo que extravasava os limites comuns da vida juvenil para alcançar o sublime estado de alegria proveniente da alma, do espírito e da vivência na fé.

O ambiente de Valdocco, “muito vivo e alegre, possibilitava aos jovens antever as suas potencialidades transformando-as em aprendizagens consistentes e (antevendo) o seu futuro (como) um verdadeiro sucesso onde quer que estivessem”¹⁷⁵. Por isso a proposta de santidade que era apresentada aos jovens por Dom Bosco tinha como primeiro passo importante a dedicação de cada um no desenvolvimento dos seus dons como cumprimento do primeiro ato de gratidão para com Deus. A santidade, para Dom Bosco, expressava “o gosto da vida da graça na alegria do cumprimento dos próprios deveres”¹⁷⁶. Tal meta de santidade era acessível a todos, a ponto de Domingos Sávio ser o seu verdadeiro porta-voz, ao afirmar: “Aqui nós fazemos consistir a santidade em estarmos

¹⁶⁹ Cf. J. AUBRY, *Escritos Espirituais de S. João Bosco*, 36.

¹⁷⁰ A explicação deste tema está no ponto: 3.3.1. A sociedade de alegria, 68.

¹⁷¹ A. CASTRO, *A Espiritualidade de São João Bosco*, 674.

¹⁷² P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II, 2ª edizione, LAS, Roma, 1981,190.

¹⁷³ A. CASTRO, *A Espiritualidade de São João Bosco*, 676.

¹⁷⁴ *Ibidem*.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

¹⁷⁶ P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II, 222.

todos alegres”¹⁷⁷ e “servite Domino in laetitia”¹⁷⁸. Estas duas afirmações apresentam os dois fundamentos de catequese de Dom Bosco.

A vida cristã é fonte de alegria profunda e contínua e a juventude compromete nela todo o futuro: a vida adulta, a morte, a vida eterna. Aqui ensina-se um método de vida cristã que visa dois objetivos: dar alegria no presente e garantir um futuro feliz, perspectivas que estão em profunda sintonia com a psicologia dos adolescentes e dos jovens. Isto está resumido na expressão: “bons cristãos na terra, felizes habitantes no céu, ou seja, bons cristãos e honestos cidadãos”¹⁷⁹ que se tornará um dos motivos orientadores de Dom Bosco como um objetivo, uma ideia da formação e da pedagogia por ele proposta e que é “a educação cristã que abrange o homem inteiro em todas as suas funções e cuida do seu bem temporal e eterno”¹⁸⁰.

É importante notar aqui que Dom Bosco não se contentou em praticar ele próprio a mansidão, a paz e a alegria. Porque a satisfação e a alegria como elementos constitutivos do seu sistema é inseparável dos estudos, dos trabalhos e da piedade. Por isso, Dom Bosco disse a Francisco Besucco¹⁸¹, um dos seus jovens: “Se queres ser bom, pratica só três coisas e tudo correrá bem. Ei-las: alegria, estudo e piedade”¹⁸². E continua: “É este o grande programa; praticando-o, poderás viver feliz e fazer muito bem à tua alma”¹⁸³. Para Dom Bosco, a alegria é uma característica fundamental e essencial do ambiente familiar e é como uma expressão do carinho. Porque a alegria, antes de ser um recurso metodológico, é um meio para fazer aceitar aquilo que é sério na educação. Para Dom Bosco é uma forma de vida, que ele faz derivar de uma instintiva avaliação psicológica dos seus jovens e do espírito de família que ele criou no Oratório. “O convívio fraterno e paterno do educador com os seus alunos, não teria valor nem efeito sem a eficácia da vida alegre, da alegria sobre o espírito do jovem, que por ela se abre à penetração do bem”¹⁸⁴.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 223.

¹⁷⁸ “Servi o Senhor com alegria”. Cf. CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art.17

¹⁷⁹ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. IV, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1904,19.

¹⁸⁰ A. CASTRO, *A Espiritualidade de São João Bosco*, 621.

¹⁸¹ Francisco Besucco, nasceu no dia 1de março de 1850 em Argentera. *Argentera* é uma comuna italiana da região do Piemonte, província de Cuneo. Recebeu o nome de Francisco Albino Besucco. Entrou no Oratório de Dom Bosco no dia 3 de agosto de 1863, aos 13 anos. Esteve no Oratório por cinco meses, onde morreu no dia 9 de janeiro de 1864. Dom Bosco publicou a sua vida em 1864 com o título “O Pastorinho dos Alpes”, apenas seis meses após a sua morte.

¹⁸² G. BOSCO, *Il Pastorello dele Alpi*, 90-91. Cf. J. BOSCO, *Vida dos jovens*, estudo introdutório e notas ao cuidado de Aldo Giraud, Edições Salesianas, Porto, 2012, 291.

¹⁸³ *Ibidem*.

¹⁸⁴ A. CAVIGLIA, *Introduzione alla lettura de La Vitta de Savio Domenico*, Vol. IV, SEI, Torino, 1943, 41-42. Cf. P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 298.

Os jogos, as brincadeiras, os truques, as conversas muito amenas e cheias de seriedade e de carga educativa povoam os recreios.

“A barulheira, os cânticos, a gritaria; dar aplausos e ovações com gritos, vozes e cânticos; cansados de rir, brincar, cantar e, diria mesmo, gritar; o recreio com as bolas de madeira, com as muletas, com as espingardas, com as espadas de madeira e com os primeiros aparelhos de ginástica; a maior parte passava o recreio saltando, correndo e divertindo-se em vários jogos e brincadeiras”¹⁸⁵.

A alegria torna-se nas mais variadas formas de recreio e sobretudo nos jogos ao ar livre. Recordar-se que, enquanto lhe foi possível, “Dom Bosco deixava tudo o resto para estar no pátio com os seus jovens, por compreender a importância que este fator tem aos seus olhos de educador e de pai das almas dos seus jovens”¹⁸⁶. A alegria é para ele não só estar no recreio com divertimentos, mas autêntica e insubstituível realidade pedagógica. Daí a importância da familiaridade com os seus jovens, especialmente no pátio durante o recreio.

2. *Carisma que leva ao amadurecimento da fé dos jovens*

Dom Bosco não é somente educador no sentido estrito e formal; a sua atividade propriamente *educativa*¹⁸⁷ insere-se num conjunto mais amplo de interesses pela juventude e pelas classes populares a todos os níveis. Concretamente, deve ser identificada no contexto de uma tríplice preocupação, com ela entrelaçada, mas formalmente distinta:

“A atividade assistencial e benéfica voltada para as necessidades elementares do alimento, da roupa, da moradia e do trabalho; o cuidado pastoral pela salvação da alma, do viver e morrer na graça, com as intervenções específicas que este exige; a animação espiritual das comunidades educativas e religiosas por ele fundadas, para dar suporte às várias obras em favor dos jovens”¹⁸⁸.

¹⁸⁵ Cf. P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 300.

¹⁸⁶ *Ibidem*.

¹⁸⁷ *Educativo* no sentido próprio é tudo o que incide positivamente no desenvolvimento e na formação das faculdades humanas, a ponto de tornar uma pessoa capaz de habituais decisões livres, em generoso empenho de vida, individual e social, moral e religioso.

¹⁸⁸ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 119.

Neste sentido, é possível distinguir os diversos tipos de acompanhamento, porque, para os jovens, “uma coisa é um acompanhamento do tipo do aconselhamento, para iniciar a educação à fé; outra, diferente, é um acompanhamento para ajudar a uma vida de fé mais adulta”¹⁸⁹.

No entanto, é a força carismática de Dom Bosco que leva os jovens ao seu amadurecimento na fé.

“Chega a parecer incrível o afeto que os jovens lhe dedicavam. Sentiam-se compreendidos e adivinhavam que naquele coração de pai havia amor verdadeiro, sincero. Aproximavam-se dele com a maior simplicidade e confiança, e, sem saberem como nem porquê, amavam-no entranhadamente”¹⁹⁰.

Por isso, aqui, “basta recordar, como sinal da sua irradiante força, o cuidado espiritual pelos jovens presos. Rapazes havia, entre os doze e os dezoito anos, que viviam em promiscuidade em grandes salões, cantando as suas aventuras”¹⁹¹. Dom Bosco costumava ir, com alguma frequência, à *Casa de Correção de Turim*¹⁹², chamada a *Generala*, levar uma palavra de conforto a algumas centenas de rapazes infelizes que ali, privados de liberdade e de movimento, não direi viviam, mas vegetavam, suspirando apenas pelo dia da libertação.

Dom Bosco começou a pensar na sorte daqueles rapazes, especialmente nos casos frequentes de reincidência depois de postos em liberdade. Mesmo saindo animados de bons propósitos, depressa voltavam aos comportamentos anteriores. Ele refletiu nisso e chegou à conclusão de que aqueles jovens detidos careciam de verdadeiros amigos. Ninguém se preocupava em pôr-se ao lado deles. Sem vacilar, ele propôs-se ajudá-los. A sua intervenção tornou-se tão proveitosa que a direção da cadeia quis dar-lhe uma prova de gratidão. Dom Bosco pediu que o deixassem levar os presos a passeio. O diretor da cadeia não acreditou no que ouviu, e endereçou ao Ministério da Justiça o pedido de Dom Bosco. O Ministério, a princípio desaprovou o projeto, proibindo-o mesmo, mas acabou por ceder àquele espantoso pedido, embora exigindo que um número adequado de polícias

¹⁸⁹ E. ALBUQUERQUE, *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, 19.

¹⁹⁰ J.M. ALVES, *Vida de S. João Bosco, Sonho e realidade*, Coleção de biografias, 29, 3ª ed. Edições Salesianas, Porto, 1978, 118.

¹⁹¹ Cf. W. NIGG, *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, 82.

¹⁹² Como se fosse prisão preventiva juvenil.

acompanhasse os presos. Dom Bosco considerou que esta medida era uma violência e, por isso, recusou-a, garantido que se responsabilizaria pessoalmente pelos rapazes e os traria a todos de novo à cadeia¹⁹³.

Finalmente, foi-lhe concedida licença e Dom Bosco saiu com trezentos jovens reclusos para os campos e matas vizinhas da cidade. O dia passou-se entre jogos e brincadeiras e, à noite, Dom Bosco regressou com eles à cadeia. Nenhum tinha fugido! É certo que se aludiu que Dom Bosco teve muita sorte e, por precaução, desaconselhou outros a imitarem este exemplo¹⁹⁴. Este facto extraordinário corre, porém, o risco de fazer esquecer o fator determinante:

“Só a personalidade carismática de Dom Bosco poderia realizar tal coisa. Irradiava um sentimento de confiança tão imediato que os rapazes não podiam resistir-lhe. Confiança gera confiança, esta transparecia no seu olhar, no seu inefável sorriso, na sua mímica singular”¹⁹⁵.

Depois daquele episódio de levar os jovens presos, o Ministro da Justiça falou várias vezes com Dom Bosco e, espantado, pediu-lhe uma audiência e fez-lhe esta pergunta: “Porque é que as autoridades constituídas não conseguem a influência que o senhor exerce com a sua personalidade?”¹⁹⁶. Dom Bosco respondeu sem hesitar: “Excelência, a nossa força é de caráter moral. O Estado só pode apelar para as leis do código e aplicar sanções. Nós falamos acima de tudo ao coração e fazemo-lo em nome de Deus”¹⁹⁷. Dom Bosco sabe que a maior parte destes rapazes são indisciplinados, é verdade, todavia, mesmo assim, para impedir desordens, aqui não se empregavam violências nem castigos de qualquer espécie. Dom Bosco possuía de forma inequívoco o inefável carisma do amor, que inundava os jovens como o esplendor do sol.

Neste sentido, o carisma não pode ensinar-se, nem através de uma reforma de programas, nem através de prolongados estudos universitários de pedagogia. Um carisma é, como a própria palavra significa, um dom de Deus que pode ser dado a uma pessoa e não a outra. Apesar de tudo, a quem principia a carreira de educador e acompanhante, é

¹⁹³ J. BOSCO, *A arte de educar. Escritos e testemunhos*, Introdução e notas históricas – bibliográficas de Pietro Braido, Ed. Salesianas, Porto, 2013, 52-53. Cf. W. NIGG, *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, 82-83.

¹⁹⁴ Cf. W. NIGG, *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, 83.

¹⁹⁵ *Ibidem*.

¹⁹⁶ J. BOSCO, *A arte de educar. Escritos e testemunhos*, 53. Cf. W. NIGG, *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, 83.

¹⁹⁷ *Ibidem*.

conveniente dizer com toda a fraqueza ao menos isto: “Se não tens amor aos jovens, se és incapaz de compreensão e de paciência com o comportamento de pessoas imaturas como o deles, seria melhor enveredar por outro ofício, e nunca pelo de educador ou orientador”¹⁹⁸, porque a educação é uma arte sublime, que quase supera as forças humanas. É uma obra destinada a ficar quase sempre inacabada, pois trata-se de ajudar e acompanhar os jovens a tomar uma decisão na luta entre o bem e o mal. Só aquele que se deixa guiar pelo amor e o manifesta, pode ter esperança de êxito.

Dom Bosco tinha tido uma experiência desagradável com o seu pároco. Quando era criança, ao voltar um dia para casa, encontrando-se com o seu pároco na rua, - conta ele - “aproximei-me e cumprimentei-o, respeitosamente. Ele correspondeu-me e [...] prosseguiu no seu caminho”¹⁹⁹.

É que, ao tempo de João Bosco, pensava-se que a atitude mais correta e mais eclesial, devia ser a de austera gravidade e, por isso mesmo, pouco ou nada acessível aos jovens. João Bosco sabia bem que os jovens têm necessidade de afeto e facilmente se deixam orientar, desde que haja quem cuide deles.

Mediante o envolvimento afetivo na vida dos jovens e a participação nas suas brincadeiras, cria-se uma particular relação educativa e acompanhamento. O educador ou acompanhante toma a iniciativa e assume a responsabilidade, os jovens correspondem espontaneamente com o afeto, que os leva à obediência e à aceitação voluntária. Dom Bosco escreveu:

“Nem é preciso dizer o entusiasmo que estes passeios suscitavam nos rapazes. Cativados por este misto de devoção, diversões e passeios, todos se afeiçoavam muitíssimo a mim, de forma que não só eram obedientíssimos às minhas ordens, mas ansiavam que lhes confiasse alguma incumbência. (...) e de facto, a obediência e afeição dos meus alunos chegava à loucura”²⁰⁰.

O surgir dessa forma de relação de camaradagem, brotada da amizade, da familiaridade e da confiança recíproca, permitia a Dom Bosco dizer palavrinhas muito pessoais aos jovens, especialmente quando estavam a brincar.

¹⁹⁸ *Ibidem*, 83-84.

¹⁹⁹ J.M. ALVES, *Vida de S. João Bosco, Sonho e realidade*, 37-38.

²⁰⁰ J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 146.

2.1. O trinómio: Razão, Religião e Amabilidade²⁰¹

No final do século XIX, a cidade de Turim, na Itália, vivia as consequências de um país recém-industrializado. Dom Bosco encontrou nessa cidade, no início da sua vida como padre, massas de jovens que vagueavam pelas ruas, totalmente carentes de afeto, de educação e de proteção. Eram jovens lançados a uma vida que não compreendiam, marginalizados pela sociedade, abandonados por aqueles que deveriam guiá-los, que são os pais. Também a experiência junto dos jovens encarcerados fez com que Dom Bosco percebesse quanto era inútil punir sem dar àqueles rapazes outra perspectiva de vida. No entanto, o seu campo prioritário de atuação era a juventude, especialmente a mais pobre, e o contínuo interesse pela realidade juvenil. O método educativo de João Bosco apoia-se numa visão profundamente humanista.

Dom Bosco, na conversa que teve com Urbano Rattazzi²⁰² para solicitar a saída dos jovens da casa de correção para um passeio, trocou com ele várias ideias, entre as quais a do seu sistema educativo. São palavras suas:

“Vossa Excelência não ignora que há dois sistemas para educar: um chama-se repressivo; e o outro, preventivo. O primeiro propõe-se educar a pessoa pela força, reprimindo e castigando quando se viola a lei, quando se comete um delito, ou seja, este sistema consiste em fazer conhecer a lei aos súbditos e vigiar depois para averiguar as transgressões e aplicar, onde for o caso, o merecido castigo. O segundo procura educar com doçura e por isso ajuda com a suavidade a observar a lei e oferece os meios mais oportunos e eficazes para isso. Isto é, este sistema consiste em fazer conhecer as prescrições e regulamentos de um centro e vigiar depois de modo que os alunos tenham sempre sobre si o olhar do diretor ou dos

²⁰¹ G. BOSCO, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*. Introdução e textos críticos ao cuidado de Pietro Braido, LAS, Roma, 1989,83.

²⁰² Urbano Rattazzi nasceu em Alessandria em 1808. Era advogado e foi deputado no parlamento subalpino; foi uma vez ministro de Instrução Pública e duas presidentes do Conselho de Ministros do Reino Itália. Muito se falou dele devido ao tema da «Questão Romana», bem como ao das relações entre o Estado e a Igreja, primeiro no reino Sardo e depois no da Itália. Sendo ministro de Graça e Justiça e do Interior em vários Governos do reino da Sardenha – depois da unificação Itália – no ministério de La Marmora, desenvolveu uma intensa atividade destinada a reformar o ordenamento judiciário, a regular a admissão ao benefício do patrocínio do advogado dos pobres, a modificar o código do processo penal e, sobretudo, a modificar o código penal que se encontrava em vigor no Rei da Sardenha. Assinou o código de 1859 que prevê para todos os jovens com problemas sociais e que não são entregues à família, a custódia, que é uma casa de instrução e indústria, ou o internamento num estabelecimento público de trabalho, se o acusado é menor de catorze anos. A custódia servia para reeducação dos jovens. Não obstante, segundo parece, a pressão dos acontecimentos políticos impediu Ratazzi de levar por diante o projeto de dar aos jovens com problemas sociais um tratamento mais adequado à sua condição. Ele morreu Frosinone no dia 5 de junho de 1873, com 65 anos. Cf. J. BOSCO, *A arte de educar. Escritos e testemunhos*, 43-44.

assistentes educativos, que lhes falam como pais amorosos, lhes servem de guia em todas as circunstâncias, lhes dão conselhos e os corrigem amavelmente, que o mesmo é dizer: pôr os alunos na impossibilidade de cometer faltas. Este sistema apoia-se totalmente na razão, na fé e na amabilidade; por isso exclui qualquer castigo violento e procura nem sequer os leves utilizar.”²⁰³

Dom Bosco, aproveitando aquela ocasião tão favorável, indicou ao Ministro a utilidade do sistema preventivo, sobretudo nas escolas públicas e nas casas de educação, nas quais se devem preservar espíritos, ainda ingênuos, de delitos; espíritos que acatem docilmente a voz da persuasão e do amor. Dom Bosco disse: “sei muito bem, que promover este sistema não é tarefa do seu ministério; todavia uma reflexão sua, uma palavra da sua parte terá sempre um grande peso nas deliberações do Ministério da Instrução Pública.”²⁰⁴ O senhor Ratazzi escutou com vivo interesse estas e outras observações de Dom Bosco; convenceu-se totalmente da bondade do sistema que se aplicava nos oratórios, e prometeu que pela sua parte o preferiria a qualquer outro nas instituições do governo.

Apresento também estes três pilares importantíssimos de Dom Bosco, também chamados de *tripé salesiano*²⁰⁵. São eles: a razão, a religião e a amabilidade²⁰⁶. É um método pedagógico, mas, muito mais que isso, é um estilo de educação, uma proposta de vida e uma forma de propor valores. A eficácia deste método educativo depende da unidade desses elementos; um não caminha sem o outro. “A transformação e as mudanças na realidade juvenil, por meio do processo educativo, acontecem quando estes estão intimamente interligados”²⁰⁷, e não “são realidades contíguas, mas interrelacionais, antes intercompenetradas”²⁰⁸. Dom Bosco optou por não colocar no seu sistema de educação o sistema repressivo, tendo em conta a realidade juvenil naquela época de 1841-1860, em que havia muita pobreza e os jovens eram explorados. Ele sabia que “o sistema repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente pode tornar melhores os delinquentes.”²⁰⁹

²⁰³ J. BOSCO, *A arte de educar. Escritos e testemunhos*, 53-54.

²⁰⁴ *Ibidem*, 59.

²⁰⁵ É um suporte, ou seja, uma base fundamental na formação educativa salesiana.

²⁰⁶ E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XIII, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1932, 919.

²⁰⁷ C. R. CAMPELO, *A “Política do Pai Nosso” como dimensão articuladora para a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”*, Dissertação de Mestrado em Educação – Centro Universitário Salesianos de São Paulo, Americana, 2014, 80.

²⁰⁸ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 268.

²⁰⁹ A. EPÓSITO, *Dom Bosco hoje*. Entrevista ao Padre Ángel Fernandez Arttime, décimo sucessor de Dom Bosco, Ed. Salesianas, Porto, 2015, 91.

Por isso, o sistema preventivo representa um projeto de educação integral, ou seja procura educar de maneira integral²¹⁰. O aspeto original da sua proposta está na educação preventiva que se coloca entre o autoritarismo e o permissivismo. No entanto, a razão, a religião e amabilidade são o trinómio sobre o qual se fundamenta o agir educativo de Dom Bosco. Para ele, “a prática do sistema preventivo requer [...] uma atitude de base: a simpatia e o desejo de contacto com os jovens”²¹¹. É um trinómio reinterpretado sempre em modo renovado: a amabilidade caracteriza o estilo de relação; a religião significa o sistema valorativo e espiritual a que se refere; a razão indica a capacidade de compreensão das situações, de compreensão dos jovens e da proposta de vida²¹². Prevenir significa apontar para os recursos interiores de cada indivíduo, e suscitar nele, mesmo nos mais frágeis, energias de bem. E em torno disso polariza-se todo o sistema educativo, seja sob o perfil teológico seja sobre o metodológico. Cada termo do trinómio está repleto de sentido e envolve o crescimento de toda a pessoa.

O sistema preventivo é fruto de uma praxis educativa amadurecida na ação. Mais do que um método pedagógico, “é um estilo de educação e uma proposta de vida e uma forma de inculcar valores”²¹³, é o critério e guia do agir educativo de Dom Bosco.

O sistema preventivo é simultaneamente pedagogia, pastoral, espiritualidade. O método de Dom Bosco apresenta-se como proposta unitária, que assume todas as exigências do jovem. O enquadramento do sistema tem o centro na pessoa do jovem e na comunidade educativa²¹⁴. O estilo de Dom Bosco é em primeiro lugar o educador: trata-se sobretudo de jogar com uma experiência vital e de viver uma vocação educativa. Por isso, ele afirmava: “Quereis fazer uma coisa boa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santa? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa santíssima? Educai a juventude. Quereis fazer uma coisa divina? Educai a juventude. Aliás, entre as coisas divinas, esta é diviníssima!”²¹⁵

O Sistema Preventivo é uma experiência educativa desenvolvida por Dom Bosco (1815-1888) que se prolongou no tempo e no espaço através da ação das comunidades de educadores que a atualizam sempre de forma dinâmica. É, portanto, um estilo de

²¹⁰ *Ibidem*.

²¹¹ CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 39, 46.

²¹² A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 89-90.

²¹³ A. EPÓSITO, *Dom Bosco hoje*, 90.

²¹⁴ *Ibidem*, 91.

²¹⁵ E. CERIA, *Memorie Biografiche del Beato Giovanni Bosco*, Vol. XIII, 629.

educação, feito de ação e reflexão. Por isso, este sistema é “uma preciosa herança”²¹⁶ dos seguidores de Dom Bosco e constitui como que o centro da sua espiritualidade.

A carta de 1884 surge de uma constante preocupação educativa de Dom Bosco pelos seus jovens e educadores. O "Dom Bosco educador" emerge nesse seu escrito que, embora reduzido, permanece como ponto de referência para o seu método. O trinómio educativo de Dom Bosco – razão, religião e amabilidade – está desenvolvido na Carta de Roma com estilo muito original.

2.1.1. O primeiro trinómio: A razão

A primeira base do tripé a ser destacada é a razão, que significa “raciocínio e capacidade de avaliar corretamente”²¹⁷. Para educar, segundo Dom Bosco, é preciso deixar-se guiar sempre pela razão, e não pela paixão.

Dom Bosco conhecia perfeitamente a realidade juvenil da sua época, via como era inadmissível o alto índice de analfabetismo da população, principalmente da juventude. Imediatamente dedicou-se ao trabalho de transformar essa realidade, ajudando-a a combater esse problema. Na vanguarda do seu tempo, abriu, no Oratório, cursos noturnos, de modo a oferecer à juventude oportunidades de aprendizagem de aritmética, escrita, leitura, música, teatro e muitos ofícios. Deste modo, consegue-se “iluminar a mente para tornar bom o coração”²¹⁸.

Este modo perspicaz de atuar permitia oferecer à juventude uma educação de qualidade, enfrentando uma onda crescente de ideias contrárias à fé cristã e de verdadeiros ataques à conduta e à moral religiosa, Dom Bosco utilizou a imprensa, uma ferramenta extremamente importante, para contrapor-se a esses ataques e, ao mesmo tempo, para salientar o seu raciocínio sobre a importância da razão para a consciente adesão à religião:

“[...] A razão ou racionalidade permeia todo o ambiente e o estilo de João Bosco, especialmente na educação religiosa, pondo no lugar do sentimentalismo e do pietismo devoto uma ‘piedade’ confiante, consciente, fundada numa exigente e séria educação; por meio da instrução religiosa, acima de tudo, a racionalidade

²¹⁶ CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 25, 33.

²¹⁷ DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 6ª Edição corrigida e aumentada, com a contribuição de um grupo de colaboradores especializados, por COSTA J. Almeida; MELO, A. Sampaio e, Porto Editora, Porto, 1987, 1398.

²¹⁸ G. BOSCO, *Storia Sacra*, Paravia, Torino 1847, 7.

guia com a clareza de ideias e verdade e não por sugestão ou pressão emocional”.²¹⁹

Falar em *Razão* é falar em compreensão. Sem *razão* não há nenhum processo educativo. Refere-se aos processos de compreensão de si e do mundo em busca da verdade e da segurança. Neste sentido, o diálogo é o distintivo. O gabinete de Dom Bosco estava sempre aberto a quem queria falar com ele. Dom Bosco relatou: “Este é o apostolado mais importante que a Divina Providência me confiou; e sabeis que tenho trabalhado incansavelmente, mesmo envolvido em outras mil ocupações”²²⁰.

No diálogo com os jovens, Dom Bosco servia-se de variadas estratégias educativas: estar e conviver alegremente com eles; participar nos seus vários momentos do dia não era tempo perdido; falar do cotidiano, pois o diálogo não é só exposição, mas também conversação amável; ouvir o jovem é o primeiro passo, pois quem escuta conhece os sentimentos e entra no coração, permitindo ao jovem exprimir-se livremente: “o aluno é encorajado pelo aviso amigável e preventivo do educador, que raciocina como ele; a razão mais essencial é a mobilidade juvenil.”²²¹

A razão é o caminho que orienta para o bem em cada fase da vida, para cada condição objetiva das necessidades e capacidades juvenis, especialmente para cada condição de comportamento, de personalidade, de anseios e de sonhos dos jovens, isto é, “há que prevalecer não o chicote do educador, mas a norma: ordinariamente, direitos e deveres devem ser respeitados por todos”²²². Pela razão, o método educativo de Dom Bosco possui uma grande capacidade de inserção nas realidades, nos problemas, nas instabilidades, nas transformações, e gera novas possibilidades e expectativas. Os jovens possuem grande capacidade de decisão e compreensão, porque a “razão é entendida como racionalidade”²²³. Dom Bosco sempre colocou o jovem como protagonista de seu crescimento formativo. Por essa razão, o ambiente educativo deve proporcionar tal esfera de crescimento construtivo. Portanto, a razão é o instrumento que orienta a ação educativa e formativa, tanto na perspectiva religiosa como na civil; gera confiança, amabilidade e prepara bons cristãos e honestos cidadãos. Dom Bosco dava uma enorme importância à

²¹⁹ C. NANNI, *Il sistema preventivo e l'educazione dei giovani*, Libreria Ateneo Salesiano, Roma, 1989, 38.

²²⁰ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 153.

²²¹ A. CASTRO, *A Espiritualidade de São João Bosco*, 499.

²²² A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 89.

²²³ *Ibidem*.

confiança, considerando-a como algo de essencial para a educação. O seu método educativo baseia-se numa relação afetiva. Dizia ele:

“Eu vos abro o meu coração: se houver alguma coisa que não me agrade, eu digo; se houver um aviso a dar, eu o darei prontamente, em público ou em particular. Não tenho mistérios: aquilo que tenho no coração, eu ponho-o nos lábios. Vós também deveis fazer o mesmo, meus queridos filhos.”²²⁴

A consequência disso é a confiança, ou seja, o facto de abrir-se e entregar-se a outrem de forma pessoal²²⁵. Para ganhar a confiança é preciso o diálogo com os jovens, é a partir dele que a confiança nasce; e é aí que está a chave do coração. “A confiança não pode ser comprada, forçada ou ordenada”²²⁶. Porque, “é impossível educar bem os jovens se estes não têm confiança”²²⁷.

Os jovens têm capacidade de compreender a vida e a razão de ser das coisas; por isso devem sempre perceber os motivos da ação educativa. Mais importante que fazer as coisas porque devem ser feitas, ou porque se deve obedecer a um regulamento, mais importante é fazer por convicção, assumindo com responsabilidade as exigências para o crescimento pessoal e para a convivência no grupo e na sociedade. Por isso, “conforme a autêntica visão do humanismo cristão, o termo «razão» enfatiza o valor da pessoa, da consciência, da natureza humana, da cultura, do mundo do trabalho, da vida em sociedade”²²⁸. Nessa linha, veremos o quão importante é a religião para garantir a plena atuação educativa-pastoral.

2.1.2. O segundo trinómio: A religião

O Sistema Preventivo assenta num grande *Humanismo Cristão*, numa visão integral da pessoa. Dom Bosco tinha uma visão positiva da pessoa baseada na sua conceção religiosa. Dom Bosco estava de tal modo convencido da importância educativa

²²⁴ Cf. G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. VII, 506.

²²⁵ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 91.

²²⁶ *Ibidem*.

²²⁷ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. V, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1905, 917.

²²⁸ JOÃO PAULO II, *Carta Juvenum Patris*, n.º 10.

da religião, que afirmava: “Estou convencido que sem religião nada se pode fazer de bom com os jovens”²²⁹.

A religião ocupa o segundo lugar na pedagogia de Dom Bosco. “Só a religião é capaz de levar a bom termo a grande obra de uma verdadeira educação”²³⁰. Com isto, está a referir-se à busca e à descoberta do sentido da vida e a alegria de viver. Para Dom Bosco, “a religião dá fundamento e dá sentido às práticas, às experiências e aos compromissos de fraternidade vividos por cada jovem e no grupo em que cada um se inseria na ação educativa”²³¹. Leva os jovens à aquisição de novos valores e princípios éticos. É esta a consequência natural de uma visão da fé no quotidiano, simples, serena.

O espírito de família que caracteriza a proposta de Dom Bosco surge da sua consciência de ser Igreja, de todos sermos filhos de um mesmo Pai e irmãos de Jesus Cristo: a família de Deus. Estava convencido de que o cristianismo é a mais segura e duradoura fonte de felicidade, porque é o alegre anúncio do Evangelho. É esta a experiência que ele pretende fazer viver com os seus rapazes e educadores: sentirem-se em família, “Igreja doméstica”²³².

Os jovens buscam o sentido da vida e a alegria de viver. Através de uma convivência integradora, experienciando a unidade pessoal, a mística, a ascese, com base no Evangelho, educadores e educandos abrem-se aos valores do humano e do transcendente, buscando construir o próprio projeto de vida, enquanto se inserem na comunidade de fé. Por outro lado, a religião, como componente do seu método, não significa para Dom Bosco “sentimentalismo, rigorismo e clericalismo, mas a busca de uma vivência integrada e encarnada, tanto para educandos como para educadores, possibilitando-lhes uma profunda experiência transcendente”²³³.

Portando, o método educativo de João Bosco conduz a uma significativa mudança de atitudes e comportamentos. A razão e a religião complementam-se fortalecem-se na vivência da *amorevolezza*, traduzida pela caridade ou amor pelos jovens a partir de práxis preventivas e transformadoras.

A religião é o outro fundamento do tripé salesiano. Ela significa e plenifica as ações educativas da razão e da *amorevolezza*.

²²⁹ J. BOSCO, *A arte de educar. Escritos e testemunhos*, 53.

²³⁰ A. ANJOS, *Primeira Presença dos Salesianos em Portugal, 1894/1910. Pedagogia de Dom Bosco*, Edição Salesiana, Porto, 2000, 57.

²³¹ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 90.

²³² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja, LUMEN GENTIUM*, n.º 11, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998, 23, in AAS 57 (1965) 15.

²³³ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 268.

2.1.3. O terceiro trinómio: A Amorevolezza

Amorevolezza não é um termo fácil de traduzir. Pode ser entendida como “cordialidade, carinho, afetuosidade, bondade, ternura”²³⁴ e, mesmo com esses belos significados, o seu sentido ainda não fica suficientemente esgotado. “No léxico italiano, familiar a Dom Bosco, a palavra *amorevolezza* não se identifica com amor, nem indica a virtude teologal da caridade, pertencente ao mundo da revelação cristã”²³⁵. O termo indica antes “um conjunto de pequenas virtudes relacionais ou atitudes ou comportamentos entre pessoas, que se demonstram em palavras, gestos, ajudas, dons, sentimentos de amor, de graça e de cordial disponibilidade”²³⁶. *Amorevolezza* revela o sentido profundo do método educativo de Dom Bosco, por meio da familiaridade, que é entendida, também, como caridade sobrenatural na relação entre educando e educadores. Nesse contexto, o educador é uma presença marcante na vida do educando, não é tido apenas como um superior distante da realidade, mas como um amigo capaz de gerar confiança e amabilidade. Por outras palavras, é capaz de amar a cada educando, independentemente da situação em que se encontre.

O método educativo de João Bosco não se reduz à frieza metodológica, mas é entendido como um modo de viver ou como uma espécie de espiritualidade nascida da experiência teológico-pastoral que visa fortalecer e oferecer ferramentas capazes de ajudar a enfrentar as dificuldades e os fracassos na vida e no processo educativo.

“O amor educacional é a alma do sistema, a excelência do valor que é transmitido e é testemunha e princípio metodológico clássico. Mas este tipo de amor significa, por sua vez, a gestão racional das relações educacionais para realmente se educar e, portanto, fazer crescer no aluno a disponibilidade de discípulo à voz de Deus, de sua consciência e dos sinais dos tempos, na liberdade filial e na responsabilidade.”²³⁷

Esta qualidade representa o princípio fundamental do modelo educativo de Dom Bosco. O termo amabilidade, usado por Dom Bosco, é acertadíssimo, porque não se pode

²³⁴ MEA, Giuseppe. *Dicionário de Italiano-Português*, Porto Editora, Porto 1994, 1085.

²³⁵ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 269.

²³⁶ *Ibidem*.

²³⁷ F. PERAZA, *Los estigmas de nuestro tiempo y la pedagogía de la bondad: situaciones históricas, reflexiones e hipótesis interpretativas, proyecciones y utopías educacionales*, 2ª Ed., Editorial Don Bosco – Centro Gráfico Salesiano, Quito, 2014, 106.

interpretar como um amor apenas espiritual, e também não pode ser equívoco, como sentimento doentio: exprime todo o amor perceptível, bondade visível, amabilidade incarnada. É a ternura de Deus que, em termos educativos, se traduz em amabilidade.

Amorevolezza no método educativo Dom Bosco é a capacidade de gerar afeto gratuito estabelecido numa relação de troca e de confiança, para possibilitar o desenvolvimento integral do educando. Desse modo, Dom Bosco recomendava aos educadores algumas atitudes concretas para alcançarem tal intento: “Não com pancadas mas com a mansidão e com a caridade deverás conquistar estes teus amigos”²³⁸. Nomeadamente, esse amor educativo aceita o educando como ele é, sem impor condições, estimula-o a trabalhar sem medo de errar. Quando há necessidade de correção, ela é exercida na amabilidade, bastando um olhar com brandura e firmeza para que os efeitos se mostrem eficazes, sem a necessidade de punição.

Por isso, o método educativo de Dom Bosco, ou seja, o seu “sistema preventivo torna amigo o aluno. Torna afeiçoado o aluno de modo que o educador poderá sempre falar a linguagem do coração quer no tempo da educação, quer depois dela”²³⁹. O espírito de família torna os rapazes amigos, faz que se sintam interiormente interpelados, que se lhes fale ao coração e com o coração. “O aluno será sempre amigo do educador e recordará sempre com prazer a direção recebida, considerando sempre como pais e irmãos os seus mestres e os outros superiores”²⁴⁰. De tal modo estava Dom Bosco convencido desta vitória do coração que não desistia de nenhum jovem. Era sua convicção que “em todos jovens, mesmo nos mais rebeldes, existe um ponto acessível ao bem; o primeiro dever do educador é descobrir este ponto, esta corda sensível do coração e tirar proveito disto”²⁴¹. O seu sistema educativo é concretizado pela moderação e pelo realismo, propondo, com base em experiências adequadas e envolventes, ideais capazes de atrair por sua nobreza e beleza. Acreditou que em cada jovem existem energias que, se forem bem estimuladas, podem determinar a escolha da fé e da honestidade²⁴².

Dom Bosco propôs como base para o seu sistema educativo a conquista dos corações dos jovens para despertar, com alegria e satisfação, o desejo do bem e a correção dos seus erros, deixando-os preparados para o futuro, através de uma sólida formação de carácter.

²³⁸ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 10.

²³⁹ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 270.

²⁴⁰ *Ibidem*.

²⁴¹ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. V, 367.

²⁴² J. BOSCO, *Vida dos jovens*, 146-148.

O Sistema Preventivo, como carisma, é um referencial holístico que inspira o processo educativo em todas as suas dimensões: humana, intelectual, espiritual e pastoral. É através de uma convivência de proximidade aprazível que educadores e educandos experienciam a criatividade, a subjetividade, o emocional, o afetivo, a comunicabilidade, o diálogo, a amizade e a alegria de viver.

2.2. *A importância dos sacramentos para Dom Bosco*

A preocupação constante de Dom Bosco foi educar e acompanhar os jovens para a fé, caminhando, “ao lado dos jovens para os conduzir à pessoa do Senhor ressuscitado a fim de [...] crescerem como homens novos”²⁴³. Dom Bosco costumava repetir que “a educação é uma coisa de coração”²⁴⁴. Até o caminho da espiritualidade requer um coração novo. Se não se chega a atingir este centro motor da vida humana não se realiza nenhuma conversão profunda e duradoira; portanto, que haja “todo o cuidado na formação dos jovens à vida interior, que é a vida do Espírito e segundo o Espírito; que eles tudo executem à luz da fé e em união com Cristo”²⁴⁵.

Dom Bosco reconheceu que a vida escolar no seu tempo estava impregnada de práticas religiosas; “a religião formava parte fundamental da educação. E a prática religiosa estava imposta pelos normativos da escola, como geradora de resultados educativos excelentes”²⁴⁶. Contudo, “João Bosco e os seus amigos faziam mais do que mandavam as normas da escola, especialmente no que se referia à oração e aos sacramentos”²⁴⁷.

No internato, aplica-se literalmente o princípio de pedagogia prática dos sacramentos, enunciados nas páginas sobre o sistema preventivo, mesmo se, como orientação geral, envolve todo o sistema educativo de Dom Bosco²⁴⁸. É sabido que a expressão “os sacramentos”, na linguagem educativo-pastoral de Dom Bosco, se refere aos sacramentos da penitência e da eucaristia, vistas como “as asas para voar ao céu”²⁴⁹. Por isso, dentro da época, Dom Bosco insistiu primariamente na eficácia dos sacramentos

²⁴³ Cf. CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 34, 41-42.

²⁴⁴ E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVI (1883), Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1935, 447.

²⁴⁵ PIO XII, *Exortação Apostólica do Menti Nostrae, ao clero do mundo católico sobre a santidade da vida*, n.º 92, Roma, 1950, in AAS 42 (1950), 657-702.

²⁴⁶ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 229.

²⁴⁷ *Ibidem*.

²⁴⁸ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 237.

²⁴⁹ *Ibidem*.

no setor da conduta moral, como forma de fazer os jovens progredirem na virtude, porque, para ele, “os sacramentos são fontes de força e de alegria”²⁵⁰.

Dom Bosco assentava o seu empenho educativo em duas colunas, a saber, “a Reconciliação e a Eucaristia”²⁵¹. As eucaristias frequentes são as colunas que devem sustentar o edifício educativo e oferecem recursos de inestimável valor na educação para a liberdade cristã, para a conversão do coração e para o espírito de partilha e de serviço na comunidade eclesial. “Celebrar juntos com os jovens o encontro com Cristo na escuta da Palavra, na oração e nos sacramentos”²⁵². O encontro e a relação com Cristo vivem-se de uma forma particular na celebração dos sacramentos, visto que o carisma, isto é, o espírito de Dom Bosco, encontra “o seu modelo e a sua fonte no próprio coração de Cristo, apóstolo do Pai”²⁵³. Por isso, a sua pedagogia “distingue, de modo privilegiado, o influxo educativo da Reconciliação e da Eucaristia”²⁵⁴. Esta tradição reconhece e afirma a sua importância no crescimento cristão dos jovens.

No entanto, “nos percursos da fé, tem grande importância também a prática do sacramento da Reconciliação. Os jovens têm necessidade de se sentir amados, perdoados, reconciliados, e têm uma secreta nostalgia do abraço misericordioso do Pai”²⁵⁵. O sacramento da Reconciliação, “que celebra o amor de Deus mais forte do que o pecado, foi apresentado por Dom Bosco aos jovens como uma das colunas fundamentais do edifício educativo”²⁵⁶. Dom Bosco disse: “Servia-me daquele longo recreio para insinuar nos meus alunos pensamentos da religião e da frequência dos santos sacramentos. A uns, com uma palavra ao ouvido, a outros, a frequência da catequese e da confissão”²⁵⁷. Por isso, “em Valdocco era celebrado com frequência e rodeado de atenções particulares. Cuidava-se particularmente da sua preparação através de um ambiente acolhedor, rico de amizade e de fraternidade”²⁵⁸. E este Sacramento “desempenha um papel indispensável para avançar na vida de fé, que está marcada não só pela limitação e pela fragilidade mas

²⁵⁰ J. BOSCO, *Escritos Espirituais*, Coordenação de introdução, escolha dos textos e notas por Joseph Aubry, Editora Salesiana Dom Bosco, S. Paulo, 1975, 129.

²⁵¹ Cf. CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 36, 42.

²⁵² *Ibidem*.

²⁵³ Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja, Lumen Gentium*, n.º 3, in AAS 57 (1965) 6.

²⁵⁴ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens na fé, tarefa e desafio para a comunidade Salesiana hoje*, Edizione extra commerciale, Roma, 1990, 103.

²⁵⁵ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º. 135, 86, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

²⁵⁶ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens na fé, tarefa e desafio para a comunidade Salesiana hoje*, 103.

²⁵⁷ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 163

²⁵⁸ *Ibidem*, 143.

também pelo pecado”²⁵⁹. Tudo isso ajudava os jovens a vencer a relutância natural na manifestação dos segredos do próprio coração. A frequência do sacramento da reconciliação dá eficácia ao processo de conversão e de renovação.

A celebração da Eucaristia, preparada através de um clima de solidariedade e de amizade, é vivida como um encontro festivo, cheio de símbolos e de expressões juvenis; “é uma celebração alegre da vida”²⁶⁰. Desta maneira torna-se para os jovens um momento significativo de crescimento religioso. “É a chamada «segunda coluna» do edifício educativo do sistema de Dom Bosco”²⁶¹. A partir da Eucaristia, efetivamente, “os jovens aprenderam a reorganizar a sua vida à luz do mistério de Cristo que se dá por amor”²⁶². Desta maneira, a Eucaristia torna-se para os jovens uma fonte de energias novas para crescer na graça. “A participação pessoal na vida religiosa e o amadurecimento no compromisso moral supõem uma fé esclarecida, consciente, impossível sem uma sistemática ação de instrução e de reflexão”²⁶³. Por isso, para o amadurecimento na fé dos jovens, o acompanhamento espiritual,

“É um processo que pretende ajudar a pessoa a integrar progressivamente as diferentes dimensões da vida, para seguir o Senhor Jesus. Neste processo, articulam-se três instâncias: a escuta da vida, o encontro com Jesus e o diálogo misterioso entre a liberdade de Deus e a da pessoa. Quem acompanha, acolhe com paciência, suscita as questões mais verdadeiras e reconhece os sinais do Espírito na resposta dos jovens. No acompanhamento espiritual pessoal, aprende-se a reconhecer, interpretar e decidir na perspectiva da fé, ouvindo tudo o que o Espírito sugere na vida de cada dia”²⁶⁴.

Assim, os jovens eram orientados para a vida, ou seja, iriam melhorar as suas relações interpessoais, criar as condições para um empenho mais claro na observância dos próprios deveres, sustentar a conversão e a renovação do coração, a fim de se entregarem a Deus com um propósito eficaz. Com isso, os jovens, sustentados pelo amor

²⁵⁹SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º. 98, 60, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

²⁶⁰CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens na fé, tarefa e desafio para a comunidade Salesiana hoje*, 104.

²⁶¹ *Ibidem*.

²⁶² *Ibidem*.

²⁶³ P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 237.

²⁶⁴ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º. 97, 59, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

que compreende e perdoa, encontravam força para reconhecer o próprio pecado e a própria debilidade, que precisa de apoio e de acompanhamento.

2.3. A devoção ao Papa

A relação pessoal com Cristo e a experiência de grupo desembocam numa relação filial com a Igreja. Dom Bosco foi um homem de comunhão. Ensinou os jovens a viver o mistério da Igreja que encerra, na debilidade humana, a graça invisível da presença de Deus. O seu testemunho de todos os dias e o ambiente de família que conseguiu criar no Oratório “suscitaram nos jovens o sentido de colaboração e de corresponsabilidade”²⁶⁵. Este espírito de família é sinal eficaz da Igreja que, ao crescer como comunidade, quer prestar um serviço fraterno especialmente àqueles que mais carecem dele.

A história dos jovens do Oratório, ainda em vida de Dom Bosco, “é rica de expressões concretas de amor à Igreja”²⁶⁶. Efetivamente, a comunhão procura continuamente estar em ligação com todas as forças empenhadas na salvação e na construção do Reino de Deus e a salvação das almas. Esta comunhão “exprime-se na estima e na fraternidade efetiva para com os pastores e para quantos cooperam no bem de todos, particularmente no dos jovens”²⁶⁷.

Por isso, a espiritualidade juvenil deve traduzir-se no “amor explícito ao Papa e a firme adesão ao seu magistério”²⁶⁸. A pessoa do Sumo Pontífice é sinal visível de unidade para toda a Igreja. “É uma presença providencial para o ministério que desempenha em nome de Cristo Senhor em favor de toda a humanidade”²⁶⁹. Pelo que atrás fica dito, era profunda a veneração de Dom Bosco por Pio IX e não era menos a paternal predileção de Sua Santidade por Dom Bosco. Dom Bosco e os seus jovens não só manifestam devoção mas também defendem os Papas. Depois de relatar o episódio de Pedro que caminha sobre as águas, por exemplo, Dom Bosco acrescenta: “Os Santos Padres veem os conflitos perigosos nos quais as cabeças da Igreja se encontraram algumas vezes. Contudo, Jesus Cristo, a cabeça invisível, vem logo libertá-los.”²⁷⁰ Isto é, permite as perseguições, mas a vitória é sempre da Igreja.

²⁶⁵CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens na fé, tarefa e desafio para a comunidade Salesiana hoje*, 101.

²⁶⁶ *Ibidem*, 102.

²⁶⁷ *Ibidem*.

²⁶⁸ *Ibidem*.

²⁶⁹ *Ibidem*, 103.

²⁷⁰ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 160.

Não é de admirar que faça agora uma alusão à devoção de Dom Bosco para com o Vigário de Jesus Cristo, manifestada no seu leito de morte. Dom Bosco ensinava e dizia sempre aos seus rapazes que “o Sumo Pontífice é o elo que une os homens a Deus”²⁷¹. Durante a sua doença, quando entre tantas dores podia abrir o coração aos nobres sentimentos que sempre albergara toda a sua vida, fez a este propósito a *Mons. Cagliero*²⁷² uma revelação e disse-lhe aquilo que tinha sido mantido secreto: “A Congregação e os salesianos têm como finalidade principal defender a autoridade da Santa Sé, onde quer que se encontrem ou trabalhem.”²⁷³ Sem qualquer dúvida que a devoção de Dom Bosco e dos seus jovens ao Vigário de Jesus Cristo era feita de veneração profunda e de obediência absoluta.

Por estas considerações acerca do amadurecimento da fé dos jovens, ainda que no tempo de Dom Bosco não fossem tão explícitas, se pode concluir que a presença dos jovens empenhados na Igreja, hoje, é um verdadeiro sinal de esperança. Para estes jovens, “a fé é um dom, é uma descoberta, uma surpresa, e sempre motivo de alegria”²⁷⁴. Não faltam entre estes jovens, aqueles que viveram a sua vida na simplicidade, na bondade e na dedicação aos outros até à Santidade, como por exemplo, Domingos Sávio.

Dom Bosco fez deles “protagonistas extraordinários da evangelização dos outros jovens e meta de plenitude da evangelização”²⁷⁵. Trata-se de ajudar a descobrir e de aumentar as suas capacidades de abertura a Deus e à proposta de fé, de facilitar o discernimento entre o que é verdadeiro e autêntico e aquilo que é falso e ilusório, de acompanhar os jovens no encontro da comunhão com Deus, sabendo utilizar os recursos de bem que existem na sua fé e nos seus desejos.

²⁷¹ E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, 345.

²⁷² João Cagliero nasceu em Castelnuovo d'Asti no dia 11 de janeiro de 1838. Entrou na Sociedade de São Francisco de Sales, mais conhecida como salesianos, em 1851. Recebeu o hábito clerical do próprio São João Bosco e tinha a fama de ser o seu aluno favorito. Cagliero também foi um colega de turma de São Domingos Sávio e do Beato Michael Rua.

Foi ordenado sacerdote no dia 14 de junho de 1862, e em 1875 liderou os dez primeiros salesianos, ou seja, a primeira expedição missionária para a América Latina. Foi nomeado Vigário Pró-Apostólico e de novo vicariato no norte da Patagónia, na Argentina, em 20 de novembro de 1883. No ano seguinte, isto é, em 1884, foi nomeado Bispo Titular de Magyus pelo Papa Leão XIII. Foi nomeado no dia 10 de junho de 1908 como delegado apostólico na Costa Rica e na Nicarágua.

O Papa Bento XV elevou-o à dignidade de Cardeal-Sacerdote de San Bernardo alle Terme no consistório de 6 de dezembro de 1915. Ele foi um dos cardeais eleitores que participaram do conclave papal de 1922, que selecionou o papa Pio XI. O cardeal Cagliero morreu em Roma no dia 28 de fevereiro de 1926, aos 88 anos.

²⁷³ Cf. E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, 345.

²⁷⁴ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens na fé, tarefa e desafio para a comunidade Salesiana hoje*, 50.

²⁷⁵ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXI, *Os Salesianos evangelizadores dos jovens*, Edição extra comercial, Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, Lisboa, 1978, 27-28.

3. *Carisma que ultrapassa o individualismo e conduz ao grupo, à comunhão*

Dom Bosco tinha conhecimento da situação e da condição da vida juvenil e sabia perfeitamente dos riscos que rondavam essa grande parcela da sociedade. Distinguiu três tipos de adolescentes que deveriam receber a atenção dos educadores na prática do método educativo. O primeiro grupo eram os chamados “bons”, que não criavam dificuldades e tinham o espírito aberto à aprendizagem e comportavam-se muito bem no ambiente educativo. O segundo grupo eram os “rebeldes”, que não tinham o menor compromisso com a moralidade e com a disciplina, viviam deambulando pelas ruas de forma anárquica. O terceiro grupo eram os “dissipados”; embora menos rebeldes, eram mais desordeiros e constituíam-se como um foco de desordem nas ruas²⁷⁶. E continua que, para os chamados “bons”, o método oferece o crescimento de suas virtudes, destaca o seu protagonismo juvenil como caminho a ser seguido. Para os “rebeldes”, o caminho é a assistência amável, a oferta de instrução, a educação para a bondade e para os valores, a fim de que sejam capazes de viver honestamente. Para os “dissipados”, torna-se igualmente necessário oferecer-lhes uma boa instrução, acompanhá-los nas suas tarefas e fazê-los progredir, educá-los para os valores e compromissos, tornando-os honestos cidadãos²⁷⁷.

Por isso, o seu método educativo oferece ampla atenção aos jovens adolescentes na sua educação profissional, formação humana e educação para as virtudes e a moralidade. Como resposta aos anseios dos jovens adolescentes e sublinhando como é importante para a sociedade ser possível transformar a vida destes educandos, o método salienta o papel dos educadores:

“As relações afetivas entre o educador, pai, irmão e amigo, e o aluno; o ambiente educativo ativo e alegre; o valor da liberdade, da ação, do trabalho e da alegria; as atividades de tempo livre; a personalização do tratamento educativo; a educação integral representada pelo trinómio “razão, religião, cordialidade”, ou estudo, oração e atividades comuns”²⁷⁸.

²⁷⁶ P. BRAIDO, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*, vol. 2. Tradução Geraldo Lopes, Editora Salesiana, São Paulo, 2008, 674-675.

²⁷⁷ *Ibidem*, 675-676.

²⁷⁸ *Ibidem*, 679.

A experiência pedagógica proposta pelo método educativo de Dom Bosco é um caminho seguro para enfrentar os inúmeros desafios da educação e da realidade juvenil, especialmente a realidade sofrida pelos jovens adolescentes mais pobres e marginalizados. O foco principal deste método é a juventude, tendo-a como protagonista dos seus próprios crescimentos. Neste sentido, Dom Bosco coloca-se no interior de uma realidade dinâmica como “casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que forma para a vida e encontro de amigos que sabem viver em alegria”²⁷⁹. A sua proposta vive a realidade eclesial como experiência pastoral e espiritual, para além de educativa e juvenil. Se lhe pedissem uma descrição breve da missão do educador, Dom Bosco tê-la-ia comparado com a missão de bons pais cristãos em relação à educação dos filhos, uma vez que, “no pensamento e na prática, ele baseava o seu método educativo numa relação afetiva entre o educador e o discípulo, tal como a que se pode encontrar numa boa família”²⁸⁰. A sua experiência de educador e de sacerdote dedicado aos jovens faz com que a vivência da fé, as práticas religiosas e a vivência geral da sua casa em Valdocco, se tornem “um campo promissor para o seu coração generoso que propõe a todos os jovens uma vida saudável no estudo e no trabalho, bem como alegria por estarem na graça de Deus”²⁸¹.

Por isso, o ambiente educativo é outro fator importante e o espaço por excelência para o desenvolvimento do método. Os valores são apresentados e instilados nesses ambientes onde se gera a familiaridade e o afeto, onde não há espaço para a ociosidade. Pode-se descrever assim, com simplicidade, a relação de Dom Bosco com os jovens, sem importar a circunstância do seu encontro com eles. A grande preocupação da proposta educativa de João Bosco é a pessoa do jovem. A ação educativa de Dom Bosco mostra que ele entendeu bem a realidade juvenil. “A sua paciência, a abertura contínua ao futuro dos jovens que ele estava a trabalhar com a sua confiança neles, são sinais de que, na ação educativa, ele teve um bom relacionamento de extrema confiança com os jovens”²⁸². Com efeito, as palavras-chave deste método eram “proximidade, carinho e confiança”²⁸³.

²⁷⁹ CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, art. 40, 45.

²⁸⁰ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 83.

²⁸¹ A. CASTRO, *A Espiritualidade de São João Bosco*, 255.

²⁸² C. NANNI, *Il sistema preventivo e l'educazione dei giovani*, 115.

²⁸³ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 83.

3.1. *No carisma de Dom Bosco, a família, a casa é basilar*

A familiaridade, para Dom Bosco, significava “relacionar-se como numa família, e trabalhar e viver juntos da mesma maneira”²⁸⁴. O resultado desta relação “é o espírito de família, oposto à relação superior-inferior, ou ao modo de viver e trabalhar juntos de forma oficial e institucional”²⁸⁵. Dom Bosco deu grande importância a esse modo de fazer as coisas, porque acreditava que, somente através dele, era possível que o educador estabelecesse uma relação pessoal com os jovens. Porque, “sem familiaridade não há afeto, sem afeto não há confiança recíproca e sem confiança recíproca não há contacto pessoal e, portanto, não há educação”²⁸⁶.

No ano 1883, um correspondente do jornal parisiense *Le Pèlerin*²⁸⁷ escreveu sobre a relação de proximidade observada no Oratório de Valdocco:

“Vimos este sistema em ação. O Oratório de Turim é um grande colégio para internos, no qual não se conhecem filas, mas no qual se vai de um lado para outro como numa família. Cada grupo rodeia um professor, sem algazarra, sem alvoroço, sem resistência. Admiramos o rosto sereno daqueles meninos e tivemos de exclamar: aqui está o dedo de Deus!”²⁸⁸

Aquilo que o repórter observou foi apenas um pequeno reflexo exterior do espírito de família. Por espírito de família Dom Bosco “entendia que a casa salesiana (oratório, internato ou escola) era como um lar, e todas as pessoas que formavam a comunidade educativa viviam em comunhão como uma família”.²⁸⁹ O método educativo é o cerne da proposta oratoriana, a metodologia é o amor educativo que aproxima, favorece o afeto, a amizade, gerando a confiança.

Os jovens são acolhidos e amados e deixam-se transformar neste ambiente alicerçado na bondade e na caridade. Eles são inspirados ao amor à virtude e à busca do bem, ao horror ao vício com advertências oportunas e serenas e, especialmente, com as práticas de piedade e a religião. No ambiente do Oratório recebem instrução, formação e

²⁸⁴ *Ibidem*.

²⁸⁵ *Ibidem*.

²⁸⁶ *Ibidem*, 83-84.

²⁸⁷ É uma revista semanal francesa publicada na França. Iniciou-se como um boletim de notícias foi em 1872. Foi publicado pela primeira vez como uma revista semanal pelos Assuncionistas (Congregação dos Agostinianos da Assunção) em 12 de julho de 1873. Em 1877, tornou-se um semanário ilustrado.

²⁸⁸ Cf. E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVI (1883), 1935, 168-169.

²⁸⁹ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 84.

preparam-se para enfrentar os desafios da vida. É particularmente nos momentos de descontração, divertimento e jogo que a relação familiar e afetiva entre educador e educando encontra o espaço privilegiado para se afirmar e desenvolver. Neste sentido, Dom Bosco recomenda a todos os educadores: “Deveis ter o coração de um pai, não a cabeça de um superior”²⁹⁰; e o educador “deve ser como um pai entre os seus filhos”²⁹¹. Para Dom Bosco, ser educador significa “ser pai, irmão e amigo para os jovens”²⁹². O facto de educador e educando se situarem ao mesmo nível favorece a abertura e a confiança, criando-se assim o clima próprio de uma família, sendo este, ao mesmo tempo, o mais propício para o diálogo educativo.

O conceito de família-lar funciona aqui como modelo do qual importa aproximar-se o mais possível. As experiências infantis de João Bosco, boas ou más, convenceram-no de que a vida familiar era um valor do qual não se podia prescindir.

João Cagliero testemunhou o modo como Dom Bosco tentou criar um ambiente familiar no Oratório: “A vida em comum vivida por nós persuadia-nos de que vivíamos como numa família, mais do que num colégio ou internato, sob a direção de um pai que nos amava e só se preocupava com o nosso bem espiritual e material.”²⁹³ Isto é, vivia-se no Oratório uma vida de família. Dom Bosco entendia que viver juntos numa casa era como viver numa família que partilha afetos. Dom Bosco sempre se referia ao Oratório como «a casa»²⁹⁴. Esta ideia (de Oratório como «a casa») expressa mais acertadamente a ideia de que o “Oratório era um lar, uma família da qual ele era o pai”²⁹⁵. Havia razões pessoais por trás dessa preferência de Dom Bosco. “O amor espiritual, tal qual se experimenta numa família, era uma necessidade imperiosa do seu coração”²⁹⁶. “Este aspeto da sua personalidade é resultado da orfandade quando ainda era criança”²⁹⁷.

O método educativo é o cerne da proposta oratoriana, a metodologia é o amor educativo que aproxima, favorece o afeto, a amizade, gerando a confiança. Os jovens são acolhidos e amados e deixam-se transformar neste ambiente alicerçado na bondade e na caridade. No ambiente do Oratório recebem instrução, formação e preparam-se para

²⁹⁰ Cf. E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVIII (1886-1888), 1937, 866.

²⁹¹ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 86.

²⁹² *Ibidem*.

²⁹³ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. IV, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1904, 292.

²⁹⁴ A. CAVIGLIA, *La pedagogia di Don Bosco*, SEI, Turim, 1955, 18-19.

²⁹⁵ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 85.

²⁹⁶ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. IX, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1917, 687.

²⁹⁷ P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica: vita e opere*, LAS, Roma, 1979, 253.

enfrentar os desafios da vida. Dom Bosco apostava na qualidade da relação adulto/jovem, na relação de confiança. O elemento afetivo na relação educativa é a síntese do seu pensamento educativo. O educador é aconselhado a gerir a afeição para conquistar a confiança, porque a falta dela traz sofrimento e fracasso. Portanto, o educador e a escola deverão munir-se de meios para que o aluno se empenhe na construção da sua autoconfiança, do seu êxito.

3.2. *Os jogos e o pátio*

Dom Bosco não era alheio aos problemas do seu tempo. A sua ação passou, ao longo dos anos, por diversas modificações, para atender às necessidades de novas realidades. Ele observou nos bairros de Turim que os problemas dos jovens eram, em parte, resultado de um “*deficit*” de educação e de acompanhamento por parte da família. Até fins do século XIX, “não havia, nos colégios ou clubes da Itália, desportos organizados como o futebol, embora jovens e adultos jogassem à bola nas ruas, chutando-a, lançando-a com a mão ou agarrando-a, de acordo com algumas regras aceites de antemão”²⁹⁸. E em Turim, não se fala de desporto organizado, mas de jogo em geral, como ferramenta educativa da qual os desportos organizados podem ser um fator, e a “diferença entre jogo e desportos está em que, enquanto o jogo é aberto a todos, os desportos são restritos a um pequeno grupo de meninos que possuem habilidade para tal”²⁹⁹. Obviamente, os desportos também podem ser educativos, e Dom Bosco desejaria usá-los com esse propósito.

É justo reconhecer que a ideia de Dom Bosco sobre o jogo como ferramenta educativa foi inovadora e avançada para o seu tempo. “Ele não só reconheceu a utilidade do jogo, como também a sua necessidade para o desenvolvimento integral do jovem. Para ele, educar significava ajudar o amadurecimento do jovem”³⁰⁰. O jogo “ajuda-o a sublimar certas inclinações, a conhecer-se por meio da competição com os outros, a reconhecer e controlar os próprios impulsos”³⁰¹. Por isso, viver para os jovens inclui não só estar disponível para eles e oferecer-lhes o que é importante na vida, mas também satisfazer as suas necessidades de distrações e diversões agradáveis. Para Dom Bosco, o

²⁹⁸ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 99.

²⁹⁹ *Ibidem*.

³⁰⁰ *Ibidem*.

³⁰¹ *Ibidem*, 100.

Oratório é catecismo e também pátio, em que as funções religiosas e as diversões são mencionadas no mesmo nível. Os gritos de alegria dos jovens, as suas risadas, correrias e cantos ecoam no Oratório³⁰².

O pátio, tal como funcionava no Oratório, foi uma das criações originais de Dom Bosco. É certo que os colégios, especialmente os internatos, tinham um pátio. Mas, em geral, eram pequenos, “jardins de entretenimento”³⁰³, como eram chamados. “Os jovens permaneciam em pé, formavam pequenos grupos, conservando ou brincando com algo não físico, sob a supervisão de um professor”³⁰⁴.

Dom Bosco queria um pátio suficientemente amplo para permitir que grande número de jovens participasse dos jogos. Mais ainda, a sua ideia de diversão era pouco comum para a época. Por isso, no pátio, ele queria um entretenimento muito ativo, “que exigisse movimento físico e obrigasse a correr, embora isso obrigasse a ter vários jogos cruzando-se ao mesmo tempo. Os meninos tinham liberdade de escolher os jogos que lhes agradassem, sempre e quando não fossem física ou moralmente perigosos”³⁰⁵. E continua, dizendo que “todos os educadores deviam participar ativamente, sem deixar, porém, de exercer a sua tarefa de vigilância”³⁰⁶. Dom Bosco não acreditava que isso atentasse à dignidade do educador³⁰⁷. Ele, de facto, “pensava que esse era o melhor modo de conquistar a confiança dos jovens; acreditava que o pátio era uma das áreas em que a presença do educador era mais efetiva”³⁰⁸. O próprio Dom Bosco aparecia normalmente no recreio e participava ativamente no jogo. Isso fez ele até inícios da década de 1860 e, quando o não pôde mais fazer, aparecia de alguma maneira para animar o jogo. Assim, “surgindo uma oportunidade, conversava com os jovens e deixava cair algumas palavras ao ouvido, isto é, palavras de incentivo, advertência e apelo”³⁰⁹.

Do ponto de vista pedagógico de Dom Bosco, esse tipo de passatempo, ou seja, os jogos, possuía várias vantagens:

³⁰² CF. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 119.

³⁰³ Dom Bosco com frequência a expressão “jardins de entretenimento” *giardino di ricreazione* para descrever o pátio do Oratório, mas o faz unicamente por motivos políticos e pragmáticos. Cf. A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 100.

³⁰⁴ Cf. A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 100.

³⁰⁵ *Ibidem*.

³⁰⁶ *Ibidem*.

³⁰⁷ Uma das críticas feitas a Dom Bosco por padres e seminaristas durante o processo de aprovação da Sociedade Salesiana e das suas Constituições era que brincavam com os jovens sem qualquer tipo de decoro eclesiástico.

³⁰⁸ A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 100.

³⁰⁹ *Ibidem*.

“Primeiro, beneficiava fisicamente os jovens. Segundo, beneficiava-os moralmente, pois o envolvimento nos jogos dissipava a tristeza, a preocupação, os maus pensamentos e os problemas associados à ociosidade e ao deambular ocioso pelo pátio. Terceiro, o jogo contribui para criar um ambiente de diversão, alegria, e felicidade, considerado por Dom Bosco como requisito prévio para educar. Quarto, o comportamento informal e desinibido no jogo oferecia ao educador a oportunidade de conhecer mais o jovem e o seu caráter. Quinto, a presença dos educadores nos jogos como irmãos mais velhos, quase como iguais, elevava a moral dos jovens e promovia o espírito de família e confiança recíproca”³¹⁰.

Foram estas as aquisições que Dom Bosco incorporou definitivamente na sua experiência de educador. Por isso, o pátio era animado pelos educadores que jogavam, passeavam, conversavam, gritavam, corriam juntamente com os jovens.

3.3. *As «Companhias» e as sociedades*

De João Bosco, quando andava no quarto ano do liceu, ou “de humanidades”, como então se chamava, já era de todos conhecida a sua caridade, que se manifestava, além do mais, em dar explicações aos colegas mais atrasados e em os ajudar nos trabalhos escolares. Esta generosa camaradagem atraía-lhe cada vez mais a estima dos companheiros e levava-o a não fazer exceções.

Dom Bosco, recordando fecundas experiências juvenis, como a Sociedade da Alegria, promove entre os jovens do Oratório festivo e dos alunos das suas casas a organização de companhias religiosas e de livres associações de amigos com marcada finalidade formativa e apostólica, nas quais “se favorece uma vida cristã integral, toda orientada em tensão virtuosa, e visando atuar como um fermento na comunidade juvenil”³¹¹. Foi esta a resolução que tomou e que lhe serviu de norma durante a sua vida. Particular relevo “é dado na casa-família às Companhias e às sociedades, que ali tomam um inconfundível caráter de solidariedade e de participação”³¹².

³¹⁰ *Ibidem*, 100-101.

³¹¹ J. BOSCO, *Ensinamentos de vida espiritual, uma antologia*, Introdução e notas de Aldo Giraudo, Ed. Salesianas, Porto, 2014, 58.

³¹² P. BRAIDO, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, 294.

3.3.1. A Sociedade da Alegria

A Sociedade da Alegria foi constituída em 1833 por um grupo de rapazes. Em Chieri, João estava num ambiente social novo e diferente, no qual entrou com receio, mas com vontade. Quer ter amigos e ser aceite, mas não a qualquer preço, sendo dele a expressão: “Quem nasceu no mato sabe como arranjar-se”³¹³. Reconhecia que os seus amigos estudantes se dividiam entre “bons, indiferentes ou maus”³¹⁴ e ele teve de aprender como tratá-los: “Com os maus, evitá-los a todo o custo e sempre, uma vez conhecidos; com os indiferentes, entreter-me por cortesia e por necessidade; com os bons, contrair a familiaridade, quando os houvesse e fossem verdadeiramente tais.”³¹⁵

João Bosco, “piedoso e bom, sem ostentação alguma, não tardou em cativar a benevolência, a estima e o afeto de todos os companheiros”³¹⁶. A princípio,

“Aproximavam-se dele para brincar, para ouvir da sua boca factos e anedotas que, contadas com espontaneidade e graça, despertavam a hilaridade, fomentavam alegria e deixavam sempre, como lembrança um bom pensamento, um bom conselho, um incitamento para a prática da virtude. Depois, procuravam-no para fazerem juntos os trabalhos escolares e prepararem as lições e, finalmente, acorriam a ele, mesmo sem nenhum motivo especial, como que atraídos e fascinados pela sua palavra e pelas suas maneiras corretas e afáveis”³¹⁷.

Foi assim que nasceu a “Sociedade da Alegria”³¹⁸, nome que se ajustava apropriadamente a tais reuniões, porque era obrigação estrita de cada um procurar livros, conversas e divertimentos que pudessem contribuir para animar e estar alegres, ao passo que era rigorosamente proibido tudo aquilo que originasse tristeza e melancolia, ou fosse contrário à santa lei de Deus. E quem blasfemasse ou falasse de coisas inconvenientes era imediatamente afastado dessa Sociedade, como indigno de pertencer a ela. À frente deste grupo de rapazes briosos estava João Bosco. Havia lugar para diversões alegres, mas não

³¹³ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 227.

³¹⁴ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 39.

³¹⁵ *Ibidem*.

³¹⁶ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 228.

³¹⁷ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 40-41.

³¹⁸ É uma reunião de diversão, para ouvir histórias e fazer o trabalho da escola. Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 41.

era uma “sociedade de boas-vidas”³¹⁹. Havia duas regras básicas que determinavam a conduta moral cristã e o cumprimento exemplar dos deveres escolares e religiosos.

“A base da união que existia entre eles era composta por dois artigos; 1º - Todo o membro da Sociedade da Alegria deve evitar as más conversas e as más ações, indignas de um cristão, 2º - Deve ser exato no cumprimento dos deveres escolares e religiosos.”³²⁰

João Bosco não se contentava em dar bom exemplo, no meio da Sociedade; era aceite como “o capitão de um pequeno exército”³²¹. A sua popularidade era tal, que por toda a parte procurava atrair a ela os rapazes que encontrava, com uma palavra, com entretenimentos e com jogos de prestidigitação, em que era muito hábil.

3.3.2. *Luís Comollo*³²² – *companheiro de João Bosco*

Tendo iniciado a primeira série de Retórica³²³, provavelmente em novembro de 1834, João conheceu Luís Comollo, que se tinha matriculado na escola de Chieri, presumivelmente tendo em vista a entrada no seminário local. Tinha dois anos menos que João e frequentava na escola um ano atrás dele. Luís entrou na vida de João, quando este presenciou um episódio no qual Comollo perdoou *com estas palavras* a um colega que o tinha maltratado: “Se isto basta para te satisfizer, vai em paz; eu já te perdoei”³²⁴. Este facto foi o catalisador de uma estreita amizade e de um relacionamento que se foi aprofundando com o passar do tempo, e deixou uma profunda marca na vida espiritual de Dom Bosco, que testemunhou: “dele (Luís Comollo) aprendi a viver como cristão. Depositei nele plena confiança, e ele em mim; precisávamos um do outro. Eu de ajuda espiritual, ele de ajuda corporal”³²⁵, porque Comollo, pela sua grande timidez, nem sequer ousava tentar a sua defesa contra os insultos dos maus, enquanto João Bosco, pela sua

³¹⁹ A. J. LENTI, *Dom Bosco 1: História e Carisma*, 228.

³²⁰ J. M. ALVES, *Vida de S. João Bosco, Sonho e realidade*, 51-52. Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 41.

³²¹ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 41.

³²² Luigi Comollo nasceu em Cinzano em 1818 e morreu no ano de 1839 em conceito de singular virtude no Seminário de Chieri, aos 22 anos de idade.

³²³ É a primeira classe de latinidade superior. Isto é, o terceiro ano de liceu, em que estuda a gramática latina, humanidade e retórica.

³²⁴ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 49.

³²⁵ *Ibidem*.

coragem e pela sua força brutal, era temido por todos os companheiros, mesmo maiores na idade e na estatura.

Mais tarde, Comollo lamentou-se com João da sua violenta exibição de força e disse: “Meu caro, a tua força mete-me medo. Mas acredita em mim, Deus não ta deu para massacrar os companheiros. Ele quer que nos amemos, nos perdoemos e façamos bem àqueles que nos fazem mal.”³²⁶ João admirou a caridade do colega. Posteriormente, comentou: “Pondo-me inteiramente nas suas mãos, deixava-me guiar como ele quisesse”³²⁷.

Enquanto os dois estiveram no seminário, João considerou Luís como um irmão mais velho, embora este fosse dois anos mais novo e fisicamente muito menor. João Bosco aparece novamente aqui desejoso de intimidade e de vida interior. O exemplo de Luís foi claramente de grande ajuda para ele, que escreveu:

“Este maravilhoso companheiro foi a minha sorte. Na devida altura sabia avisar-me, corrigir-me, consolar-me [...]. Tratava-o com familiaridade, sentia-me naturalmente levado a imitá-lo [...]. Se não fui desencaminhado pelos maus e se pude progredir na minha vocação, a ele o devo verdadeiramente. Só numa coisa nem sequer tentei imitá-lo: na mortificação [...]. Vê-lo cumprir com a máxima exatidão cada pequeno dever de estudo e de piedade, isto deixava-me atónito e fazia-me reconhecer naquele companheiro um ídolo como amigo, um incentivo ao bem, um modelo de virtude para quem vive no seminário.”³²⁸

A seriedade do trabalho espiritual de João Bosco aprofundou-se particularmente nas relações com Comollo. Ainda que continuasse a não imitar todas as austeridades do amigo, compartilhava as suas convicções em relação aos deveres de um bom seminarista e às responsabilidades interiores e exteriores da vida sacerdotal. João confidenciou ao amigo Comollo as dúvidas sobre a sua vocação e o bom amigo aconselhou-o a pôr a confiança em Deus. João Bosco admirava muito a espiritualidade de Comollo, mas teve o bom senso de não a assumir na sua totalidade.

³²⁶ *Ibidem*, 50.

³²⁷ *Ibidem*.

³²⁸ *Ibidem*, 83-84

3.3.3. *Companhia da Imaculada Conceição*³²⁹

As características fundamentais que definem as Companhias e os grupos formados no Oratório e que os ligam intimamente à intuição original de Dom Bosco são as seguintes: a relação pessoal de amizade, a criação dum ambiente de encontro, o empenho de solidariedade. Estes elementos conduziam os jovens à formação de uma forte personalidade humana e cristã.

A Companhia da Imaculada é um dos fatores mais importante no organismo educativo de Dom Bosco. Augusta

Um dos rapazes de confiança de Dom Bosco no Oratório foi Domingos Sávio³³⁰. Toda a vida de Domingos Sávio, foi, pode dizer-se, de contínua dedicação a Maria Santíssima. Não deixava passar a mais pequena ocasião de lhe prestar homenagem. Em 1854, o Sumo Pontífice definiu como dogma de fé a Imaculada Conceição de Maria. Domingos Sávio desejava ardentemente tornar vivo e duradouro, entre os seus amigos, o pensamento desta magnífica invocação à Rainha do Céu, sancionada pela Igreja. “Desejaria fazer alguma coisa em honra de Maria, dizia ele, mas tenho de o fazer quanto antes, pois receio que me falte o tempo”.³³¹ Domingos teve a ideia de unir os rapazes voluntariosos, entre os quais se encontravam Miguel Rua e João Cagliero, numa espécie de sociedade secreta para fazer deles um grupo de pequenos apóstolos junto dos outros. Guiado pela sua habitual e engenhosa caridade, escolheu alguns dos seus companheiros e convidou-os a organizarem com ele uma Companhia. Assim, organizaram um grupo, a que deram o nome de Companhia da Imaculada, fundada por iniciativa de Domingos

³²⁹J. BOSCO, *Ensinamentos de vida espiritual, uma antologia*, 60. Cf. G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. V, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1905, 479-483.

³³⁰ *Domingos Sávio* nasceu em 2 de abril de 1842, nos arredores de Turim, em Riva de Chieri, tendo feito, aos sete anos, a primeira comunhão: “O mais belo dia da minha vida”, conforme referiria, emocionado, anos mais tarde. O encontro com Dom Bosco dá-se em 1854, 2 de outubro. E a primeira impressão de Dom Bosco mais favorável não poderia ter sido: “Descobri naquele adolescente uma alma totalmente conforme ao Espírito do Senhor, e fiquei surpreendido considerando os efeitos que a graça de Deus tinha operado em tão tenra idade”. Chegado ao Oratório, cedo Domingos se destaca: a exata observância do regulamento da casa, a empenhada aplicação no estudo, o cumprimento fervoroso dos deveres, a frequência dos Sacramentos da Confissão e da Comunhão, a disponibilidade com que acolhia e ajudava os companheiros, depressa lhe mereceram a estima e o respeito de todos. E à medida que o tempo passava, um grande desejo de se santificar ia nele crescendo: “Sei que posso tornar-me santo, estando alegre” – e essa alegria era mesmo a nota dominante da sua presença e do seu testemunho. A saúde debilitada, no entanto, forçá-lo-á a partir: no primeiro dia de março de 1857 deixou Valdocco, onde vivera três anos de plena satisfação, para nunca mais regressar. Faleceu no dia 9 de março 1857, contava 14 anos e onze meses. Foi Beatificação, por Pio XII no dia 5 de março de 1950 e foi canonizado pelo mesmo Papa no dia 13 de junho de 1954.

³³¹ J. BOSCO, *Vida de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucio*. Estudo introdutório e notas históricas ao cuidado de Aldo Giraud, Ed. Salesianas, Porto, 2012, 78-86.

Sávio e dos seus amigos em junho de 1856³³². Ela representa uma evolução posterior do programa espiritual de Dom Bosco, visando propor aos jovens estudantes caminhos de santidade juvenil e cultivar vocações para a vida apostólica e religiosa. Dom Bosco deu autorização para a sua fundação, mas sugeriu que não se precipitassem, que experimentassem, que redigissem um pequeno regulamento³³³. Fizeram experiências, como sugeriu Dom Bosco. Quanto à finalidade da Companhia, Dom Bosco escreveu:

“A finalidade da Companhia era garantir a proteção da Mãe de Deus aos membros na vida e especialmente no momento da morte. Para obter essa finalidade, Domingos propôs dois meios: fazer e promover práticas de piedade em honra de Maria Imaculada e comungar frequentemente”³³⁴.

No ato fundacional de consagração a Maria, que é um preâmbulo dos regulamentos da Companhia, os membros prometiam imitar Luís Comollo tanto quanto pudessem. Esta Companhia requeria três compromissos: “primeiro, observar rigorosamente as regras da casa; segundo, dar bom exemplo aos companheiros, avisando-os caridosamente e animando-os ao bem por palavras, mas muito mais pelo bom exemplo; terceiro, aproveitar rigorosamente o tempo”³³⁵. Para perseverar nestes compromissos, traçaram o regulamento da Companhia, que constava de vinte e um artigos³³⁶. Assim, todos os membros se empenhavam em tornar-se melhores sob a proteção de Nossa Senhora e com o auxílio de Jesus Eucarístico, e em ajudar Dom Bosco, tornando-se, com delicadeza e prudência, pequenos apóstolos entre os companheiros do Oratório, difundindo alegria e seriedade à sua volta³³⁷. O último artigo, ou seja, o artigo 21, conclusivo, condensava nestas palavras o espírito da Companhia: “A confiança sincera, filial e ilimitada em Maria, uma grande ternura para com Ela, uma devoção constante, tornar-nos-ão capazes de vencer todos os obstáculos, mantendo-nos firmes nas

³³² *Ibidem*.

³³³ T. BOSCO, *São João Bosco, uma biografia nova*, Edições Salesianas, Porto, 1988, 297.

³³⁴ J. BOSCO, *Vida de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco*, 78. Cf. A. J. LENTI, *Dom Bosco 2: História e Carisma*, 126.

³³⁵ J. BOSCO, *Ensinamentos de vida espiritual, uma antologia*, 61.

³³⁶ J. BOSCO, *Vida de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco*, 80-83.

³³⁷ T. BOSCO, *São João Bosco, uma biografia nova*, 297.

resoluções, exigentes connosco mesmos, compassivos para com o próximo e exatos em tudo”³³⁸.

A Companhia da Imaculada teve início no dia 08 de junho de 1856, diante do altar de Nossa Senhora, na Igreja de S. Francisco de Sales, em Valdocco, Turim. “Todos os membros prometeram ser fiéis aos seus compromissos”³³⁹. Os membros da Companhia propuseram-se ajudar Dom Bosco no cuidado duma determinada categoria de rapazes que, na sua linguagem secreta, chamaram «clientes»: “os indisciplinados, prontos a insultar-se, a passar às vias de facto”³⁴⁰. Cada um dos membros tomava um à sua conta, como “se fosse para ele o anjo da Guarda, durante o tempo que fosse necessário para trazê-lo ao bom caminho. Uma segunda categoria de clientes, eram os recém-chegados ao Oratório”³⁴¹. Ajudavam estes recém-chegados na sua ambientação e adaptação ao Oratório, “a passar com alegria os primeiros dias, esses dias difíceis em que não conheciam ninguém, não sabiam jogar, só conheciam o dialeto da sua região e sentiam saudades da terra natal”³⁴².

No campo religioso, Dom Bosco foi sempre exigente com os seus rapazes. Mas, tendo notado que entre eles havia rapazes de grande espiritualidade, fomentou a fundação da Companhia Imaculada, um grupo que em todas as casas salesianas e Oratórios salesianos haveria de reunir um grupo de rapazes comprometidos para serem jovens apóstolos dos jovens, ou seja, “jovem entre os jovens, para ser o exemplo dos jovens”³⁴³.

O carisma que ultrapassa o individualismo e conduz ao grupo e à comunhão é sustentado por uma espiritualidade que nasce da relação entre pessoas que encontram em Cristo um amigo comum, os jovens dos ambientes salesianos sentem um grande desejo de conviver. Como amigos, partilham e celebram a alegria de viver, para se ajudarem mutuamente. É assim que fizeram a experiência de se tornar fermento no meio de outros jovens.

Os jovens, por impulso natural, organizam e, de qualquer modo, institucionalizam a amizade, criando grupos ligados aos variados interesses da vida: desde o jogo à cultura e ao compromisso religioso. Não raro, entre os grupos estabelece-se uma ligação, por

³³⁸ *Ibidem*. Cf. J. BOSCO, *Vida de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco*, 82-83.

³³⁹ T. BOSCO, *São João Bosco, uma biografia nova*, 298.

³⁴⁰ *Ibidem*.

³⁴¹ *Ibidem*.

³⁴² *Ibidem*, 299.

³⁴³ FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 22, 13.

partilharem os mesmos ideais e valores. Encaminham-se deste modo para um movimento juvenil, inspirado nos traços espirituais de Dom Bosco.

CAPÍTULO III

ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL DOS JOVENS CONTEMPORÂNEOS: OS DESAFIOS E A FORMAÇÃO DO ACOMPANHANTE

O terceiro capítulo deste trabalho centra-se nos desafios do acompanhamento espiritual dos jovens contemporâneos. O que significa hoje, em última análise, empenharmo-nos na formação para o acompanhamento espiritual? Abre-se aqui um campo muito vasto de reflexão. Por isso, neste capítulo procuro examinar três aspetos: O desafio da pós-modernidade, a necessidade da formação do acompanhar espiritual e o acompanhamento espiritual na experiência cristã.

1. O desafio da pós-modernidade no acompanhamento espiritual juvenil

Neste ponto, tento analisar o desafio do pensamento pós-moderno e o impacto que ele tem na vida prática e na compreensão do acompanhamento espiritual. Quero referir-me à abordagem de uma “espiritualidade libertadora, que possa mudar os corações, uma espiritualidade que nos aproxime dos outros, e que torne possível o sentido autêntico de pertença, especialmente para os jovens”³⁴⁴.

Antes de descrever e caracterizar os tempos pós-modernos, queria apresentar uma definição teórica de pós-modernidade.

A definição de pós-modernidade é algo extremamente difícil, devido às ideias complexas, díspares e difusas que tratam da matéria no âmbito teórico-epistemológico, o que acaba por provocar grande inconsistência conceptual, apesar da tentativa de importantes estudiosos contemporâneos, a exemplo de Umberto Eco, Anthony Giddens, Zygmunt Bauman, Jean-François Lyotard, Terry Eagleton, etc. Acontece que a pós-modernidade não pode ser definida em função de um preciso período cronológico, ao passo que a modernidade começou a delinear-se com o Renascimento, aperfeiçoando-se com o advento do iluminismo, do capitalismo e do progresso técnico-científico. Por isso,

“Pós-moderno não é apenas uma outra palavra para a descrição de um estilo particular. É também um conceito periódico cuja função é relacionar a emergência de novos caracteres formais na cultura com um novo tipo de

³⁴⁴ FRANCISCO, *Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Evangelii Gaudium*, n.º 105, Roma, 2013, in AAS 105, 12 (2013) 1064.

emergência da vida social e uma nova ordem económica – ou seja, aquilo que é eufemisticamente chamado de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade dos média ou do espetáculo, ou capitalismo multinacional. (...) Tanto não marxistas quanto marxistas chegaram ao sentimento geral de que, em algum ponto, após a segunda guerra mundial, uma nova sociedade começou a emergir”³⁴⁵.

No entanto, não existe uma definição comum para o conceito de “pós-moderno”. Segundo Umberto Eco³⁴⁶, “o pós-moderno envolve uma abordagem da vida, uma visão do mundo, um tipo de comportamento religioso e político, um modo de construção do ego psicológico e cultural”³⁴⁷. Anthony Giddens³⁴⁸ também se refere ao pós-moderno como “um estado do ser, a mudança nas instituições e um novo tipo de ordem social, caracterizado por novos movimentos com novos programas políticos e sociais”³⁴⁹. E o sociólogo Zygmunt Bauman³⁵⁰ resume o conceito de pós-moderno como “modernidade libertada da falsa consciência, um novo tipo de condição social marcado precisamente pelo regresso daquilo que a modernidade procurou eliminar e esconder”³⁵¹. Bauman não define o termo pós-modernidade, mas afirma que “a marca da pós-modernidade é a

³⁴⁵ F. JAMESON, *Postmodernism and consumer society*. In “The anti-esthetic. Essays in the postmodern culture”, Hall Forster (ed.), Bay Press, Washington, 1983, 113; Cit in Z. NÓBREGA, *Cultura popular da pós-modernidade*, Universidade Federal da Bahia – Faculdade da Comunicação, Brasil, 2008, 3.

³⁴⁶ Umberto Eco (1932-2016). Umberto Eco nasceu em Alexandria, no noroeste da Itália, no dia 5 de janeiro de 1932. Era filho de Giulio Eco e Giovanna Eco. Viveu a primeira infância sobre a sombra do fascismo. Estudou Filosofia na Universidade de Turim. Dedicou-se à filosofia com a ajuda de Luigi Pareyson. Doutorou-se em estética em 1961 após escrever alguns estudos sobre estética medieval. Os seus primeiros trabalhos foram dedicados ao estudo da estética medieval, especialmente sobre os textos de São Tomás de Aquino. Escreveu “Il Problema Estetico de San Tommaso” (1956). Lecionou na Universidade de Turim de 1956 a 1964. Em 1971 tornou-se professor da Universidade da Bolonha. Por isso, ele foi destacado como escritor, professor, filósofo e crítico literário italiano. Autor do best-seller “O Nome da Rosa”, exerceu grande influência nos círculos intelectuais de todo o mundo, nas décadas de 60 e 70, por sua teoria da “obra aberta” e outras pesquisas na área da estética e da semiótica. Faleceu em Milão, Itália, no dia 19 de fevereiro de 2016.

³⁴⁷ S. ROSSO, “A correspondence with Umberto Eco” tradotto da Carolyn Springer: *Boundry 2*, 12 (1983) 1, 1-13; cit in F. ATTARD e M. GARCÍA, *O acompanhamento espiritual*, 245.

³⁴⁸ Anthony Giddens foi professor de Sociologia em Cambridge e, entre 1997 e 2003, dirigiu a London School of Economics and Political Science. Pioneiro do conceito de Terceira Via, Giddens escreveu mais de trinta livros, entre os quais “O Mundo na Era Global” e “A Europa na Era Global”, ambos publicados pela Presença, sendo com frequência consultado por líderes políticos de todo o mundo. É largamente aclamado pela sua teoria da estruturação e pela sua visão holística das sociedades modernas.

³⁴⁹ A. GIDDENS, *The Consequences os modernity*, Polity press, Cambridge, 1990, 46-47; cit in F. ATTARD e M. GARCÍA, *O acompanhamento espiritual*, 245.

³⁵⁰ Zygmunt Bauman (1925-2017), foi um sociólogo polaco, iniciou a sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de sociologia geral. Em 1968 emigrou, reconstruindo a sua carreira no Canadá, Estados Unidos, Austrália e Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular de sociologia da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por vinte anos. Morreu no Leed, Reino Unido no dia 09 de janeiro de 2017 com 91 anos de idade.

³⁵¹ Z. BAUMAN, *Intimations of Postmodernity*, Routledge, Abingdon, 1992, 188.

própria vontade de liberdade individual, princípio que se opõe diretamente à segurança projetada em torno de uma vida estável”³⁵². Por isso, Bauman procura construir uma categoria global para dar sentido à época pós-moderna. Enfatiza o modo de produção capitalista como principais categorias de análise, alegando as condições pós-modernas de produção de conhecimento. O filósofo Jean-François Lyotard³⁵³ no seu livro, “A condição pós-moderna”, conseguiu entrelaçar um pensamento lúcido e explicativo sobre a questão e interpreta tal expressão da seguinte forma:

“A ciência pós-moderna – ao se preocupar com coisas indecidíveis, os limites do controle do preciso, conflitos caracterizados por informações incompletas, fractais, catástrofes e paradoxos pragmáticos – está teorizando a sua própria evolução como descontínua, catastrófica, não retificável e paradoxal. Ela está mudando o sentido da palavra ‘conhecimento’, ao mesmo tempo que exprime como essa mudança pode ocorrer. Está produzindo não o conhecimento, mas o desconhecido”³⁵⁴.

O sociólogo Terry Eagleton, no seu livro “As Ilusões do Pós-modernismo”, faz uma distinção entre “pós-modernismo” e “pós-modernidade”:

“O termo ‘pós-modernismo’ refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto ‘pós-modernidade’ alude a um período histórico específico. Pós-modernismo é um estilo de cultura que reflete um pouco essa mudança memorável por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura ‘elitista’ e a cultura ‘popular’, bem como entre a arte e a experiência cotidiana. Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação”³⁵⁵.

³⁵² Z. BAUMAN, *O mal-estar da pós-modernidade*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998, 118.

³⁵³ Filósofo francês, um dos mais importantes pensadores na discussão sobre a Pós-Modernidade. Autor dos livros, *A Fenomenologia*, *A Condição Pós-Moderna* e *O Inumano*. Nasceu em 1924, na França. Graduou-se em Filosofia e em Literatura pela *Sorbonne*. Na década de 1950, filiou-se à Esquerda Radical e se tornou um célebre defensor da Revolução Argelina de 1954 a 1962. No seu livro, *A Condição Pós-Moderna*, utiliza o conceito de *jogos de linguagem* e refere-se a uma agonística entre esses jogos, assim como a fragmentação e multiplicação de centros e a complexidade das relações sociais dos sujeitos.

³⁵⁴ J. F. LYOTARD, *A Condição Pós-Moderna*, Gradiva, Lisboa, 1989, 60.

³⁵⁵ T. EAGLETON, *As Ilusões do Pós-modernismo*, tradução Elisabeth Barbosa, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998, 7-8.

Segundo o pensamento de Leonardo Boff no seu livro de *A voz do arco-íris*, argumentou que, a pós-modernidade participa de todos,

“(...) os pós-ismos (pós-*histoire*, pós-industrialismo, pós-estruturalismo, pós-socialismo, pós-marxismo, pós-cristianismo, etc.) com aquilo que eles têm em comum: a vontade de distanciamento de certo tipo de passado ou a recusa a certo tipo de vida e de consciência, a percepção de descontinuidade sentida e sofrida no curso comum da história, e a sensação de insegurança generalizada”³⁵⁶.

A pós-modernidade trata da aceitação da sociedade com as suas difusões e complexidades no campo da cultura, da política e da economia, procurando discutir novos paradigmas para a heterogeneidade das expressões artístico-estéticas, ampliadas pelo foco dos *média*, conforme os parâmetros da indústria cultural, apesar de não se enquadrar num modelo puramente comercial, tanto que chega a aglutinar, inclusive, expressões da cultura popular que, por sua vez, se adapta ao novo modelo, porém mantendo características básicas de produção e consumo em seu próprio meio social.

A pós-modernidade provoca o surgimento de uma nova religião e de uma nova ética. Sem compreender os valores e a cultura pós-moderna, torna-se difícil compreender as pessoas, os novos valores sociais e individuais e provocar uma mudança.

Afinal, o mundo pós-moderno apresenta-se extremamente frágil, quebradiço, sem consistência, sem encanto e apresenta “rachaduras no espelho”³⁵⁷. Ele instaura o reinado da fragilidade, da superficialidade, da trivialidade, ou, no dizer de Zygmunt Bauman, da “liquidez”. “Falta ver se o tempo da pós-modernidade passará para a história como crepúsculo ou como renascimento da moralidade”³⁵⁸.

Os tempos pós-modernos representam um desafio para um acompanhamento espiritual sábio e equilibrado. O principal desafio refere-se à revolução verificada no campo do conhecimento, isto é, na sua produção e aquisição nos nossos dias. Precisamos de compreender, no acompanhamento espiritual juvenil, os muitos modos com que o pós-moderno focaliza “a atenção na fragmentação, na desconexão, na complexidade e no

³⁵⁶ L. BOFF, *A voz do arco-íris*, Letraviva Editora, Brasília, 2000, 18.

³⁵⁷ D. HARVEY, *Condição pós-moderna*. Edições Loyola, São Paulo, 1992, 323.

³⁵⁸ Z. BAUMAN, *Ética pós-moderna*, Paulus, São Paulo, 1997, 8.

pluralismo, uma focalização voltada mais para a superfície do que para a profundidade”³⁵⁹.

Estamos numa época em que “todos os tipos de dados, os *blogs*, os *websites*, e os textos sobre os tipos de espiritualidade estão disponíveis, premindo uma simples tecla”³⁶⁰.

Por isso, a convivência social na atualidade é desafiadora. Vivemos num tempo em que o mundo virtual aparece, mais do que o mundo real, em múltiplas dimensões das nossas existências. Até parece que a convivência quotidiana nos empurra para situações nas quais o diálogo com os outros é mais *normal*, desde que seja mediado por diferentes canais/meios tecnológicos. Presenciamos situações em que as pessoas usam E-mails, Facebook, Whatsapp, Telegram, Instagram, Zoom, Webex, Skype, etc. E diferentes meios para cumprimentar outras pessoas, para fazer negócios, para coordenar ações laborais, para falar de amor, para o processo de aprendizagem, enfim, para dinamizar a existência quotidiana em quase todos os aspetos.

Lidamos com uma abordagem do conhecimento totalmente diferente, isto é, vivemos num mundo em que diversas abordagens geram diferentes tipos ou níveis de conhecimentos. Constatamos, antes de mais, que a realidade sociocultural – designadamente mudanças da organização social, as diversas expressões artísticas, a instauração das regras morais e dos comportamentos, o desenvolvimento das religiões e das estruturas do pensamento, a criação de sistemas educativos, as comunicações, as etnias, as classes sociais, etc. – mudam rapidamente em muitos países. Noutros, as mudanças estão iminentes. Isto aumenta os confrontos e as ruturas entre as gerações jovens. “Resulta particularmente desconcertante a acentuada conflituosidade que a sociedade manifesta em alguns dos seus aspetos e de que os jovens sempre se ressentem profundamente”³⁶¹, tais como:

“A exaltação e a instrumentalização; a propaganda da liberdade, e ao mesmo tempo a opressão de muitas liberdades; o desejo de solidariedade, e juntamente a crise de participação e o desinteresse; a rapidez das mudanças e da informação, e a lentidão das reformas culturais e sociais; a procura de unidade e de paz universal, e a persistência de contrastes políticos, sociais, raciais, religiosos,

³⁵⁹ D. BÖHNKE, *Shades of Gery: Science fiction, history and the problem of postmodernism in the work of Alasdair Grey*, Galda and Wilch Verlag, Berlim, 2004, 26; cit in F. ATTARD e M. GARCÍA, *O acompanhamento espiritual*, 248.

³⁶⁰ F. ATTARD e M. GARCÍA, *O acompanhamento espiritual*, 267.

³⁶¹ XXI CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS, *Documentos capitulares*, Edições Salesianas e extra comercial, Lisboa, 1978, 22.

económicos; a exaltação de tudo o que é jovem e, por vezes, a marginalização dos jovens em relação ao trabalho, à participação, à responsabilidade”.³⁶²

Neste sentido, não só a realidade sociopolítica afeta a vida juvenil, mas também “a situação socioeconómica atual marginaliza países interiores e isola, até nas nações desenvolvidas, vastas áreas de pobreza coletiva”³⁶³. Porque este contexto político, social, económico e cultural nem sempre oferece condições favoráveis³⁶⁴. Assim “encontram-se profundamente contrafeitos muitos jovens das classes pobres, marginalizados pela sociedade a que deveriam pertencer, excluídos dos bens económicos e culturais e do pleno exercício das suas responsabilidades”³⁶⁵. Falta uma reflexão sistemática sobre a realidade juvenil em movimento. “Muitos jovens, imersos neste vasto processo que eles mesmos alimentam em boa parte, sentem dificuldade em se orientarem e em descobrir de novo com clareza o quadro dos valores humanos e cristãos como suporte da sua própria maturação”³⁶⁶. A entidade religiosa, ou seja, a Igreja reflete esta mudança rápida e profunda. No seu interior a revisão vasta e profunda da cultura tradicional restringiu a elaboração dos valores humanos e cristãos³⁶⁷. Não faltam, contudo, sinais positivos e prometedores que se manifestam em jovens e grupos juvenis que, convenientemente educados, podem “vir a ser os primeiros e imediatos apóstolos dos jovens”³⁶⁸.

Dom Bosco no seu método de acompanhamento espiritual procura descobrir e valorizar o que os jovens esperam, para promover a sua maturação humana e cristã, evitando o risco do nivelamento, e “procura ter em conta as suas (jovens) exigências específicas e a sua pertença ao mundo do estudo ou da fábrica, ao mundo dos campos ou do trabalho”³⁶⁹. Dom Bosco surpreende-nos com a sua simplicidade. Diz coisas tão simples que toda a gente parece saber, que estão quase à mão de semear, mas era preciso um ânimo para as descobrir com as suas enormes potencialidades. A maneira de atuar de

³⁶² *Ibidem*.

³⁶³ *Ibidem*, 23.

³⁶⁴ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º 65, 41. In FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 137, 72.

³⁶⁵ XXI CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS, *Documentos capitulares*, 23.

³⁶⁶ *Ibidem*, 24.

³⁶⁷ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, Gaudium Et Spes*, n.º 54, gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 214, in AAS 58 (1966) 1025- 1115.

³⁶⁸ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre o apostolado dos leigos, Apostolicam Actuositatem*, 1966) n.º 12, gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 397, in AAS 58 (1966) 837 – 864; PAULO VI, *Exortação Apostólica, Evangelii Nuntiandi, ao Episcopado, ao Clero, aos Fiéis de toda a Igreja sobre a Evangelização no mundo contemporâneo*, (31 de janeiro de 1976), n.º 72, in AAS 68 (1976) 5 – 76.

³⁶⁹ XXI CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS, *Documentos capitulares*, 25.

Dom Bosco e as suas práticas são intuitivas e envolventes, enraizadas na fé dos jovens, e tentam ser racionais, delicadas, sábias, cheias de bondade generosa e de bom humor. Mas, como é que os jovens encaram a fé nos contextos e nas situações acima descritos? Que esperam delas? Que lhes pedem? Nos dias de hoje, as expectativas e esperanças dos jovens apresentam-se diversificadas.

Por isso, da leitura do contexto da situação juvenil e do posicionamento concreto dos jovens face a fé, a Congregação Salesiana sente-se desafiada a tomar posição e a empenhar-se. Mas em que direção? O XXIII Capítulo Geral dos Salesianos, no seu discernimento, detetou nos factos alguns desafios que, a seu juízo, pela sua gravidade, urgência e amplitude parecem interpelar mais direta e fortemente as comunidades, e “são desafios que se apresentam, por um lado, como força de provocação para a nossa vocação de educadores para a fé, e por outro lado, como oportunidades reais carregadas de potencialidades”³⁷⁰. Isto é, são ocasiões novas que estão a pedir criatividade e coragem para responder a estes desafios.

Entre tantos outros desafios, a Congregação Salesiana, identificou alguns tipicamente juvenis: *primeiro*, o desafio do afastamento – alheamento; *segundo*, o desafio da irrelevância da fé na vida e na cultura; *terceiro*, o desafio da vida. São desafios que se apresentam, “por um lado, como força de provocação para a nossa vocação de educadores e acompanhadores para a fé; e, por outro lado, como oportunidades reais carregadas de potencialidades”³⁷¹. No entanto, são ocasiões novas que estão a pedir criatividade e coragem da parte dos acompanhantes. Estes desafios exprimem de forma concreta que a fé é chamada a iluminar e a significar a dupla vertente da pessoa e da sociedade: a identidade pessoal e a solidariedade universal entre os homens³⁷².

1.1. O desafio do afastamento – alheamento

A relação com o mundo dos jovens, embora continue problemática, está hoje carregada de menos tensão e agressividade, substituídas por várias formas de apatia e de mal-estar. Porque “estar juntos é hoje, para os jovens, um facto cada vez mais generalizado”³⁷³. É vivido com naturalidade. A troca de experiências de processos

³⁷⁰ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 53

³⁷¹ *Ibidem*.

³⁷² *Ibidem*, 53-54.

³⁷³ *Ibidem*, 43.

formativos favorece a complementaridade, reciprocamente enriquecedora. Diz o Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*: “Proponho aos jovens irem além dos grupos de amigos e construïrem a amizade social, procurarem o bem comum”.³⁷⁴

Na situação juvenil, merece uma atenção particular a relação que os jovens estabelecem com as instituições, hoje designadas *agências educativas*. “Os jovens são chamados continuamente a realizar opções que norteiam a sua existência; exprimem o desejo de ser ouvidos, reconhecidos, acompanhados”³⁷⁵. Um denominador comum a ter em conta é que os jovens se sentem simultaneamente dentro e fora das instituições educativas, e “muitos sentem que a sua voz não é interessante e útil no âmbito social e eclesial”³⁷⁶. Por isso, estão dentro destas instituições, já que, ao contrário do que possa parecer, a relação é consciente; os jovens procuram servir-se da proximidade da instituição para o próprio crescimento pessoal. Mas também estão fora destas instituições, visto que tais *agências* exercem uma relativa influência nas suas escolhas de vida, por estarem determinadas por critérios que não coincidem com os das instituições³⁷⁷.

Perante a fé, os jovens afastados que aqui identificamos como desafio, formam a categoria mais numerosa, embora as causas e as manifestações do afastamento sejam diversas. Alguns encontram-se afastados porque, tendo vivido em famílias fundamentalmente sensíveis ao facto religioso, pouco a pouco, sob a influência de ambientes de descristianização progressiva, foram perdendo a fé sem a terem rejeitado conscientemente. “O que tem tudo isto a ver com a difícil relação entre os jovens e a fé? As novas gerações de pais estão amplamente envolvidas pelo espírito da cultura pós-moderna e, por consequência, tornaram-se estranhos ao cristianismo”³⁷⁸, ou seja, “possivelmente mantiveram uma ligação afetiva (re-ligio) com os ritos eclesiais, mas privados de qualquer consistência de fé”³⁷⁹. Trata-se de um afastamento silencioso. Mas “há outros que estão afastados pelo simples facto de virem de famílias e de contextos culturais onde o sentido da vida, os critérios, a identificação se processa à margem dos valores religiosos”³⁸⁰. Há depois aqueles jovens que, sem as condições essenciais para

³⁷⁴ FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 169, 90.

³⁷⁵ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º 7, 8, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

³⁷⁶ *Ibidem*.

³⁷⁷ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 43-44.

³⁷⁸ A. MATTEO, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, 9-10.

³⁷⁹ *Ibidem*, 10.

³⁸⁰ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 49.

viver, mergulhados na pobreza e na marginalização, nem sequer sabem que existem valores cristãos e religiosos. Trata-se de “uma geração que não se coloca contra Deus ou contra a Igreja, mas uma geração que está a aprender a viver sem Deus e sem a Igreja”³⁸¹, ou que, sabendo-o, os sentem sem peso nem significado algum para a sua experiência de vida, a braços com a sobrevivência quotidiana.

À categoria dos afastados, pertencem também os jovens que rejeitam explicitamente toda a referência religiosa. Métodos errados de educação podem estar na origem do seu afastamento da dimensão religiosa; ou porque ela foi substituída pela adesão a sistemas de pensamento ou por adesão a movimentos políticos que não acreditam na capacidade humanizante da experiência religiosa.

Há também jovens que se dizem afastados de Deus e abandonaram as práticas religiosas e as instituições eclesiais. Mesmo assim,

“Há muitos outros dispostos a comprometer-se em iniciativas de voluntariado, de cidadania ativa e de solidariedade social, que devem ser acompanhados e animados para que brotem os talentos, as competências e a criatividade dos jovens e para os incentivar a que assumam responsabilidade”³⁸².

Estes oferecem uma base e suficiente disponibilidade para o diálogo. O desafio do afastamento – alheamento dos jovens do mundo da fé é o dado mais universal que resulta das análises feitas³⁸³. Vamos encontrá-lo até naqueles que percorreram as primeiras etapas da iniciação, ou seja, o caminho cristão. Muitos jovens, podendo escolher livremente, fecham a própria vida numa visão secularista que os atrai mais, nada vislumbram além do presente e perdem o sentido do próprio destino. “Outros jovens participam em programas sociais, orientados para a construção de casa para os que não têm teto [...] ou para a recolha de ajudas para os mais necessitados”³⁸⁴.

Os jovens afastados são numerosos e são um veemente desafio aos agentes pastorais e acompanhadores espirituais, que têm consciência de que muitas vezes estão afastados deles, quer por uma questão de mentalidade, quer por falta de comunicação. “É

³⁸¹ A. MATTEO, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, 8-9.

³⁸² FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 170, 91.

³⁸³ A. MATTEO, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, 7-64; FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.ºs 168-174 e 242; CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 53-59.

³⁸⁴ FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 172, 91-92.

verdade que nós, membros da Igreja, não devemos ser «bichos estranhos»³⁸⁵. Se formos esse bicho estranho, como entrar em contacto com aqueles jovens que, mesmo vivendo nos nossos ambientes, andam longe e desinteressados da fé? A comunidade em que eles se inserem vive verdadeiramente a fé como a dimensão que dá gosto e orientação à vida? Quais os caminhos para que os jovens a vejam como autêntico valor que vale a pena seguir?

No entanto, todos os acompanhadores e educadores são chamados a ser sinal de esperança para estes jovens, e a dedicar-se “a fundo na transmissão dos valores, apesar das dificuldades do contexto cultural”³⁸⁶. A partir do momento em que partilham com os jovens o amor como educadores e acompanhantes que vivem de fé, aqueles sentem-se impelidos a sair das situações de apatia e de indiferença. Porque “os jovens são capazes de orientar outros jovens e de viver um verdadeiro apostolado no meio dos próprios amigos”³⁸⁷.

1.2. O desafio da irrelevância da fé na vida e na cultura

A irrelevância da fé na vida e na cultura é tendência relevante e também dominante mas uma verdade que se aceita como verdade fundamental evidente por si à razão e indemonstrável, como se fosse indiscutível e certo que o ser religioso está em antagonismo com as leis e os dinamismos que movem o homem de hoje na economia, na política, na gestão do poder. Ao contrário, “os jovens são geralmente portadores de uma abertura espontânea no confronto com a diversidade, que os torna atentos às temáticas da paz, da inclusão e do diálogo entre culturas e religiões”³⁸⁸.

No mundo do bem-estar, “o valor religioso foi colocado à margem dos elementos que compõem a nova sociedade e dos aspetos que são tidos como essenciais na vida social”³⁸⁹. Assim, para os jovens, especialmente para aqueles que vivem neste clima, a pergunta sobre Deus não é relevante; a linguagem religiosa (salvação, pecado, fé, futuro) ficou vazia do seu significado, porque “para muitos jovens, Deus, a religião e a Igreja são

³⁸⁵ *Ibidem*, n.º 37, 21.

³⁸⁶ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º 34, 23.

³⁸⁷ *Ibidem*, n.º 36, 24.

³⁸⁸ *Ibidem*, n.º 45, 29.

³⁸⁹ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 56.

palavras vazias; no entanto, eles são sensíveis à figura de Jesus, quando esta é apresentada de modo atraente e eficaz”³⁹⁰.

Não tem sentido, por conseguinte, falar da relação fé-vida ou fé-cultura, porque a proposta religiosa já não encontra espaço cultural para se exprimir de forma compreensível. De facto,

“É sempre surpreendente tomar consciência desta situação inédita das jovens gerações em relação à fé, ou seja, o facto de que o seu poder de sintonização e de escuta da mensagem da fé tenha ficado, por assim dizer, bloqueado, inativado”³⁹¹.

Isto é: grande parte dos adultos crentes necessitam de tomar consciência de que, “para os jovens de hoje a fé é uma linguagem estrangeira”³⁹², porque “cada um sabe como é difícil aprendê-la na idade madura, (...) e como é complicado ensiná-la a quem já não é criança”³⁹³. E os jovens crentes? Também estes “são projetados para o futuro e enfrentam a vida com energia e dinamismo”³⁹⁴, porque (esses valores) são “transmitidos pelos pais, pelos avós e pela bagagem cultural da sociedade onde vivem”³⁹⁵. Mas “alguns manifestam a tendência para viverem a sua fé privadamente, desvinculando-a da vida real”³⁹⁶. Estas situações de isolamento, de privatização, de alheamento vivem-se e encontram-se espalhadas por toda a parte, especialmente nos meios da comunicação social. Aqui necessita-se de ideias novas, de impulsos novos; mas é preciso principalmente preparar pessoas corajosas, portadoras de reflexão crítica e de sã conduta de vida, porque o “mundo juvenil é o lugar por excelência no qual, de forma mais imediata, se manifestam os traços culturais típicos da nossa sociedade”³⁹⁷. Exige-se um discernimento atento e a capacidade de perceber em profundidade os problemas postos pelas mudanças em curso. “É urgente entender a realidade cultural juvenil, com o seu conjunto de valores e limites, experiências, linguagens e símbolos”³⁹⁸. Esta realidade cultural juvenil que aqui se refere manifesta-se deste modo:

³⁹⁰ FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 39, 22-23.

³⁹¹ A. MATTEO, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, 36-37.

³⁹² *Ibidem*, 63.

³⁹³ *Ibidem*.

³⁹⁴ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º 35, 23, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

³⁹⁵ *Ibidem*.

³⁹⁶ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 56.

³⁹⁷ F. ATTARD, *Pastoral Juvenil Salesiana, Quadro de referência*, 68.

³⁹⁸ *Ibidem*.

“Todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; esforça-se por dominar, pelo estudo e pelo trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e das instituições, a vida social, quer na família quer na comunidade civil; e, finalmente, no decorrer do tempo, exprime, comunica aos outros e conserva nas suas obras, para que sejam de proveito a muitos e até à inteira humanidade, as suas grandes experiências espirituais e as suas aspirações”³⁹⁹.

Estes são os elementos que formam a sua mentalidade e a sua sensibilidade.

Muito cedo os jovens ficam expostos a uma alternativa sem saída. Isto é: não de orientar-se para o campo social e abrir-se à vida adulta à margem dos critérios religiosos? Ou manter-se fiéis ao próprio horizonte ideal, que é o da fé, privilegiando o privado? Também podemos perguntar: como educar os jovens na reconstrução de uma nova identidade cristã no interior dos processos de desenvolvimento dos valores humanos? O desafio é grande, imenso mesmo. Não se trata aqui de dar somente uma resposta abstrata às perguntas; trata-se de todo o dinamismo da vida e da civilização; trata-se do sentido das várias iniciativas da existência quotidiana e, ao mesmo tempo, dos pontos basilares para a viabilidade de qualquer projeto de educação.

É um facto que “os jovens nas estruturas habituais, muitas vezes não encontram respostas para as suas inquietações, necessidades, problemáticas e feridas”⁴⁰⁰. Por isso, trata-se, no fundo, de encontrar razões de esperança. Mesmo assim, dentro de cada jovem há valores positivos, dos quais se podem tirar grandes resultados, ou seja, segundo Dom Bosco, “em cada jovem, existe um ponto acessível ao bem e o primeiro dever do educador ou acompanhador é procurar este ponto, esta corda sensível do coração e tirar dele o bom proveito”⁴⁰¹. “Nesta busca deve-se privilegiar o idioma da proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial que toca o coração e chega à vida, despertando esperanças e desejos”⁴⁰². E a “linguagem que a gente jovem entende é a linguagem daqueles que dão a vida, de quem está ali por eles e para eles, e de quem,

³⁹⁹ Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, Gaudium Et Spes*, n.º 53, 213, in AAS 58 (1966) 1075.

⁴⁰⁰ FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal CHIRTUS VIVIT, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 202, 109.

⁴⁰¹ G. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. V, 367.

⁴⁰² FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 211, 113.

apesar das suas limitações e fragilidades, tenta viver a sua fé com coerência”⁴⁰³. Neste sentido, o acompanhamento deve ser apoiado pelo acompanhante neste processo de libertação interior e de integração da experiência humana, a fim de o ajudar a enfrentar bem os obstáculos que podem impedir a sua entrega a Jesus.

“No acompanhamento espiritual deve-se ser suporte/facilitador para que o acompanhado atinja a liberdade interior e a integração da sua vida emocional/cognitiva e comportamental, desde a experiência singular e frontal do encontro surpreendente com Cristo”⁴⁰⁴.

Com isso, o acompanhante confronta-se seriamente com esta cultura, descobre nela os sinais da presença de Deus e o apelo à renovação da linguagem e das atitudes. É esta a experiência que queremos transmitir e comunicar aos jovens. Por isso, da nossa parte, estamos decididos a aceitar os desafios que nos vêm dos jovens. Mas também os desafiamos a eles para que tenham a coragem de apostar na fé.

1.3. O desafio da vida

Os desafios até aqui indicados são desafios que emergem dos mesmos factos e que levantam inquietações e oportunidades reais. Há, todavia, um desafio que é a síntese e a matriz de todos os outros e por todos perpassa: é o desafio da vida.

Antes de mais, “o jovem deve acolher a vida. Isto é, a aceitação de si mesmo”⁴⁰⁵, porque muitos jovens andam à procura de um sentido de vida, especialmente quando vivem mergulhados numa profunda e radical insatisfação e se colocam perante o futuro.

Alguns jovens são “ideologizados, utilizados e aproveitados como carne para canhão ou como força de choque para destruir, amedrontar ou ridicularizar outros”⁴⁰⁶. E “ainda mais numerosos no mundo são os jovens que padecem de formas de marginalização e exclusão social por razões religiosas, étnicas ou económicas”⁴⁰⁷.

⁴⁰³ *Ibidem*.

⁴⁰⁴ C. GONÇALVES, “Contributos conceituais e metodológicos da psicologia para o acompanhamento espiritual”, *Espiritualidade* 97-98 (2016), 43-60.

⁴⁰⁵ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 76.

⁴⁰⁶ FRANCISCO, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit, aos jovens e a todo o povo de Deus*, n.º 73, 37.

⁴⁰⁷ *Ibidem*, n.º 74, 38.

Além do que foi mencionado anteriormente, tenhamos presente que também há “muitos jovens que vivem em contextos de guerra e sofrem a violência numa inumerável variedade de formas: raptos, extorsões, criminalidade organizada, tráfico de seres humanos, escravatura e exploração sexual, estupros de guerra, etc.”⁴⁰⁸ Outros ainda experimentam manifestações ainda mais dolorosas:

“Na fome que procura o pão; na opressão que procura a liberdade; na solidão que procura a comunhão; na profanação que procura a dignidade; na incerteza que procura a segurança; no absurdo que procura um sentido; na violência que procura a paz. Há jovens que vivem satisfeitos nos seus estudos, na sua família, com os amigos, no bem-estar, no tempo livre e acabam por não sentir a necessidade da fé e de uma outra vida. Há finalmente aqueles que anseiam por viver em plenitude”⁴⁰⁹.

Desta forma, reveste-se de especial importância a busca do sentido para a vida e do seu significado último. A razão para tal pode ser lida no texto do XXIII Capítulo Geral (CG23):

“Estes desejos de vida dos jovens assumem hoje características próprias, isto é, a busca de uma nova qualidade de vida, na qual, ultrapassadas as necessidades primárias, sejam oferecidas respostas a outras necessidades mais pessoais, relacionais e religiosas, sensibilidade para a dignidade da pessoa humana e dos seus direitos, busca de novas motivações para viver como homens verdadeiros no mundo de hoje”⁴¹⁰.

Para além da forma como se exprimem, vemos que muitos jovens andam à procura de um sentido para a vida, especialmente quando vivem mergulhados numa profunda e radical insatisfação e se colocam perante o futuro. Neste processo de maturação, o acompanhador espiritual juvenil desempenha um papel insubstituível; visando “ajudar os jovens na reflexão, oferece-lhes a riqueza da sua própria experiência de adulto”⁴¹¹. Também lhes oferece alguns encontros: um colóquio espontâneo em momentos de

⁴⁰⁸ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º 41, 27, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

⁴⁰⁹ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 58.

⁴¹⁰ *Ibidem*, 58-59.

⁴¹¹ *Ibidem*, 78.

distensão e de jogo ou encontros pessoais oportunamente marcados para uma rápida avaliação de acontecimentos e situações.

Perante estes desafios, o acompanhado sente-se interpelado espiritualmente em toda a linha, sem deixar nenhum aspeto da sua identidade. Ele é levado a verificar e a avaliar o seu ser e o seu agir. Assim, “o acompanhamento impele para a vida, para a viver com novo sentido e com autonomia na comunidade; a partir da realidade da vida, feita experiência quotidiana de partilha e de crescimento na doação”⁴¹².

2. A necessidade da formação do acompanhador espiritual

Como identificar os traços que caracterizam o modelo e a formação para o acompanhamento espiritual praticado e ensinado por Dom Bosco? Podem ser identificados, observando o santo educador na ação, no ambiente formativo do Oratório, isto é, na sua forma de acompanhamento e de relacionamento com os jovens. Analisaremos, por isso, dois aspetos: *primeiro*, a criação de um ambiente educativo ordenado; *segundo*, a formação do educador ou acompanhador.

2.1. Criação de um ambiente educativo e organizado

Dom Bosco foi um pastor-educador, que não se limitou a atividades tradicionais (pregação, catecismo, confissões e celebração eucarística) ou ao contacto ministerial pessoal com cada um dos jovens. Preocupou-se, além disso, em criar um ambiente educativo bem ordenado, rico de propostas formativas e de relações humanas⁴¹³. Era neste ambiente que ele procurava inserir os jovens a fim de os poder conquistar para Deus, para depois os acompanhar, passo a passo, na formação cristã da própria personalidade, por meio de um processo educativo pleno⁴¹⁴.

No Oratório e nas outras obras educativas de Dom Bosco, o encontro entre o formador e o jovem acontece no contexto de uma comunidade educativo-pastoral variada. Nesse ambiente formativo global, o acompanhamento não se limita ao momento do

⁴¹² C. GONÇALVES, “Contributos conceituais e metodológicos da psicologia para o acompanhamento espiritual”, 53.

⁴¹³ Cf. J. BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 118-121.

⁴¹⁴ *Ibidem*, 119.

diálogo íntimo e do sacramento (da reconciliação), mas conecta-se, integra-se e mistura-se com os demais estímulos formativos comunitários postos em ação.

“Os jovens pediram-nos, de muitas maneiras, para qualificar a figura dos acompanhadores. O serviço do acompanhamento constitui uma verdadeira missão, que requer a disponibilidade apostólica de quem o presta. (...) Acompanhar exige colocar-se à disposição tanto do Espírito do Senhor como de quem é acompanhado, com todas as suas qualidades e capacidades, e depois ter a coragem de humildemente se afastar”.⁴¹⁵

Por isso é necessário que “o bom acompanhador seja uma pessoa equilibrada, que sabe escutar, uma pessoa de fé e de oração, que se confrontou com as suas próprias fraquezas e fragilidades”⁴¹⁶. Ele “sabe ser acolhedor dos jovens que acompanha, sem moralismos nem falsas condescendências. Quando é necessário, sabe oferecer também uma palavra de correção fraterna”⁴¹⁷. Neste sentido, “a consciência de que acompanhar é uma missão que exige uma profunda radicação na vida espiritual, há de ajudá-lo a manter-se livre em relação aos jovens que acompanha”⁴¹⁸. (...) “Para poder desempenhar o seu serviço, o acompanhador terá necessidade de cultivar a sua vida espiritual, alimentando a relação que o une Àquele que lhe confiou a missão”⁴¹⁹. No entanto, em qualquer ambiente, é preciso rodear os jovens de um clima educativo rico de intercâmbios comunicativo-afetivos. O facto de (o jovem) se sentir acolhido, reconhecido, estimado e amado é a melhor lição sobre o amor; porque quando escasseiam os sinais e os gestos de família, os jovens facilmente se afastam, não só fisicamente, mas também e sobretudo afetivamente.

Além disso, é necessário melhorar o ambiente educativo para que corresponda aos princípios evangélicos, traduzidos e concretizados na organização, nas relações pessoais, na forma de estar e no clima de família. Neste sentido, apraz-nos recordar a forma de atuar de Dom Bosco:

⁴¹⁵ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º 101, 62, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

⁴¹⁶ *Ibidem*, n.º 102, 62-63.

⁴¹⁷ *Ibidem*.

⁴¹⁸ *Ibidem*.

⁴¹⁹ *Ibidem*, n.º 103, 63.

“Dom Bosco atribuía grande importância aos aspetos humanos e à condição histórica da pessoa, à sua liberdade, à sua preparação para a vida e para uma profissão, ao compromisso com as liberdades civis, num clima de alegria e de generosa doação ao próximo, [...] e exprimia isso em palavras incisivas e simples: alegria, estudo, piedade, sabedoria, trabalho, humanidade”⁴²⁰.

Para criar um ambiente educativo bem ordenado e organizado no acompanhamento espiritual juvenil, é necessário que o acompanhante e o acompanhado se encontrem diariamente e de modo informal nos ambientes de vida e estabeleçam “frequentes trocas de ideias, compartilhem momentos de trabalho e de recreação, numa relação de recíproco conhecimento, [...] de intensa amizade, que prepara e dispõe à confiança, à entrega e à docilidade”⁴²¹. Para isso, o acompanhador “deve saber ler atentamente os sinais dos tempos para individualizar os valores emergentes que atraem os jovens: a paz, a liberdade, a justiça, a comunhão e a participação, a promoção da mulher, a solidariedade, o desenvolvimento e as urgências ecológicas”⁴²². Cria-se assim espaço e ambiente para um acompanhamento espiritual sistemático, simples e empenhativo.

Dom Bosco procura criar um ambiente educativo no qual, por meio do encontro cordial e da presença, da proximidade empática dos educadores e acompanhadores, se possam estabelecer relações de confiança e de amizade. Ele aposta na conquista dos corações. Para isto, emprega instrumentos comunicativos, linguagens e experiências para que todos se possam sentir à vontade e como se estivessem em casa, a fim de que se sintam tocados e atraídos pelo fascínio da proposta cristã, a ponto de amadurecer no jovem o desejo de romper com a tentação e de se entregar a Deus e buscar a perfeição⁴²³. De facto, o acompanhamento espiritual juvenil tendo em vista uma vida cristã é parte essencial, integrante e necessária no carisma de Dom Bosco. Ele foi inventivo ao criar ambientes de perfeita harmonia entre educação e fé, onde os seus jovens se tornavam missionários dos jovens.

⁴²⁰ JOÃO PAULO II, *Juvenum Patris*, n.º 10.

⁴²¹ F. ATTARD e M. GARCÍA, *Acompanhamento Espiritual Juvenil*, EDB, Brasília, 2015, 196.

⁴²² JOÃO PAULO II, *Juvenum Patris*, n.º 10.

⁴²³ G. BOSCO, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell Oratorio de S. Francesco di Sales*, 2ª ed, Tipografia dell Oratório di S. Francesco di Sales, Turim, 1866, 18.

2.2. A necessidade da formação do acompanhante espiritual juvenil

Dom Bosco amadureceu gradualmente a sua vocação de educador e acompanhador espiritual juvenil com o seu modo específico de ser cidadão, cristão e sacerdote. O acompanhador espiritual juvenil privilegia a prática da animação para levar os jovens à escuta e ao acolhimento de Jesus. O modelo é o do caminho de Emaús (Lc 24,13-35), que consiste em “aproximar-se de modo missionário da pessoa do jovem, ir ao encontro em atitude de escuta e acolhimento, anunciar o Evangelho com a oferta do acompanhamento”⁴²⁴.

A presença ativa dos acompanhadores entre os jovens implica o esforço de estar onde os jovens vivem e se encontram, criando com eles uma relação pessoal, ao mesmo tempo propositiva e libertadora. Trata-se do esforço de participação dos educadores adultos, feita de encontro, escuta e testemunho. Isto requer a presença física do educador/acompanhador naquilo que Dom Bosco chamou “assistência”, entendida como acompanhamento, proximidade animadora, atenção a tudo o que acontece, possibilidade de intervenção oportuna e exemplo⁴²⁵. A formação dos educadores/acompanhadores pretende possibilitar neles uma tripla conversão do coração, da mente e da ação, relativamente ao acompanhamento dos jovens. Esta formação remete para a disponibilidade da mente e do coração para se deixar educar e acompanhar ao longo da vida. O carisma do acompanhador espiritual “não reside na sua autoridade para dirigir, nem na sua capacidade para solucionar problemas, nem na sua solicitude paterna, nem na sua santidade de vida; mas em pôr-se ao lado dos jovens para ser companheiro de caminho”⁴²⁶.

Hoje a formação deve assentar em novas estratégias educativas mais apropriadas para a resolução dos problemas do nosso tempo. Deve preparar os jovens para enfrentar realidades problemáticas, como a violência, a droga, a marginalização, a desigualdade, as injustiças; por isso, a escola deverá ter um papel ativo numa pedagogia de mudança.

Para fazer o acompanhamento espiritual dos jovens de hoje requer-se um esforço significativo; são precisos adultos ou acompanhadores maduros e crentes. “Para desenvolver esse serviço, o acompanhador terá necessidade de cultivar a própria vida

⁴²⁴ F. ATTARD, *Pastoral Juvenil Salesiana, Quadro de referência*, 122.

⁴²⁵ *Ibidem*, 122-123.

⁴²⁶ E. ALBUQUERQUE, *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, 151-152.

espiritual, alimentando a relação com Aquele que lhe confiou a missão”⁴²⁷, e “será importante que receba uma formação específica para este ministério particular e que possa beneficiar, por sua vez, de acompanhamento e de supervisão”⁴²⁸.

Dom Bosco deixou um desafio que consiste em “fazer com que todos aqueles com quem conversares se tornem teus amigos”⁴²⁹.

Merecem relevância especial os pontos fundamentais da sua pedagogia, como a presença ativa do educador em todos os momentos na vida do jovem. É preciso que o educador esteja atento para descobrir aquilo de que o jovem gosta, e partir daí para a implementação de propostas educativas no âmbito do acompanhamento. É preciso conquistar a confiança do jovem para que se possa chegar à intervenção educativa, que visa formar bons cristãos e honestos cidadãos. Trata-se da realização histórica desse tipo de cristão, chamado a viver na Igreja e na sociedade num tempo e num espaço determinados⁴³⁰. Neste sentido, o método do acompanhamento espiritual juvenil de Dom Bosco pode ser útil para a nossa situação atual, enquanto acompanhadores e educadores chamados a agir no mundo, seja no âmbito civil, social ou político. Para isso, é preciso educar-se e formar-se para ser, de modo especial, simultaneamente educadores e acompanhadores, bons cristãos e honestos cidadãos.

No processo de acompanhamento, é de todo o interesse saber antecipadamente diante de quem nos encontramos e conhecer a pessoa do jovem, a fim de intensificar a eficácia das nossas intervenções, porque “o acompanhamento espiritual tem a ver com o que há de mais íntimo, pessoal e inviolável na pessoa, e não nos exime do exercício sadio da liberdade da pessoa acompanhada”⁴³¹.

Por este conjunto de aspetos, fica perfeitamente claro que o ponto crucial continua a ser a formação dos educadores e dos acompanhadores, porque “o acompanhamento sugere uma relação mais fraterna, onde quem ajuda é um irmão mais velho da pessoa acompanhada, reduzindo-se também a intensidade da diretividade”⁴³².

⁴²⁷ SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Documento final, n.º 103, 63, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

⁴²⁸ *Ibidem*.

⁴²⁹ E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XIX (1888-1938), Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1939, 243.

⁴³⁰ CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXIII, *Educar os jovens para a fé*, 70.

⁴³¹ FRANCISCO, *Exortação Apostólica, Evangelii Gaudium*, n.ºs 169-173, in AAS 105, 12 (2013)1091-1092.

⁴³² P. CEBOLLADA, “O Acompanhamento ao longo da história”, *Revista de Espiritualidade* 97-98 (2016), 5-20.

Dom Bosco concebeu o ideal educativo para os adolescentes e os jovens numa educação integral, da qual Domingos Sávio foi exemplo acabado. (Dom Bosco) “gostava de sintetizar o seu programa educativo em três “s”: “saúde, estudo, santidade” [em italiano: *salute, studio, santità*]. Aos seus jovens ele costumava dizer: pão, trabalho e paraíso: eis três coisas que vos posso oferecer, em nome do Senhor”⁴³³. Os resultados formativos estão garantidos, diz Dom Bosco, somente se o educador/acompanhador se dedicar com zelo à sua obra. Ele é uma pessoa que deve dedicar o seu tempo ao bem dos jovens, deve estar pronto a enfrentar todo o incômodo e qualquer fadiga para alcançar a sua finalidade.

Os acompanhadores/educadores não de ser como pais, irmãos e guias; dão conselhos, corrigem, inspirando a própria intervenção e as suas atitudes na caridade cristã, que é benigna e paciente, tudo sofre, tudo espera e suporta qualquer contrariedade. Trata-se de estar sempre com os jovens. Assim, depois de conquistar o seu coração, os educadores poderão ter sobre eles grande ascendente para os orientar, aconselhar e corrigir⁴³⁴. A relação entre o educador/acompanhador e os jovens deve caracterizar-se por grande cordialidade, porque a familiaridade leva ao amor, e o amor gera confiança. É assim que se abrem os corações, e os jovens manifestam tudo sem medo, tornam-se sinceros na confissão e fora dela, e atendem docilmente a tudo o que lhes é proposto, com a convicção de serem amados. Esta familiaridade constrói-se no pátio, ou seja, no recreio⁴³⁵. Hoje, mais do que nunca, todos os educadores/acompanhadores são chamados a estar afetiva e efetivamente entre os jovens. Ou seja, a voltar cada vez mais a Dom Bosco.

3. Acompanhamento espiritual na experiência cristã

Ao longo da história, a Igreja recorreu à prática pastoral da “direção espiritual” como meio privilegiado para a personalização da fé e o discernimento do crente no seu caminho para Deus.

“Precisamos de uma Igreja ou comunidade de fé que nos ofereça oportunidades de culto e de partilha, permitindo-nos o empenho mútuo em corrigirmo-nos,

⁴³³ Cf. E. CERIA, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVIII (1886-1888), 1937, 420.

⁴³⁴ P. BRAIDO, *Dom Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, LAS, Roma, 1997, 258-266.

⁴³⁵ *Ibidem*, 378.

partilhar problemas e confessar faltas, e que ofereça perdão e celebre a vida. Também necessitamos de guias: amigos espirituais, um diretor espiritual ou um grupo de compromisso espiritual que funcione, para nós, como um lugar seguro aonde conduzir a nossa alma”.⁴³⁶

Neste exercício, insiste-se sempre em não depositar confiança excessiva, em não forçar, nos meios e nos recursos do acompanhante, pois o verdadeiro guia é o *Espírito que organiza, dirige e anima todas as coisas* (Cf. Gn 1,2). De facto, precisamos de acompanhantes capazes de perceber a ação de Deus na vida dos cristãos – e não só, também na vida das pessoas de boa vontade para os ajudar a reconhecer esta presença e a aprender a viver dela, a fim “de conhecer-se, aceitar-se, transformar-se humanamente e propor-se os valores cristãos a fim de viver configurado a Cristo”⁴³⁷. Isto é, trata-se dos pais e das mães espirituais, pessoas que comunicam a vida no Espírito. Porque “todo o cristão, pelo facto de o ser, é chamado à plenitude da vida cristã”⁴³⁸. Tal plenitude é a realização da vocação batismal à santidade, entendida como comunhão com Deus e com os homens na caridade. Para a concretização de tal vocação, tomamos um caminho que não se percorre sozinho, mas onde outros, que já o trilharam, poderão ajudar.

O acompanhamento espiritual é a ajuda oferecida por alguém com experiência a um fiel que caminha para a plenitude da vida em Cristo e no Espírito. No entanto, o Catecismo da Igreja Católica recorda, a propósito do acompanhamento espiritual, que “o Espírito Santo concede a certos fiéis dons de sabedoria, de fé e de discernimento”⁴³⁹. Estes dons podem ser encontrados nos sacerdotes e também nos fiéis não ordenados: religiosos, religiosas, leigos.

O acompanhamento espiritual é uma realidade com fundamento batismal, como consequência de ter sido batizado, e um apostolado concreto.

“Para caminhar rumo ao Senhor temos sempre necessidade de um guia, de um diálogo. Não o podemos fazer apenas com as nossas reflexões. De facto, “permanece válido para todos (...) o convite a recorrer aos conselhos de um bom pai espiritual, capaz de acompanhar cada um no conhecimento profundo de si

⁴³⁶ H. NOUWEN, *Acompanhamento Espiritual*, Editorial A.O., Braga, 2016, 8.

⁴³⁷ F. ATTARD, *O Acompanhamento Espiritual*, 339.

⁴³⁸ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja, Lumen Gentium*, n.º 40, gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 59, in AAS 57 (1965) 45.

⁴³⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n.º 2690, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 565.

mesmo, e conduzi-lo à união com o Senhor, para que a sua existência se conforme cada vez mais com o Evangelho.”⁴⁴⁰

Partindo desta perspectiva, a direção espiritual tem como meta promover a “unidade de vida”⁴⁴¹ que leva a buscar e a amar a Deus em tudo e a viver toda a existência com consciência da missão que a vocação cristã implica. A pessoa que é acompanhada espiritualmente precisa de ter uma atitude aberta à ajuda.

Todos procuramos orientação em algum momento da nossa vida. Procuramos um rumo, procuramos saber como orientar a nossa vida. Para os cristãos, a busca desse sentido passa sempre pela sua fé. Nesse sentido, o acompanhamento espiritual surge como resposta para esta procura de sentido. É verdade que este percurso tem mais perguntas que respostas, mas é um caminho que tem conhecido grande sucesso. Por isso, são sábias as palavras de S. João da Cruz que, na sua obra *Chama Viva de Amor*, alertou:

“Pensem bem os que guiam as almas e considerem que o principal agente, guia e inspirador das almas nesta obra não são eles, mas o Espírito Santo que nunca deixa de cuidar delas. Eles são apenas instrumentos para as dirigir na perfeição pela fé e na lei de Deus, segundo o espírito que Ele vai dando a cada uma. Por isso, hão de empregar todos os seus cuidados em saber por onde as leva o Senhor, e não em sujeitá-las ao próprio modo e condição deles; e, se não o sabem, deixem-nas e não as perturbem”⁴⁴².

Isto é, o companheiro de caminho, testemunha da fé, sacramento da comunidade, o acompanhante acolhe em sua vida o Espírito e vive no Espírito. Por isso, o acompanhante tem de estar consciente de que não é ele o protagonista do acompanhamento; é o Espírito, que atua no coração do homem respeitando a liberdade da pessoa⁴⁴³.

⁴⁴⁰ BENTO XVI, *Audiência Geral*, Roma, 16 de setembro de 2009. In http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090916.html. Acedido no dia 20/10/2020, às 21h15.

⁴⁴¹ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual*, *Gaudium Et Spes*, n.º 43, in AAS 58 (1966) 1063.

⁴⁴² JOÃO DA CRUZ, S., *Obras completas – Chama Viva e de Amor* 3, 46, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2005, 796.

⁴⁴³ E. ALBUQUERQUE, *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, Edições Salesianas, Porto, 2012, 159-160.

Toda a vida humana fala da necessidade de guias e mestres. A necessidade do outro como mestre e guia sente-se de uma maneira especial, quando estamos perante o trabalho real humano: a tarefa da descoberta de sentido, o crescimento pessoal, a realização do próprio projeto de vida, o discernimento da vontade de Deus. É aqui que se torna necessário um adulto, crente e pedagogo, que ajuda a vislumbrar e a fazer, a partir da liberdade e do amor, o próprio itinerário de amadurecimento humano e de crescimento na fé⁴⁴⁴.

O acompanhante espiritual dos cristãos é homem da Igreja, atua em nome da Igreja e procure ajudar as pessoas a viverem como Igreja, amadurecendo o sentido de pertença à comunidade cristã.

Desde os primeiros séculos apareceram na Igreja grandes mestres espirituais que acompanharam a fé dos crentes e também tratadistas que foram progressivamente definindo o sentido do acompanhamento e a identidade dos acompanhantes. Basta pensarmos em Santo Ambrósio, S. Jerónimo, S. Bento, Santa Teresa de Jesus, S. João da Cruz, Santo Afonso Maria de Ligório, S. João Maria Vianney, etc.

É oportuno fixarmo-nos em dois grandes mestres espirituais: João da Cruz e Francisco de Sales. Neles encontramos “um exemplo de direção espiritual e um ensino que nos pode ajudar a compreender melhor o perfil do acompanhante”⁴⁴⁵.

S. Francisco de Sales é considerado um dos mais eminentes modelos de diretor espiritual, pois foi ele que tornou popular a direção espiritual. De facto, a forma como S. Francisco de Sales entendia e punha em prática a direção espiritual destacou-se no seu tempo pela sua originalidade e destaca-se ainda hoje pela sua atualidade, pelo que é tido como um modelo a seguir. Para ele, o caminho da vida devota requer necessariamente a orientação de um guia: “se queres com todo o coração entrar na devoção, procura um guia sábio e prático que te conduza. Esta é a advertência mais necessária e importante.”⁴⁴⁶

Francisco de Sales, para lá dos dons e da sua estatura espiritual, distingue-se pela amabilidade e doçura no trato pastoral e por uma finura psicológica, procurando sempre ajudar cada um a andar pelo próprio pé.⁴⁴⁷ Por isso, a seu exemplo, podemos reconhecer que “crescer na fé e no amor de Deus significa ter uma vida espiritual que não é outra

⁴⁴⁴ *Ibidem*, 150.

⁴⁴⁵ J. SASTRE, *El acompañamiento espiritual*, Paulinas, Madrid, 1993, 21.

⁴⁴⁶ FRANCISCO SALES, S., *Filotéia ou Introdução à vida devota*. Traduzida por Frei João José P. de Castro, O.F.M., 12ª edição, Vozes, Petrópolis, 1996, 38.

⁴⁴⁷ *Ibidem*, 54.

coisa senão uma profunda experiência de relação pessoal com Deus”⁴⁴⁸. Ele foi visto por muitas pessoas que lhe pediram direção e conselhos como exemplo de bondade e mansidão, pastor zeloso e ardoroso. “Ao contemplar a sua figura e a sua espiritualidade, estamos habituados, às vezes, a admirar de modo especial o modo como viveu o amor com doçura e mansidão da ação”⁴⁴⁹. São Francisco de Sales contribuiu para o aperfeiçoamento espiritual de várias pessoas, revelando uma grande capacidade para compreender e iluminar aqueles que o rodeavam, o que se compreende por duas características fundamentais para o exercício da direção: a ciência e a santidade. As suas obras *Introdução à vida devota* e o *Tratado do Amor de Deus* permitem-nos admirar a sua profundidade espiritual.

Outra grande figura de mestre da vida espiritual, no século XVI, antes de S. Francisco de Sales, é S. João da Cruz. É conhecido por mestre e guia espiritual porque “encontra no seu ministério de acompanhamento uma verdadeira fonte de experiência espiritual, não só pelo que recebe de outros, mas pelo que vai elaborando nas suas obras escritas”.⁴⁵⁰ A partir da sua experiência interior e espiritual, da sua oração, dos diálogos, ficou convencido da importância de ter alguém que pode ajudar no discernimento daquilo que se vai passando na vida interior de cada um, na sua procura de Deus. Por isso, ele diz que “Deus é muito amigo de que a direção e comunicação do homem se faça por meio de outro homem igual a ele, e que o homem seja guiado e governado pela razão natural”⁴⁵¹. Acrescenta que “quem quiser estar sozinho, sem ajuda de mestre ou guia, assemelha-se à árvore do campo, sozinha e sem dono: por muito fruto que dê, os caminhantes sempre a colherão antes do tempo”⁴⁵².

S. João da Cruz oferece caminhos concretos que ensinam a pessoa a saber estar na presença de Deus de forma habitual. Neste acompanhamento espiritual, o acompanhante e o acompanhado necessitam de abertura e confiança; por isso, João da Cruz escreve: “Quanto às coisas da alma, a melhor segurança é não se apegar a nada, nem ter apetite de nada. Seja muito sincera e verdadeira com quem a orienta; caso contrário, seria não querer um guia”⁴⁵³. Nas suas obras, S. João deixa-nos vários conselhos de como

⁴⁴⁸ F. ATTARD, *O Acompanhamento Espiritual*, 57.

⁴⁴⁹ *Ibidem*, 29.

⁴⁵⁰ J. TEIXEIRA, “A Arte de acompanhar segundo S. João da Cruz”, *Revista de Espiritualidade* 97-98 (2017), Marco de Canaveses, 108.

⁴⁵¹ JOÃO DA CRUZ, S., *Obras completas – Subida do Monte Carmelo (Segundo Livro)*, capítulo 22, 9, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2005, 271.

⁴⁵² JOÃO DA CRUZ, S., *Obras completas – Ditos de Luz e Amor*, 5, 86.

⁴⁵³ JOÃO DA CRUZ, S., *Obras completas – Carta*, 11, 842.

há de ser aquele que acompanha. Uma das mediações que é de preciosa ajuda neste processo é a figura do diretor espiritual ou acompanhante espiritual.

Hoje o carisma do acompanhamento espiritual cristã continua a ser necessário. O Concílio Vaticano II une estreitamente a formação espiritual com a ajuda do diretor espiritual. E sublinha a importância de os futuros sacerdotes se prepararem para “a arte de dirigir almas”⁴⁵⁴, a fim de levar o acompanhante a crescer na fé como filhos da Igreja.

O Papa Leão XIII, na carta que escreveu ao Arcebispo de Baltimore, Cardeal James Gibbons, sobre o *Americanismo* disse: “Deus dispôs que, de forma ordinária, os homens se salvem com a ajuda de outros homens; e assim, aos que Ele chama a um grau mais alto de santidade proporciona-lhes também quem os guie até esta meta”⁴⁵⁵. E S. João Paulo II, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores Dabo Vobis*, ao tratar da formação permanente dos sacerdotes, argumenta nos seguintes termos:

“A prática da direção espiritual contribui muito para favorecer a formação permanente dos sacerdotes. É um meio clássico, que nada perdeu do seu precioso valor, não só para assegurar a formação espiritual, mas ainda para promover e sustentar uma contínua fidelidade e generosidade no exercício do ministério sacerdotal. Como então escrevia o futuro Papa Paulo VI, “a direção espiritual tem uma função belíssima e pode dizer-se indispensável para a educação moral e espiritual da juventude que queira interpretar e seguir com absoluta lealdade a vocação da própria vida, seja ela qual for, e conserva sempre uma importância benéfica para todas as idades da vida, quando à luz e à caridade de um conselho piedoso e prudente se pede a comprovação da própria retidão e a ajuda para o cumprimento generoso dos próprios deveres. É meio pedagógico muito delicado, mas de grandíssimo valor; é arte pedagógica e psicológica de grande responsabilidade para quem a exerce; é exercício espiritual de humildade e de confiança para quem a recebe”⁴⁵⁶.

Promovendo a direção espiritual, estaremos a contribuir para uma Igreja mais unida. Hoje em dia, o cristão, seja um clérigo, religioso/a, ou leigo é chamado a viver a sua fé

⁴⁵⁴ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre a Formação Sacerdotal, Optatum Totius*, n.º 19, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 335, in AAS 58 (1966) 725.

⁴⁵⁵ LEÃO XIII, Carta ao Cardeal James Gibbons, Arcebispo de Baltimore, Roma, 1899, cit. in ASS, vol. XXXI (1898-1899) 470-479.

⁴⁵⁶ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Pastores Dabo Vobis, ao Episcopado, ao Clero e aos fiéis sobre a Formação dos Sacerdotes nas circunstâncias atuais*, n.º 81, Edições Paulistas, Lisboa, 1992, in AAS 84 (1992) 799-800.

no mundo. É no meio deste mundo que o cristão é chamado a viver a experiência de Deus. Por isso, o acompanhamento espiritual na experiência cristã é muito importante e cada vez mais insubstituível, para que o cristão possa abrir o seu coração, na confiança e no desejo de crescer nos caminhos do Senhor. A vivência cristã no acompanhamento espiritual tem Jesus Cristo como primeira referência. A sua missão não se reduz ao anúncio de doutrinas formais; “concretiza-se por meio de palavras e ações”⁴⁵⁷. Este é o paradigma de quem visa ocupar-se das pessoas, dando-lhes a direção certa, para que cresçam na sua vida cristã.

⁴⁵⁷ CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, Dei Verbum*, n.º 2, in AAS 58 (1966), 818.

CONCLUSÃO

João Bosco afirmou que o sonho dos nove anos ficou profundamente impresso na sua mente ao longo da vida. Com este sonho, a sua juventude tornou-se a antecipação de uma extraordinária vocação educativa e pastoral. Desde criança, sente o chamamento a configurar sua vida a uma progressiva encarnação do ministério sacerdotal, segundo um estilo próprio: ser sinal do Bom Pastor para os jovens e para a gente do povo.

A chegada de Dom Bosco à cidade de Turim de 1841 corresponde, para o jovem padre camponês, à descoberta de um mundo juvenil inesperado e novo, por um lado, são muitas crianças e jovens que convergem para a capital do Estado em busca de trabalho e sustento para o futuro; por outro, Dom Bosco descobre uma sociedade com características mais perigosas, cruéis e duras do que aquelas que vivera nos Becchi ou mesmo na pequena cidade de Chieri. É como se Dom Bosco fosse lançado num mundo novo, em que não faltam problemas sociais, económicos, políticos e religiosos; um mundo em que vai crescendo o anticlericalismo e em que o sentir habitual da classe nobre, incluindo uma parte da Igreja, é que os jovens não estão e jamais estarão adequados a uma sã convivência social. Muitos deles são analfabetos, ignorantes, religiosamente não praticantes, dados ao furto e aos crimes. O único remédio ou destino é a prisão na idade juvenil.

Dom Bosco, graças também à orientação e ao acompanhamento espiritual do Pe. Cafasso, vê essa situação com outros olhos, ou seja, vê nos encarcerados, possíveis futuros honestos cidadãos; nos jovens em situação de rua, bons cristãos; nos limpachaminés e nos jovens operários, futuros santos, pilares da sociedade e da Igreja do presente e do futuro. O seu olhar é marcado pela simpatia. Por isso, é-lhe fácil «meter-se na pele» dos seus jovens. Amadureceu nele, durante a sua formação vocacional, um modelo de padre caracterizado pela proximidade, pela capacidade de empatia, pelo acompanhamento e pelo contacto imediato, que o tornam capaz de entrar nos sentimentos dos jovens. Trata-se de buscar os jovens na sua realidade, com os seus recursos e dificuldades, e descobrir os desafios dos contextos culturais, sociais e religiosos em que vivem, dialogando com eles para lhes propor, através da pedagogia do acompanhamento espiritual, um caminho de encontro vivo e comunitário com Jesus Cristo.

O aprofundamento da experiência espiritual e educativa de Dom Bosco deu-me uma boa oportunidade para focalizar o tema do acompanhamento, tão urgente atualmente. Também hoje muitos jovens precisam de ser acolhidos e compreendidos, como os daquele tempo, apesar de a sua situação apresentar condições e aspetos muito

diversificados. Também hoje subsistem as principais questões sobre as quais o sacerdote João Bosco meditava, desde o início do seu ministério, desejoso de compreender e de agir com determinação.

Dom Bosco sentiu-se cada vez mais envolvido nas profundas e complexas mudanças políticas, sociais e culturais que marcaram toda a sua vida. Motes revolucionários, guerra, êxodo das populações dos campos para as cidades, são tudo fatores, que irão incidir sobre as condições da vida das pessoas, especialmente as pertencentes aos meios mais pobres. Concentrados nas periferias das cidades, os pobres em geral e os jovens em particular tornaram-se alvo de abusos ou vítimas de desemprego; durante o seu crescimento humano, moral, religioso e profissional, são seguidos de maneira insuficiente e muitas vezes de maneira nenhuma. Sensíveis a todas as mudanças, os jovens ficam, frequentemente, inseguros e desorientados. Diante desta massa desenraizada, a educação tradicional fica baralhada. Com diferentes motivações, filantropos, educadores e eclesiásticos esforçam-se por ir ao encontro destas novas necessidades.

De todos os fatores que intervêm no funcionamento do Oratório de Dom Bosco, o mais importante é a presença amável e contínua do educador, totalmente empenhado em conseguir que os educandos se sintam envolvidos numa atmosfera de família, realidade desconhecida por muitos deles. É precisamente na criação do clima de à vontade e de família que reside o núcleo da pedagogia e metodologia educativa de Dom Bosco.

Os princípios espirituais que regulam a conduta dos sacerdotes no “Convitto” insistiam na grave responsabilidade do sacerdote no que toca ao cumprimento da sua missão de salvar almas. A predileção de Dom Bosco pelos jovens traduzia-se em frases sugestivas, tais como: “Basta que sejais jovens, para que eu vos ame intensamente”, e: “Prometi a Deus que até o meu último suspiro seria pelos meus queridos jovens».

O Acompanhamento Espiritual Juvenil tem em vista o amadurecimento integral do jovem. Orienta-se, assim, para o ajudar no trabalho da autorrealização e do crescimento espiritual. Para chegar a este crescimento, urge dar atenção particular às características do jovem. É muito importante no acompanhamento espiritual dos jovens o conhecimento da sua evolução psicológica e dos seus processos de crescimento, como também da atual condição juvenil. É importante conhecer o jovem concreto que é acompanhado: saber o que pensa e o que deseja.

Quando nos aproximamos de Dom Bosco para o estudar na perspectiva do acompanhamento espiritual juvenil, descobrimos a dificuldade em nele distinguir as

atitudes, os métodos e os conteúdos que o qualificam como educador e acompanhante no exercício do acompanhamento espiritual. Por isso, apresento algumas reflexões sobre a estreita relação que existe entre a ação educativa de Dom Bosco e a orientação espiritual dos seus jovens, e as consequências que essa relação comporta para a missão da formação do jovem. Ele entreviu que a finalidade original da sua missão era revelar aos jovens pobres o amor de Deus por eles. E também intuiu os princípios inspiradores de um estilo de acompanhamento adequado, que é o estilo do Bom Pastor. A sua missão e o seu projeto de vida exprimem-se num estilo de vida e ação. Por isso, a encarnação mais característica e expressiva do seu espírito é o “Sistema Preventivo”.

O Sistema Preventivo inspira um projeto educativo de promoção integral, presente na proposta de evangelização para os jovens nos diversos contextos. Salientamos que a riqueza humanista e o êxito educativo do Sistema Preventivo derivam do dinamismo que vem da relação entre a razão, a religião e a *amorevolezza*⁴⁵⁸. O Sistema Preventivo torna-se método do acompanhamento espiritual na ação educativa, caracterizada por três focos centrais: a centralidade da razão, expressa na razoabilidade das exigências e das normas, na flexibilidade e na persuasão das propostas; a centralidade da religião, entendida como desenvolvimento do sentido de Deus, conatural a todos, num esforço para lhes mostrar a beleza da Boa Nova; a centralidade da bondade, do amor educativo, que faz crescer e cria correspondência entre o jovem e o acompanhante.

Podemos perguntar-nos: em que condições o Sistema Preventivo pode ser atual, hoje? Ele foi inspirado, moldado e realizado como resposta às exigências formativas ligadas a específicos contextos culturais, os da Itália do século XIX, que se encaminhava para se tornar uma nação unitária. A “pretensão” de todos os que trabalham com o carisma de Dom Bosco é a de afirmar que o Sistema Preventivo ainda tem muito a dizer aos jovens e às jovens que se interrogam sobre a sua formação e o seu futuro. Mas é preciso, tal como fez Dom Bosco, voltar a fazer da educação uma opção de vida; voltar a ler, em chave educativa, a condição juvenil e o contexto sociocultural; e repensar, de forma “preventiva”, as formas e os âmbitos da ação educativa.

O trinómio razão, religião e *amorevolezza*, não expressa apenas o projeto educativo de formação integral nem é apenas o método prático que o educador deve utilizar; ele revela também os traços fundamentais de uma espiritualidade a descobrir, a viver e a renovar continuamente. Por isso, ontem como hoje, o Sistema Preventivo precisa

⁴⁵⁸ É palavra italiana que teria como correspondente em português, amabilidade.

de pessoas que façam da educação uma opção de vida; que a educação se torne o centro unificador da vida pessoal e o foco inspirador e dinâmico da ação, das funções e das responsabilidades pessoais.

O acompanhamento espiritual é a ajuda oferecida por alguém com experiência a um fiel que caminha para a plenitude da vida em Cristo e no Espírito. Todos procuramos orientação em algum momento da nossa vida. Procuramos um rumo, procuramos saber como orientar a nossa vida. Para os cristãos, a busca desse sentido passa sempre pela sua fé. Nesse sentido, o acompanhamento espiritual surge como resposta para esta procura de sentido. O acompanhante espiritual dos cristãos é homem da Igreja, atua em nome da Igreja e procure ajudar as pessoas a viverem como Igreja, amadurecendo o sentido de pertença à comunidade cristã.

Que a reflexão feita nesta dissertação possa servir ao leitor de incentivo e alento, a fim de não desanimar nesta tarefa tão nobre que é o acompanhamento espiritual juvenil.

Sei que este trabalho pode ser considerado por alguns “um trabalho de menor importância”. Mas para mim foi muito importante fazê-lo, pois aproximou-me mais dos jovens, dos colegas, dos outros e de Deus.

Ao concluir esta reflexão, tenho a consciência de que muito ficou por dizer, de que muito ficou por fazer; sei, porém, que para mim valeu a pena.

BIBLIOGRAFIA

I. DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

BENTO XVI, *Audiência Geral*, Roma, 16 de setembro de 2009, in http://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090916.html. Acedido no dia 20/10/2020, às 21h15.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n.º 2690, gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 565.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, Dei Verbum*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 93-111, in AAS 58 (1966), 817-835.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, Gaudium et Spes*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 155-258, in AAS 58 (1966) 1025- 1115.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja Lumen Gentium*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 3-91, in AAS 57 (1965) 5-67.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre o apostolado dos leigos, Apostolicam Actuositatem*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 377- 415, in AAS 58 (1966) 837 – 864.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre a Formação Sacerdotal, Optatam Totius*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2013, 337-358, in AAS 58 (1966), 713-727.

FRANCISCO, *Como Dom Bosco, com os jovens e para os jovens*, Carta do Santo Padre Francisco ao Padre Ángel Fernández Artime, Reitor-mor dos salesianos, no bicentenário do nascimento de São João Bosco, 2015. Cf.

[http://www.familia.salesianos.pt/docs/default-source/gerais/carta-papa-francisco-bicentenario-\(pt\).pdf](http://www.familia.salesianos.pt/docs/default-source/gerais/carta-papa-francisco-bicentenario-(pt).pdf). (28/04/2020, às 16h15).

_____, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, aos jovens e a todo o povo de Deus Chirtus Vivit*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2019, 3-163.

_____, *Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Evangelii Gaudium*, Paulinas editora, Águeda, 2013, in AAS 105 (2013), 12, 1-119.

JOÃO PAULO II, *Cartas Apostólicas no centenário da morte de São João Bosco, Juvenum Patris*, in AAS 80 (1988) 969-987.

_____, *Exortação apostólica pós-sinodal, sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais, Pastores Dabo Vobis*, Edições Paulistas, Lisboa, 1992, 5-153, in AAS 84 (1992), 657- 804.

LEÃO XIII, Carta ao Cardeal James Gibbons, Arcebispo de Baltimore, Roma, 1899; in http://www.vatican.va/content/leo-xiii/la/letters/documents/hf_l-xiii_let_18990122_testem-benevolentiae.html, in ASS 31 (1898-1899), 470-479.

PAULO VI, *Exortação Apostólica, ao Episcopado, ao Clero, aos Fiéis de toda a Igreja sobre a Evangelização no mundo contemporâneo, Evangelii Nuntiandi, Editorial A. O., 7ª edição, Braga, 1990, 5-78*, in AAS 68 (1976) 5 –76.

PIO XII, Exortação Apostólica ao clero do mundo católico sobre a santidade da vida sacerdotal, *Menti Nostrae*, in AAS 42 (1950) 657-702.

SÍNODO DOS BISPOS, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, Documento final*, Edições Salesianas, Porto, 2018, 3-105, in AAS 110, 11 (2018) 1583-1658.

II. ESTUDOS

AGASSO, D., AGASSO, R. e AGASSO, JR., D., *Dom Bosco. Uma vida sem tempo*, Edições Salesianas, Porto, 2014.

ALBURQUERQUE, E., *Acompanhamento Espiritual na Pastoral Juvenil*, Ed. Salesianas, Porto, 2017.

ALVES, J.M., *Vida de S. João Bosco, Sonho e realidade*, Coleção de biografias, 29, 3ª ed. Edições Salesianas, Porto, 1978.

AMADOR, A., *Centenário da Obra Salesiana em Portugal - 1894-1994*. Edição da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, Lisboa, 1995.

ANJOS, A., *Primeira Presença dos Salesianos em Portugal, 1894/1910. Pedagogia de Dom Bosco*, Edição Salesiana, Porto, 2000.

ATTARD, F. e GARCÍA, M., *O acompanhamento espiritual*, Ed. Dom Bosco, Brasília, 2005.

ATTARD, F., *Pastoral Juvenil Salesiana, Quadro de referência*, 3ª edição e edição extracomercial, Roma, 2014.

AUBRY, J., *Escritos Espirituais de S. João Bosco*, Editorial Dom Bosco (EDB), S. Paulo, 1975.

BAUMAN, Z., *Ética pós-moderna*, Paulus, São Paulo, 1997.

_____, *Intimations os Postmodernity*, Routledge, Abingdon, 1992.

_____, *O mal-estar da pós-modernidade*. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.

BÖHNKE, D., *Shades of Gery: Science fiction, history and the problem of postmodernism in the work of alasdair grey*, Galda and Wilch Verlag, Berlim, 2004.

BOFF, L., *A voz do arco-íris*, Letraviva Editora, Brasília, 2000.

BOSCO, G., *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele allievo dell Oratorio de S. Francesco di Sales*, 2ª ed, Tipografia dell Oratório di S. Francesco di Sales, Turim, 1866.

_____, *Il Giovane Provveduto*, Tip. Paravia, Turim, 1847.

_____, *Il sistema preventivo nella educazione della gioventù*. Introdução e textos críticos ao cuidado de Pietro Braido, LAS, Roma, 1989.

BOSCO, J., *A arte de educar. Escritos e testemunhos*, Introdução e notas históricas – bibliográficas de Pietro Braido, Ed. Salesianas, Porto, 2013.

_____, *Ensinamentos de vida espiritual, uma antologia*, Introdução e notas de Aldo Giraudó, Ed. Salesianas, Porto, 2014.

_____, *Escritos Espirituais*, Coordenação de introdução, escolha dos textos e notas por Joseph Aubry, Editora Salesiana Dom Bosco, S. Paulo, 1975.

_____, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, Ensaio introdutório e notas históricas de Aldo Giraudó, Edições Salesianas, Porto, 2012.

BOSCO, T., *S. João Bosco. Uma biografia nova*, Edições Salesianas, Porto, 1987.

_____, *Vida de jovens. As biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco*. Estudo introdutório e notas históricas ao cuidado de Aldo Giraudó, Ed. Salesianas, Porto, 2012.

BRAIDO, P., *Dom Bosco educatore*, Scritti e testimonianze, LAS, Roma, 1997.

_____, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*, vol. 2. Tradução Geraldo Lopes, Editora Salesiana, São Paulo, 2008.

_____, *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*, LAS, Roma, 1988.

_____, *Prevenir, não Reprimir. O Sistema Preventivo de Dom Bosco*, Edições Salesianas, Porto, 2017.

CAMERONI, P., *Como estrelas no céu*, Edições Salesianas, Porto, 2018.

CAMPELO, C. R., *A “Política do Pai Nosso” como dimensão articuladora para a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”*, Dissertação de Mestrado em Educação – Centro Universitário Salesianos de São Paulo, Americana, 2014.

CAPÍTULO GERAL DOS SALESIANOS XXI, *Os Salesianos evangelizadores dos jovens*, Edição extra comercial, Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, Lisboa, 1978.

_____, XXIII, *Educar os jovens na fé, tarefa e desafio para a comunidade Salesiana hoje*, Edizione extra commerciale, Roma, 1990.

CASTRO, A., *A Espiritualidade de São João Bosco*, 1ª edição, Arte Brasil Editora, São Paulo, 2010.

CAVIGLIA, A., *Don Bosco. Profilo storico*, SEI, Turim, 1934.

_____, *Introduzione alla lettura de La Vitta de Savio Domenico*, vol. IV, SEI, Torino, 1943.

_____, *La pedagogia di Don Bosco*, SEI, Turim, 1955.

CEBOLLADA, P., “Acompanhamento espiritual ao longo da história”, *Revista Espiritualidade* 97- 98 (2016), 5-20.

CERIA, E., *Dom Bosco com Deus*, Edições Salesianas, Porto, 2014.

_____, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XIII, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1932.

_____, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVI (1883), Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1935.

_____, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVII (1884-1885), Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1936.

_____, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XVIII (1886-1888), Ediz. Extra-Commerciale, Tipografia della Società Editrice Internazionale, Torino, 1937.

_____, *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. XIX (1888-1938), Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1939.

CERRATO, N., *Vi presento Don Bosco. Note e commenti su dati e fatti della sua vita*, Editrice Elledici, Torino, 2005.

CIPOLLA, C., *La rivoluzione industriale*, cit in L. FIRPO, *Storia delle idee politiche, economiche e sociali*, vol. V, Utet, Turim, 1972.

CONSTITUIÇÕES da Sociedade de S. Francisco de Sales, Edição Extracomercial, Lisboa, 2004.

DAMON, W., *Que futuro para os jovens de hoje?*, Editorial Presença, 1ª edição, Lisboa, 2009.

LIMA, L., de Oliveira, *Piaget para Principiantes*, 5ª ed., Summus editorial, S. Paulo, 1980.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 6ª Edição corrigida e aumentada, com a contribuição de um grupo de colaboradores especializados, por COSTA J. Almeida; MELO, A. Sampaio e, Porto Editora, Porto, 1987

EAGLETON, T., *As Ilusões do Pós-modernismo*, tradução Elisabeth Barbosa, Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

EXPÓSITO, A., *Dom Bosco Hoje. Uma entrevista ao décimo sucessor de Dom Bosco*, Pe. Ángel Fernández Artime, Edições Salesianas, Porto, 2015.

FRANCISCO DE SALES, S., *Filotéia ou Introdução à vida devota*. Traduzida por Frei João José P. de Castro, O.F.M., 12ª edição, Vozes, Petrópolis, 1996.

GARCÍA, J., M., P., *Don Bosco en la historia*, Editorial CCS, Madrid, 1989.

GIDDENS, A., *The Consequences os modernity*, Polity press, Cambridge, 1990.

GIRAUDO, A., *Clero, seminario e società. Aspetti della Restaurazione religiosa a Torino*, LAS, Torino, 1993.

_____, *Ensinamentos de Vida Espiritual*, Edições Salesianas, Porto, 2014.

_____, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*, 2.ª edição, Edições Salesianas, Porto, 2012.

GODECHOT, J., *L'epoca delle rivoluzioni*, Utet, Turim, 1981.

GONÇALVES, C., “Contributos conceituais e metodológicos da psicologia para o acompanhamento espiritual”, *Espiritualidade 97-98* (2016), 43-60.

GRAÇA, L., *Elementos de história moderna e contemporânea*, 2ª edição, Editora da UCP, Lisboa, 1999.

HARVEY, D., *Condição pós-moderna*. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

HEARDER, H., *Italy in the age of the Risorgimento 1790-1870*, Longman, London – New York, 1983. *Enciclopedia italiana di scienze, lettere ed arti*, vol. XXXIV, Treccani, Roma, 1949.

INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO (ISS), *Fontes Salesianas, Dom Bosco e a sua obra*. Coletânea antológica, EDB, Brasília, 2015.

JAMESON, F., *Postmodernism and consumer society*. In “The anti-aesthetic. Essays in the postmodern culture”, Hall Forster (ed.), Bay Press, Washington, 1983,

JOÃO DA CRUZ, S., *Obras completas – Chama de Amor Via 3, 46*, Edições Carmelo, Marco de Canaveses, 2005.

_____, – *A subida no Monte Carmelo (Segundo livro) 22, 9*.

_____, – *Ditos de Luz e Amor, 5*.

_____, – *Obras completas – Carta, 11*.

LEMOYNE, G., *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*, Vol. I, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1898.

_____, Vol. III, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1903.

_____, Vol. IV, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1904.

_____, Vol. V, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1905.

_____, Vol. VII, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1909.

_____, Vol. IX, Ediz. Extra-Commerciale, Tip. Della Società editrice Internazionale, Torino, 1917.

LENTI, A., J. *Dom Bosco 1: História e Carisma*, Editora Dom Bosco, Brasília, 2012.

_____, *2: História e Carisma*, Editora Dom Bosco, Brasília, 2013.

LYOTARD, J.F., *A Condição Pós-Moderna*, Gradiva, Lisboa, 1989.

MAR, A., *História do Mundo*, vol. V, Texto Editores, Alfragide, 2014.

MARTIN, G., *The Red shirt and the house of Savoy: the story of Italy Risorgimento (1748-1871)*, Dodd, Mead & Co., New York, 1969.

MARTÍNEZ J., R., “Acoger, discernir, integrar y acompañar: critérios pastorales del Papa Francisco”, *Misión Jovens* 492-493 (2018), 15-25.

MATTEO, A., *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, Paulinas editora, Prior Velho, 2013.

MEA, Giuseppe. *Dicionário de Italiano-Português*, Porto Editora, Porto 1994.

MELLO, A., A., *A arte de ajudar. Atitudes fundamentais no acompanhamento espiritual*, 1ª edição, Lucerna, Cascais, 2018.

NANNI, C., *Il sistema preventivo e l'educazione dei giovani*, Libreria Ateneo Salesiano, Roma, 1989.

NIGG, W., *Dom Bosco um santo para o nosso tempo*, Edições Salesiana, Porto, 1983.

NÓBREGA, Z., *Cultura popular da pós-podernidade*, Universidade Federal da Bahia – Faculdade da Comunicação, Brasil, 2008.

NOUWEN, H., *Acompanhamento Espiritual. Sabedoria para percorrer o longo caminho da fé*, Editorial A. O, Braga, 2016.

PERAZA, F., *Los estigmas de nuestro tempo y la pedagogia de la bondad: situaciones históricas, reflexiones e hipótesis interpretativas, proyecciones y utopías educacionales*, 2ª Ed., Editorial Don Bosco – Centro Gráfico Salesiano, Quito, 2014.

ROSSO, S., “A correspondence with Umberto Eco” tradotto da Carolyn Springer: *Boundry* 2, 12 (1983) 1-13.

RUFFINATO, P., *Educhiamo con il cuore di Don Bosco, Note di Pastorale Giovanile*, n.º. 6, Roma, 2007.

SASTRE, J., *El acompañamiento espiritual*, Paulinas, Madrid, 1993.

STELLA, P., *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica: vita e opere*, LAS, Roma, 1979.

_____, Vol. II, 2ª edizione, LAS, Roma, 1981.

_____, Juan Bosco, en la historia de la educación, Editorial CCS, Madrid, 1996.

TEIXEIRA, J., “A Arte de acompanhar segundo S. João da Cruz”, *Revista de Espiritualidade* 97-98 (2017), Marco de Canaveses, 108.

TONELLI, R., *Para uma pastoral juvenil ao serviço da vida e da esperança. Educação à fé e animação*, Edições Salesianas, Porto, 2005.

VECCHI, J., *Traços de Espiritualidade Salesiana*, Edições Salesianas, Porto, 2003.

VIDLER, A., *A Igreja numa era de revolução, Ulisseia Limitada*, Lisboa, 1961.